



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL - PROFLETRAS
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ - CERES
DEPARTAMENTO DE LETRAS DO CERES - DLC**

RUTH FAUSTINO

**O TEXTO ARGUMENTATIVO EM SALA DE AULA: UMA
PROPOSTA DE ESCRITA COM EDITORIAIS**

**CURRAIS NOVOS/RN
2019**

RUTH FAUSTINO

**O TEXTO ARGUMENTATIVO EM SALA DE AULA: UMA
PROPOSTA DE ESCRITA COM EDITORIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, na área de Linguagens e Letramentos (Linha de Pesquisa em Teorias da Linguagem e Ensino – área de concentração em Linguística Aplicada).

Orientadora: Profa. Dra. Maria Assunção Silva Medeiros

**CURRAIS NOVOS/RN
2019**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas – SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ensino Superior do Seridó –
CERES Currais Novos

Faustino, Ruth.

O texto argumentativo em sala de aula: uma proposta de escrita com editoriais / Ruth Faustino. - 2019.

143 f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior do Seridó, Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Letras. Currais Novos, RN, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Assunção Silva Medeiros.

1. Produção textual - Dissertação. 2. Editorial - Dissertação.
3. Operadores argumentativos - Dissertação. I. Medeiros, Maria Assunção Silva. II. Título.

RN/UF/BS - CERES Currais Novos

CDU 81'33

O TEXTO ARGUMENTATIVO EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE ESCRITA COM EDITORIAIS

RUTH FAUSTINO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, na área de Linguagens e Letramentos (Linha de Pesquisa em Teorias da Linguagem e Ensino – área de concentração em Linguística Aplicada).

Orientadora: Profa. Dra. Maria Assunção Silva Medeiros

Aprovada em 20 de dezembro de 2019

Prof. Dra. Maria Assunção Silva Medeiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Presidente – Orientadora

Prof. Dra. Josilete Alves Moreira de Azevedo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Membro Interno

Prof. Dr. Ananias Agostinho Silva
Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA
Membro Externo

Currais Novos, 20 de dezembro de 2019

DEDICATÓRIA

A Deus, doador da sabedoria.
À minha mãe, minha primeira professora,
que me ensinou as primeiras letras e me introduziu
no mundo da leitura e da escrita.

AGRADECIMENTOS

A Deus, doador da vida e da sabedoria, por sua presença constante, ajudando-me a vencer todas as dificuldades.

Aos meus pais, pelo apoio e incentivo.

Ao meu irmão Rúbem, que me incentivou a fazer o mestrado, apesar do momento em que me encontrava.

Ao meu esposo Moacir, pela paciência nos momentos de estresse.

À minha orientadora, professora Dr^a Maria Assunção Silva Medeiros, que sempre acreditou em mim, pelas orientações dadas para a realização desta pesquisa, pela competência profissional em guiar-me pelo caminho do conhecimento científico, pela amizade que desenvolvemos, pelas horas de conversa sobre acontecimentos da vida que me serviram de inspiração e motivação e pela paciência para comigo.

À professora Dr^a Josilete Alves Moreira de Azevedo, coordenadora do PROFLETRAS, em Currais Novos, pelo acolhimento dado, pelas aulas motivacionais, pelos conselhos dados durante minha trajetória acadêmica no mestrado e pela luz lançada sobre tantos aspectos da minha prática pedagógica que me ajudarão a ser uma melhor professora.

Ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS), fomentado pela CAPES, que proporcionou a capacitação de professores de Língua Portuguesa da rede pública de ensino.

A todos os professores do mestrado PROFLETRAS, em Currais Novos, pelo acolhimento, pelas aulas maravilhosas que contribuíram para meu crescimento intelectual e aperfeiçoamento de minha prática pedagógica e pela amizade que desenvolvemos. Todos esses professores guardarei em meu coração.

A todos os funcionários do CERES de Currais Novos, pelo compromisso profissional, dando-nos condição para o funcionamento de um bom ambiente de estudo.

Podemos dizer que o prazer pela leitura nasce na primeira infância ao ouvirmos as histórias contadas ou lidas pelos adultos. Entretanto, o gosto pela compreensão do que nos falam os textos escritos deve ser intensificado na alfabetização, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, no Ensino Médio, ou seja: pela vida inteira. É através da leitura que adquirimos novos saberes, conhecemos o mundo que nos cerca e vislumbramos o futuro...

(MEDEIROS, M. A. S, 2017, pensamento inédito)

RESUMO

Sabemos que ainda há muito o que se estudar e pesquisar no ensino de Língua Portuguesa com o intuito de melhorar a prática didática, principalmente, no Ensino Fundamental. Diante disso, se faz necessário um trabalho mais específico na área de produção textual visto que os alunos apresentam muitas dificuldades de articulação de ideias e, isto fica mais evidenciado nos gêneros textuais argumentativos. Face ao exposto, nosso objeto de pesquisa é a construção da argumentação em textos produzidos pelos alunos em sala de aula. Como objetivo geral, procuramos analisar o processo argumentativo na construção do gênero textual Editorial escrito por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Quanto aos objetivos específicos, procuramos identificar as estratégias argumentativas utilizadas pelos alunos na produção do gênero textual Editorial. Também descrevemos os usos e funções dos operadores argumentativos utilizados pelos alunos em seus textos. Além disso, comparamos os textos da produção inicial e final quanto aos aspectos organizacionais da sequência argumentativa. Com relação à metodologia, nossa pesquisa constitui-se em uma pesquisa-ação, pois utilizamos como laboratório nossa própria sala de aula onde o professor/pesquisador e os alunos são os participantes do processo de investigação científica. Fundamentamos nosso trabalho nos estudos de alguns teóricos da Linguística Aplicada e da Linguística textual, dentre eles Marcuschi (2005, 2008); Koch (2016); Kock e Elias (2017, 2010); Antunes (2009, 2010), da Linguística Textual; Passarelli (2004) que trata do ensino da escrita na escola; Marcuschi (2008), com relação a gêneros textuais; Bakhtin (2003) sobre gêneros do discurso; Plantin (2008); Pinto (2010); Koch (2011) e Fiorin (2017), sobre Argumentação; Soares (2016); Melo (1985); Souza (2006), sobre Editorial; e a respeito da Sequência Didática (SD), com Dolz; Noverraz e Schneuwly (2004). Quanto aos resultados, pudemos constatar, após a intervenção com o emprego da SD, que os alunos não variam quanto ao tipo de operadores argumentativos na produção escrita, mas variam quanto a sua função argumentativa, embora demonstrem pouco conhecimento dessas marcas linguísticas, repetindo os mesmos operadores várias vezes ao longo do texto. Percebemos também, que os alunos empregam, em algumas situações, esses recursos da língua apresentando algumas dificuldades, comprometendo às vezes a argumentação do texto, pois não correspondem ao sentido discursivo nem ao valor semântico dessas expressões. Assim, concluímos que o trabalho com a produção textual argumentativa, no EF, necessita de mais atividades direcionadas ao uso e à compreensão dos elementos que entrelaçam os argumentos de persuasão, convencimento e de refutação.

Palavras-chave: Produção Textual. Editorial. Operadores Argumentativos.

ABSTRACT

We know that there is still a lot to study and research in the teaching of Portuguese in order to improve teaching practice, especially in elementary school. Therefore, a more specific work in the area of textual production is necessary since students have many difficulties in articulating ideas, and this is more evident in argumentative textual genres. In view of the above, our object of research is the construction of argumentation in texts produced by students in the classroom. As a general objective, we seek to analyze the argumentative process in the construction of the editorial textual genre written by 9th grade students. As for specific objectives, we seek to identify the argumentative strategies used by students in the production of the editorial text genre. We also describe the use and functions of the argumentative operators used by students in their texts. In addition, we compared the texts of the initial and final production regarding the organizational aspects of the argumentative sequence. Regarding the methodology, our research is an action research, as we use our own classroom as a laboratory where the teacher / researcher and the students are participants in the scientific investigation process. We base our work on the studies of some theorists of Applied Linguistics and textual Linguistics, among them Marcuschi (2005, 2008); Koch (2016); Kock and Elias (2017, 2010); Antunes (2009, 2010), from Textual Linguistics; Passarelli (2004) that deals with the teaching of writing at school; Marcuschi (2008), in relation to textual genres; Bakhtin (2003) on speech genres; Plantin (2008); Pinto (2010); Koch (2011) and Fiorin (2017), on Argumentation; Soares (2016); Melo (1985); Souza (2006), on Editorial; and about the Didactic Sequence (SD), with Dolz; Noverraz and Schneuwly (2004). As for the results, we were able to verify, after the intervention with the use of the DS, that the students do not vary in the type of argumentative operators in the written production, but they vary in their argumentative function, although they demonstrate little knowledge of these linguistic marks, repeating the same operators several times throughout the text. We also noticed that students use, in some situations, these language resources, presenting some difficulties, sometimes compromising the argumentation of the text, as they do not correspond to the discursive meaning or the semantic value of these expressions. Thus, we conclude that the work with argumentative textual production, in EF, requires more activities directed to the use and understanding of the elements that intertwine the arguments of persuasion, convincing and refutation.

Keywords: Textual Production. Editorial. Argumentative operators.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Exemplo de asserção de passagem	34
Quadro 2 – Tipologia de operadores argumentativos	41
Quadro 3 - Modelo de Sequência Didática	53
Quadro 4 – Sequência Didática	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais.....	23
EF – Ensino Fundamental	51
ENEM – Exame Nacional de Ensino Médio	52
SD – Sequência Didática	53
TPI – Texto Produção Inicial	70
TPF – Texto Produção Final	74

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1	NOÇÕES SOBRE TEXTO E ENSINO.....	14
2.2	LINGUAGEM E ARQUITETURA DOS GÊNEROS TEXTUAIS.....	18
2.3	GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO.....	22
2.4	A ESCRITA E SEU LUGAR NA SALA DE AULA.....	24
2.5	ARGUMENTAÇÃO EM TEXTOS ESCRITOS.....	27
2.6	OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA TESSITURA DO TEXTO.....	37
2.7	EDITORIAL: CARACTERÍSTICAS E CONTEXTO DE PRODUÇÃO.....	44
3	METODOLOGIA	49
3.1	TIPO DE PESQUISA.....	49
3.2	AMBIENTE DA PESQUISA.....	50
3.3	PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	51
3.4	INSTRUMENTAL DE COLETA DE DADOS	52
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PRODUÇÃO TEXTUAL ESCRITA DOS ALUNOS	65
4.1	APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO INICIAL	66
4.2	PRIMEIRA PRODUÇÃO ESCRITA.....	67
4.3	ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO: OS MÓDULOS	68
4.4	PRODUÇÃO FINAL	69
4.5	OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA PRODUÇÃO ESCRITA INICIAL	69
4.6	OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA PRODUÇÃO ESCRITA FINAL..	74
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
	REFERÊNCIAS	83
	APÊNDICE	85
	ANEXOS	91

INTRODUÇÃO

Sabemos que nos últimos anos, o ensino de Língua Portuguesa tem obtido algumas conquistas, a saber: a utilização dos gêneros textuais, abordagem da língua escrita e falada dentro de um contínuo tipológico, análise do discurso, dentre outras, que resultam de muito esforço por parte dos estudiosos da língua e da linguística. No entanto, ainda há muito que se estudar e pesquisar com o intuito de melhorar a prática de ensino, principalmente no Ensino Fundamental.

Parece consenso entre linguistas que o ensino deve ser pautado na análise de textos quer sejam na forma escrita ou oral, como também é uma prática comum na escola e orientação central dos Parâmetros Curriculares Nacionais. A questão não é a aceitação desse postulado, mas o modo como esse ensino é posto em prática, uma vez que muitas são as formas possíveis de utilizar o texto como objeto de ensino e aprendizagem. Este problema torna-se mais complicado quando a prática pedagógica envolve o trabalho com textos produzidos pelos alunos, em virtude da falta de interesse pelas atividades de leitura assim como de escrita.

Diante disso, entendemos que se faz necessário um trabalho maior na área de produção textual visto que os alunos apresentam muitas dificuldades de articulação de ideias e, isto fica mais evidenciado na escrita de gêneros textuais argumentativos no qual percebemos pouca consistência dos argumentos para defender ou refutar um ponto de vista. Essa dificuldade ficou evidenciada no diagnóstico feito e nas observações enquanto professora em sala de aula.

Desse modo, nossa investigação será norteadas pelas seguintes questões:

1. Que estratégias argumentativas os alunos utilizam em seus textos para atingir o objetivo da persuasão?
2. Os alunos reconhecem os operadores argumentativos, seus usos e funções na construção da argumentação nos Editoriais produzidos por eles?
3. É possível, através da escrita se perceber a evolução dos alunos quanto à argumentação ao trabalhar com o referido gênero?

Face ao exposto, nosso trabalho tem como objeto de pesquisa a construção de texto argumentativo Editorial produzido por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Para isso, escolhemos uma escola da rede estadual de ensino na cidade de Coronel Ezequiel/RN.

Em função das questões levantadas, nosso objetivo principal é analisar o processo argumentativo na construção do gênero textual Editorial produzido por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

Assim, para que nossa pesquisa se desenvolva, pensamos nos seguintes objetivos específicos:

1. Identificar as estratégias argumentativas utilizadas pelos alunos na produção do gênero textual Editorial.
2. Descrever os usos e funções dos operadores argumentativos utilizados pelos alunos em seus textos.
3. Comparar os textos da produção inicial e final quanto aos aspectos organizacionais da sequência argumentativa.

Assim, tendo em vista o problema de os alunos não gostarem de ler e, conseqüentemente, não produzirem textos argumentativos de forma a organizarem as ideias se utilizando dos operadores argumentativos, faz-se necessário um estudo voltado para o desenvolvimento do texto argumentativo.

Pelo exposto, nosso trabalho justifica-se pela necessidade de fazermos uma pesquisa voltada para a produção textual, no que se refere à análise da construção argumentativa em Editoriais produzidos pelos discentes, pois entendemos que é nesse período que começam a expressar e defender um ponto de vista e a elaborar argumentos acerca de um determinado assunto polêmico que o envolve na esfera social. Além do mais, uma pesquisa nesses moldes, contribui para a prática docente, pois desperta o professor a olhar para o texto produzido pelos seus alunos com um olhar mais sensível e menos taxativo para as possíveis inadequações de usos dos operadores argumentativos comparado ao que a gramática normativa apresenta. Também é relevante para nós, professores, compreendermos a importância de um trabalho sistematizado com o uso de uma sequência didática para o desenvolvimento de um trabalho mais consistente com produção textual em sala de aula além de contribuir para a formação do professor da Educação Básica no país.

Quanto à abordagem metodológica, nossa pesquisa é qualitativa porque está firmada num paradigma interpretativista de análise dos dados. Portanto, uma pesquisa-ação, visto que utilizamos como laboratório nossa própria sala de aula em que o professor/pesquisador e os alunos foram os participantes da investigação científica. Assim, atendemos às exigências do PROFLETRAS que preconiza um estudo voltado para situações reais vivenciadas na sala de aula do

professor/pesquisador com o intuito de realizar um trabalho de intervenção do problema encontrado junto aos alunos. Tomamos como base Thiollent (2011), porque norteia todo o percurso que devemos seguir numa pesquisa-ação.

Para realizarmos esse trabalho fundamentamo-nos nas ideias de alguns teóricos da Linguística Aplicada e da Linguística textual, dentre eles Marcuschi (2005, 2008); Koch (2016); Kock e Elias (2010); Antunes (2009, 2010); Rodrigues, et al. (2012) da Linguística Textual; Passarelli (2004) que trata da escrita; Marcuschi (2008), com relação aos gêneros textuais; Bakhtin (2003) sobre gêneros discursivos; Plantin (2008); Ducrot (1987); Pinto (2010); Kock (2011) e Fiorin (2017) sobre Argumentação; e Soares (2016); Melo (1985); Souza (2006) sobre Editorial.

A respeito da organização estrutural, esta dissertação distribui-se em quatro capítulos. No primeiro, fazemos uma introdução contendo a apresentação do problema, as questões norteadoras da pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos além da justificativa desse trabalho.

No segundo capítulo, discutimos noções sobre texto e gêneros textuais abordando os estudos da linguística textual, e sua relevância para o ensino de língua materna, além da escrita na sala de aula, argumentação em textos escritos e os operadores argumentativos e, por fim, o Editorial.

No terceiro capítulo, apresentamos a metodologia empregada por nós para a realização da pesquisa-ação em sala de aula como tipo de pesquisa, ambiente da pesquisa, participantes da pesquisa, assim como o modelo de intervenção pedagógica e a sequência didática empregada.

No quarto capítulo, esboçamos a análise dos dados realizada a partir da coleta de dados obtida durante a aplicação da sequência didática e as reflexões suscitadas pelas questões e objetivos na introdução desse trabalho e explicados à luz da fundamentação teórica apresentada no primeiro capítulo.

E finalmente, as considerações finais em que apresentamos alguns resultados desse trabalho após a realização da pesquisa com a utilização de uma sequência didática, como também em que contribuiu para desenvolvimento da leitura e produção textual e, em especial, o conhecimento e uso dos operadores argumentativos pelos alunos nos seus textos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesse capítulo, abordamos os conceitos de texto, à luz da Linguística Textual a partir dos postulados de Koch (2016, p. 26) que afirma ser “o texto concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa” e dos pressupostos de Antunes (2010, p. 40) ao argumentar que “o texto, suas leis, suas regularidades de funcionamento, seus critérios de sequenciação e boa composição precisam ser o centro dos programas de ensino de línguas”. Desse modo, enquanto aquela se refere ao texto como um produto que é posto em ação de acordo com as situações concretas de interação social, esta complementa afirmando que todo texto é a expressão de algum propósito comunicativo.

Na sequência apresentamos os gêneros a partir de Bakhtin (2003) e Marcuschi (2005, 2008), bem como algumas teorias acerca da escrita, alguns dos aspectos que se tem estudado sobre argumentação, além dos operadores argumentativos e uma visão geral dos estudos sobre Editorias.

2.1 NOÇÕES SOBRE TEXTO E ENSINO

O estudo da linguagem parte do estudo do texto, dessa forma, apresentamos alguns conceitos teóricos, trazendo o sentido de texto. Segundo Antunes (2010, p. 30), “o que falamos ou escrevemos, em situações de comunicação, são sempre textos”. Assim, o trabalho com o texto não deveria ser algo tão complexo, pois o texto faz parte de nossa esfera sócio comunicativa. Porém, não é isso que notamos tanto em nossa prática docente pois ficamos sem saber como abordar o ensino com textos, como nas atividades dos discentes em que os mesmos se sentem muitas vezes “incapazes” de ler e compreender um texto e mais ainda de produzir textos quando desafiados a escrever.

Após a apresentação do conceito de texto, passamos, a discorrer acerca dos fatores de textualidade que estão presentes na produção de um texto. Antunes (2010) resumiu esses fatores de textualidade em quatro propriedades, ou seja, coesão, coerência, informatividade e intertextualidade; diferentemente de Rodrigues, et al. (2012) que apresenta, além desses fatores mencionados, outros três fatores incluindo

intencionalidade, aceitabilidade e relevância. Ainda de acordo com Rodrigues, et al. (2012, p. 32)

Os sete princípios de textualidade não são critérios / regras para identificar textos e não-textos – pois não existem não-textos -, mas são *princípios* que orientam o processamento (produção) do texto e sua interpretação, e com os quais se atribui textualidade a um artefato [...].

Discorrendo acerca dessas propriedades textuais e da importância de seu ensino, Antunes (2010, p. 40), assevera que

Assim, o texto, suas leis, suas regularidades de funcionamento, seus critérios de sequenciação e boa composição precisam ser o centro dos programas de ensino de línguas, se pretendemos, de fato, promover a competência das pessoas para a multiplicidade de eventos da interação social.

Ainda sobre a produção de texto e o cuidado que se deve ter para assegurar que o leitor irá corresponder com o sentido da leitura esperado pelo autor do texto, Antunes (2009, p. 215) diz que “quem escreve deve empenhar-se em assegurar, a seu leitor, as pistas necessárias, em cada contexto, para que possa reconhecer os sentidos e as intenções pretendidos, sem dificuldades”.

Com essas considerações, percebemos que o texto para ser bem estruturado segue alguns fatores textuais e que isso, além de ajudar na produção do texto, também auxilia e orienta o leitor. De que forma isso ocorre? No momento da produção textual, o autor irá escolher aqueles conectivos textuais que irão tornar o seu texto coeso e que servirão para dar o encaminhamento ao leitor acerca da sua intenção argumentativa (se esse for um texto argumentativo), como também manter a coerência de seu texto, provocar o leitor com a imprevisibilidade bem como trazer algo de novo que está envolvido no fator de informatividade. O desejo do autor de produzir um texto que cause algum efeito sobre o interlocutor é o que se chama de intencionalidade, e isso terá sucesso quando o leitor compreender e aceitar que essa produção textual constitui um texto coeso e coerente e que tem alguma relevância para ele enquanto leitor, e essa contrapartida do leitor na interação com o texto é o que se denomina aceitabilidade e relevância enquanto fatores de textualidade.

Ainda sobre o que é um texto, Koch e Elias (2010, p. 32-34), apresentam alguns conceitos de acordo com o foco dado ao texto. Se o foco está na língua, “o texto é visto como simples produto de uma codificação realizada pelo escritor a ser

decodificado pelo leitor [...]”; se está no escritor, “o texto é visto como um produto – lógico – do pensamento do escritor”; e se o foco está na interação, o texto é “considerado um evento comunicativo para o qual concorrem aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e interacionais”.

Analisando o último conceito de texto, as autoras referidas, afirmam que o escritor, ao escrever um texto, necessita ter conhecimentos linguísticos que diz respeito à ortografia, gramática e ao léxico de sua língua; conhecimento enciclopédico referente aos conhecimentos de mundo armazenados na memória; conhecimentos de textos referentes ao modo de organização textual, conteúdo, estilo, função e suporte de veiculação; e conhecimentos interacionais inerentes “aos modelos cognitivos que o produtor possui sobre práticas interacionais diversas, histórica e culturalmente constituídas”. (KOCH e ELIAS, 2010, p. 44).

Koch (2016, p. 26) ainda acrescenta que

[...] o texto pode ser concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que compreende processos, operações e estratégias que têm lugar na nossa mente humana, e que são postos em ação em situações concretas de interação social.

De acordo com esse postulado, percebemos que o texto aciona alguns elementos cognitivos armazenados na nossa mente os quais lançamos mãos quando precisamos interagir socialmente seja produzindo textos ou realizando atividades de leitura. Nessa mesma perspectiva, de que ao produzir ou ler um texto, nós ativamos em nossa mente alguns elementos subjacentes ao texto, Antunes (2010) apresenta a seguinte ideia

[...] Tudo o que um texto significa:

- resulta dos elementos contextuais em que esse texto funciona como parte de um evento comunicativo;
- resulta do conhecimento de mundo ativado pelo conjunto de elementos contextuais e textuais;
- resulta das unidades lexicais postas ou pressupostas na superfície do texto;
- resulta das unidades gramaticais em suas múltiplas categorias, relações e funções. (ANTUNES, 2010, p. 18)

Dessa forma, percebemos o quanto que um texto mobiliza de elementos e conhecimentos, por isso é desafiador o trabalho com o texto na sala de aula. É desafiador ensinar ao aluno a compreender que um texto não é algo solto, que a sua

produção resultou de uma complexa relação entre elementos contextuais, conhecimento de mundo, unidades lexicais e unidades gramaticais. A autora discorrendo sobre essa ideia, tece uma crítica afirmando que a linguagem não se dá na perspectiva ascendente como muitos acreditam, porque tudo se dá através de textos e não pelas palavras, depois frases para depois o texto. Tudo o que produzimos ou lemos são, portanto, textos.

Nesse sentido, se tudo o que produzimos através do uso da escrita ou da fala são textos, a autora postula que

Todo texto é a expressão de algum propósito comunicativo. Caracteriza-se, portanto, como uma atividade eminentemente funcional, no sentido de que a ele recorreremos com uma finalidade, com um objetivo específico, nem que seja, simplesmente, para não ficarmos calados. (ANTUNES, 2010, p. 30-31)

Assim, concordamos com a referida autora, pois, de fato, todo texto tem uma função comunicativa. Ninguém produz um texto se não tem nenhum objetivo, se não quer expressar algo, portanto, com o texto queremos ser ouvidos. De acordo com esse posicionamento, levando em conta que o texto faz parte de nossa vida, a escola precisa levar o aluno a ter consciência de que tudo o que ele produz se materializa nos textos sejam orais ou escritos em forma de gêneros textuais, e que, quando ele produz deve refletir sobre o que vai dizer, a forma de dizer e para quem vai dizer, ou seja, tem um leitor real em vista. Koch e Elias (2017, p. 18) confirma nosso posicionamento quando afirma que “Sempre que falamos ou escrevemos para alguém (ainda que esse alguém seja nós mesmos) e não o fazemos de qualquer modo”. A escrita exige um planejamento. Nessa direção, os Parâmetros Curriculares Nacionais, preconizam que

O discurso, quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de textos. O produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo, qualquer que seja sua extensão, é o texto, uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. Em outras palavras, um texto só é um texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global. Caso contrário, não passa de um amontoado aleatório de enunciados. (BRASIL, 2001, p. 21)

Dessa forma, percebemos, nesse documento, o conceito de texto já analisado nesse trabalho por nós e o destaque que se dar à coesão e à coerência enquanto

fatores de textualidade responsáveis por tornar um conjunto de enunciados em um texto. Um texto só é um texto se fizer sentido para quem vai receber e ler esse texto. Por isso, tendo em vista esse leitor real, o aluno, enquanto produtor de textos fará uso dos fatores de textualidade de forma a atingir o objetivo pretendido com o texto, e o ensino não poderá ser centrado apenas em regras gramaticais com foco em frases descontextualizadas.

2.2 LINGUAGEM E ARQUITETURA DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Para a realização de nossa pesquisa, precisaremos compreender a teoria de gêneros discursivos com Bakhtin (2003), bem como a noção de gêneros textuais a partir de Marcuschi (2010), para podermos diferenciar as duas visões e apresentar as razões para nossa escolha pela terminologia de gênero textual adotada nesse trabalho.

Desse modo, nos estudos referentes aos gêneros do discurso apropriamos-nos dessa noção em Bakhtin (2003) que preconiza que,

[...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 262. Grifos do autor)

De acordo com esse conceito, gêneros do discurso são tipos de enunciados que mantêm uma certa estabilidade, uniformidade. Isso implica dizermos que na hora de agruparmos os gêneros, notaremos algumas peculiaridades quanto à forma de enunciado. São relativamente estáveis porque podem variar dependendo do contexto que forem produzidos. Além disso, não há como quantificarmos os gêneros pois “[...] a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Bakhtin (2003, p. 263) diferencia os gêneros discursivos em “primários (simples) e secundários (complexos)” e afirma que essa diferença essencial “não se trata de uma diferença funcional”, antes precisa ser analisada a natureza geral do enunciado e as particularidades dos diversos tipos de enunciados.

Sob essa perspectiva, a escola necessita proporcionar ao aluno o contato com uma variedade de gêneros, e os Parâmetros Curriculares Nacionais orientam que

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. (BRASIL, 2001, p. 23)

Assim, esse documento corrobora a teoria bakhtiniana acerca das características dos gêneros, como conteúdo temático, estilo e composição, bem como a necessidade de ser objeto de ensino. Para Bakhtin (2003, p. 285),

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais e plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso.

Os gêneros são fundamentais na comunicação, mas para que possamos atuar na esfera social e comunicativa de forma eficiente e consciente, precisamos dominar os gêneros e isso só se adquire com o conhecimento e contato com uma variedade de gêneros. Que fique claro aqui que quando nos referimos a gênero discursivo, estamos nos reportando aos estudos do círculo de Bakhtin o qual entende o gênero dentro de um contexto discursivo de interação verbal.

Dada essa noção, ainda que feita de forma simplista por nós, da teoria de gênero discursivo, passemos, então, a apresentação da outra teoria citada por nós anteriormente, a de gêneros textuais que tem Marcuschi (2010) como um de seus grandes estudiosos aqui no Brasil. A necessidade de se trabalhar o ensino de Língua Portuguesa a partir dos gêneros textuais parece ser consenso entre os profissionais da área. Mas o que são gêneros textuais? De acordo com Marcuschi (2010, p. 19), são

[...] entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa [...] os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. [...]

Esse conceito de gênero textual de Marcuschi (2010) parece estar em consonância com a definição dada por Bakhtin (2003) a gênero do discurso, no que se refere ao fato de não serem rigidamente fixo, estável. Porém, apresenta alguns

elementos diferenciadores, pois traz o elemento social como elemento caracterizador. O Gênero, dessa forma, é uma ação social utilizada em qualquer situação comunicativa. Por essa razão, nesse trabalho de pesquisa, utilizaremos a teoria de gêneros textuais por ser a que mais contribui a nossos objetivos. Com essa nossa escolha, não negamos a grande contribuição dos postulados teóricos de Bakhtin, até mesmo o próprio Marcuschi (2008, p. 152) menciona que qualquer perspectiva teórica acerca de gêneros que se adote, pode-se fazer uso das ideias Bakhtinianas quando afirma “Como Bakhtin é um autor que apenas fornece subsídios teóricos de ordem macroanalítica e categorias mais amplas, pode ser assimilado por todos de forma bastante proveitosa”. Assim, toda teoria de gênero, acaba partindo das ideias desse autor russo.

Na perspectiva aqui adotada, os gêneros textuais estão na sociedade para cumprir uma função de proporcionar aos usuários da Língua agir socialmente, por isso, que à medida que vai surgindo uma necessidade de comunicação e ação social, novos gêneros textuais surgem para suprir essa necessidade. Da mesma forma que outros gêneros desaparecem quando não há mais necessidade de seu uso na sociedade, nisso reside sua dinamicidade. Marcuschi (2010) ainda enfatiza que os gêneros textuais são caracterizados mais por aspectos sócio-comunicativos e funcionais do que por linguísticos e formais. Porém, faz um alerta para os que veem nisso um abandono aos aspectos formais, asseverando que

[...] embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou linguísticos, e sim por aspectos sócio-comunicativos e funcionais, isso não quer dizer que estejamos desprezando a forma. Pois é evidente, como se verá, que em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos serão as funções. Contudo, haverá casos em que será o próprio suporte ou ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente. [...] (MARCUSCHI, 2010, p. 22)

Dessa forma, devemos considerar tanto os aspectos comunicativos e funcionais como também os aspectos formais do gênero, pois nos auxiliam no momento de defini-lo. Nisso reside nossa intenção no presente trabalho, de ajudar os alunos a perceberem esses aspectos e, assim, poderem ter segurança na hora de analisar ou produzir um determinado gênero textual. Por isso, a urgente necessidade de se trabalhar na escola o maior número de gêneros para que o aluno se aproprie

desse conhecimento e possa utilizar e empregar de forma plena e livre os gêneros no seu ambiente social de acordo com a necessidade comunicativa.

Assumindo esse mesmo posicionamento em relação aos gêneros textuais, Antunes (2009) alerta para o fato de a escola assegurar aos discentes o contato com um número variado de gêneros de texto propiciando a esses a ampliação de conhecimentos inerentes acerca das características de produção de cada gênero.

Segundo a autora,

Fica evidente: o que se tem denominado de 'gênero de texto' abarca outros elementos além do linguístico, pois abrange normas e convenções que são determinadas pelas práticas sociais que regem a troca efetivada pela linguagem. Daí que conhecer os diferentes gêneros que circulam oralmente ou por escrito faz parte de nosso conhecimento de mundo, de nosso acervo cultural. (a escola não pode furtar-se à responsabilidade de promover esse conhecimento.) (ANTUNES, 2009, p. 54)

Assim, fica evidente o papel da escola de oportunizar aos alunos contato com os diversos gêneros textuais para que eles ampliem além do repertório linguístico, também o acervo cultural. Trabalhando o estudo da língua a partir dos gêneros textuais, o aluno terá assegurado o desenvolvimento de competências em fala, em leitura e na escrita. O ensino de variados gêneros na escola vai dar lugar à língua que, de fato, é atuação social de sujeitos de linguagem. Os alunos vão ter familiaridade com esses gêneros o que os deixarão aptos a perceberem e a internalizarem as regularidades típicas de cada um desses gêneros. Marcuschi (2008, p. 154) assevera que “[...] a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Daí a centralidade da noção de gênero textual no trato sociointerativo da produção linguística”. De acordo com essa afirmação, percebemos o quanto o gênero é importante e necessário, devendo ocupar o centro na produção textual oral ou escrita.

Assim, é necessário que deixemos clara a distinção entre tipo textual e gênero textual. Concordamos com a posição adotada por Marcuschi (2010, p. 25) quando afirma que

para a noção de tipo textual predomina a identificação de sequências linguísticas típicas como norteadoras; já para a noção de gênero textual, predominam os critérios de ação prática, circulação sócio-histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade [...]

Sendo assim, as sequências linguísticas típicas a que se refere o aludido autor são, por exemplo, as sequências narrativa, descritiva e argumentativa, que nomeiam o tipo textual, não o gênero. Mas o gênero é a materialização desse tipo textual e que usamos na prática social para atender uma situação específica. Os gêneros textuais são os textos que circulam em nossa sociedade, faz parte de nossa vida diária como o bilhete, reportagem, etc. Ainda de acordo com Marcuschi (2008, p. 158), “[...] para a noção de gênero textual, predominam os critérios de padrões comunicativos, ações, propósitos e inserção socio-histórica”. Assim, para cada situação específica existe um gênero adequado que atende a um propósito comunicativo, que apresenta um padrão comunicativo como é o caso da carta que apresenta um padrão, uma estrutura (local e data da produção, vocativo, mensagem e a despedida com assinatura de quem a escreveu) e está inserido em uma dada situação social num determinado período de tempo.

2.3 GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO

Quando se pensa em ensino de Língua Portuguesa vêm logo à mente o trabalho com gêneros textuais. Está na moda se falar em gêneros na escola. O ensino nas últimas décadas tem se voltado para esse aspecto e, é importante para o aluno esse conhecimento e compreensão adequada para que ele possa atuar de forma mais autônoma na esfera social. Cristóvão e Nascimento (2006, p. 47) salientam que

[...] o domínio dos gêneros se constitui como instrumento que possibilita aos agentes produtores e leitores uma melhor relação com os textos, pois, ao compreender como utilizar um texto pertencente a um determinado gênero, pressupõe-se que esses agentes poderão agir com a linguagem de forma mais eficaz, mesmo diante de textos pertencentes a gêneros até então desconhecidos.

Dessa forma, concordamos com a opinião das referidas autoras que o ensino através dos gêneros oportunizará aos alunos agir de forma eficaz em situações reais.

Corroborando com essa ideia, Antunes (2009), discorre acerca da necessidade de contato com textos formais para apreender as características da escrita formal e se tornar um produtor de texto proficiente. Esse contato se dar pela leitura e análise das especificidades de cada texto. A autora ainda afirma que:

Com efeito, escrever é, simultaneamente, inserir-se num contexto qualquer de atuação social e pontuar nesse contexto uma forma particular de interação verbal. Daí que, além das determinações do sistema linguístico, a interação verbal por meio da escrita está sujeita também às determinações dos contextos socioculturais em que essa atividade acontece. (ANTUNES, 2009, p. 209)

Assumimos o que essa autora postula, pois, de fato, ao escrevermos um texto estamos atuando num contexto comunicativo de interação verbal mediado pelo texto. Esse contexto que envolve o contexto social, histórico e cultural vai determinar a forma como produziremos o texto, as escolhas lexicais, a organização dos enunciados bem como o gênero textual adequado àquela situação de interação comunicativa

Assim, fazem-se necessários outros conhecimentos além do linguístico, na hora de se produzir um texto como o conhecimento dos contextos socioculturais de onde e de quem escreve está inserido. Contrariamente a tudo isso, a escola muitas vezes, solicita uma produção textual de um dado gênero textual dissociado das condições de produção reais. E, depois, reclama de os discentes não gostarem de escrever ou não saberem escrever adequadamente. Como irão escrever bons textos se não existe um contexto de necessidade social de comunicação, não existe um leitor real, não existe uma situação de interação comunicativa. Marcuschi (2008, p. 207) comentando acerca do ensino de gêneros textuais nos manuais didáticos e nos documentos oficiais que regem a educação brasileira, apresenta um questionamento importante “[...] é de se indagar se há gêneros textuais ideais para o ensino de língua. Tudo indica que a resposta seja não. Mas é provável que se possam identificar gêneros com dificuldades progressivas [...]”. Dessa forma, percebemos que qualquer gênero pode ser levado para a sala de aula e trabalhado com os alunos lendo e produzindo os mais variados gêneros textuais, obedecendo ao ritmo de desenvolvimento cognitivo do aluno, mas, notamos na prática de sala de aula, que os manuais didáticos apresentam pouca opção de gêneros a serem trabalhados de forma sistemática. Também notamos que os PCN elencam os gêneros que devem ser trabalhados quanto à leitura e compreensão textual, e outros que devem ser produzidos. É evidente que todo gênero é produzido por alguém para poder ser lido por outro. Da mesma forma, concordamos que todo gênero é possível de ser ensinado na escola e produzido pelos alunos.

2.4 A ESCRITA E SEU LUGAR NA SALA DE AULA

A escrita é uma ferramenta que o homem criou com a finalidade de se comunicar. Hoje, na sociedade moderna em que vivemos, dominar os vários usos que a escrita tem é necessário e extremamente fundamental, visto que essa sociedade é cada vez mais regida pela escrita. Uma pessoa que não conseguiu se apropriar dessa escrita, na maioria das vezes, se sente excluído, justamente porque para onde nós formos, somos levados a fazer uso da leitura de textos escritos como também produzir textos escritos.

Dessa forma, se a escrita é fundamental na sociedade moderna, então a escola deve desempenhar o papel de formar estudantes capazes de dominar a escrita e fazer uso adequado nas diferentes situações da prática social. No entanto, não é isso que percebemos nas escolas. Parece que nossos estudantes não estão se tornando usuários proficientes da escrita seja enquanto leitores ou como escritores.

Corroborando o pensamento, Passarelli (2004, p. 35) afirma que

Antes de ser um objeto escolar, a escrita é um objeto social. Assim, a tarefa da escola é levar o aluno a perceber o significado funcional do uso da escrita (e da leitura), propiciando-lhe o contato com as várias maneiras como ela é veiculada na sociedade. Daí a relevância de aproximar os usos escolares da língua escrita com o aspecto comunicativo dentro e fora do contexto escolar.

Assim, a escola precisa criar situações reais de uso da escrita a fim de levar o aluno a perceber em que contextos sociais ele precisará dominar os conhecimentos adquiridos na escola. Só assim, o aluno sentirá desejo por aprender as técnicas da escrita proficiente. Mas o que observamos nas aulas de língua portuguesa é um completo desinteresse no momento de produção textual e de leitura. Esse desinteresse pela escrita se deve, justamente, a não compreensão dos alunos quanto a importância da escrita fora da escola, devido ao fato de, na escola, a produção textual ficar atrelada somente a uma prestação de contas para o professor atribuir uma nota. O uso da escrita nesse momento é dissociado do uso real que a escrita tem fora dos muros da escola.

Passarelli (2004) apresenta duas funções da escrita que precisam ser ensinadas ao aluno, quais sejam a função comunicativa e a função informativa. E ainda afirma que se refletirmos junto com nossos alunos sobre essas funções sociais

da escrita, daremos um importante passo para combater essa relutância dos alunos pela escrita. A autora defende a importância de se trabalhar a linguagem e, mais especificamente a escrita, de forma lúdica, com jogos, e assegura, para aqueles que veem o ensino através de jogos como brincadeira, que “o jogo, contudo, pode perfeitamente incluir a seriedade.” (PASSARELLI, 2004, p. 41). O ensino, dessa forma, desperta nos alunos o prazer pela aprendizagem da escrita. A autora ainda assevera com relação ao ensino de produção textual dissociado da prática social

[...] Aprendem-se / ensinam-se certas coisas, em quantidade, e não se vê sentido para elas fora da escola, muitas vezes por não se saber qual seria o valor e a utilidade sociais do que se está aprendendo e/ou ensinando, ou do que se aprendeu ou ensinou. (PASSARELLI, 2004, p. 47).

Nesse sentido, o papel do professor é fazer da sala de aula um laboratório que simule situações reais de uso da escrita para que o aluno veja sentido naquilo que ele produz, utilizando a escrita sem prescindir da leitura. Nesse direcionamento, o aluno será instigado a perceber que a escrita compreende um processo de interação entre sujeitos que utilizam a língua com o propósito de se comunicar. Concordamos com Passarelli (2004, p. 62) quando diz que

A rigor, a abordagem de um enfoque humanista pressupõe a interação humana. Pensar a linguagem a partir dessa ótica requer concebê-la não só como forma de interação, mas como processo interacional entre sujeitos que usam a língua em suas variedades para se comunicar, para exteriorizar pensamentos, informações, e, sobretudo, para realizar ações com o outro, sobre o outro.

Assim, o objetivo principal do ensino de línguas deveria ser o de fazer dos estudantes, sujeitos que soubessem usar a comunicação oral e/ou escrita para interagir uns com os outros. A escrita, dessa forma, é concebida como processo que requer planejamento e revisão e não como produto. Passarelli (2004), discorrendo acerca da visão da escrita como processo, afirma que

A escritura não é apenas um processo cognitivo interno, voltado para o indivíduo: é, também, uma resposta às convenções discursivas decorrentes dos procedimentos preferidos de criar e comunicar conhecimentos em determinadas comunidades. (PASSARELLI, 2004, p. 80).

A escrita, nesse sentido, é concebida como processo que, para cumprir com seu objetivo de comunicar conhecimentos em determinada comunidade, irá depender de procedimentos adequados que variam de acordo com o contexto em que o texto escrito desempenha atividade comunicativa. Nessa perspectiva, a escrita requer planejamento, por isso, não pode ser vista como produto, pronto e acabado. No processo de escrita há etapas até se chegar ao produto final. Passamos a apresentar as quatro etapas que Passarelli (2004) destaca: planejamento, tradução de ideias em palavras, revisão e editoração.

Referindo-se à primeira etapa do processo de escrita, a autora menciona

Não importa por qual procedimento se inicie – planejamento escrito ou mental, planejamento formal ou primeiras ideias, busca de fontes, tentativas de expressão – este é o estágio do processo de composição em que, hesitantemente, o autor começa a encontrar o circuito de seu tema [...] (PASSARELLI, 2004, p. 90).

Nessa etapa é quando o autor/aluno reflete acerca do tema, delimita esse tema de acordo com seu objetivo. Esse planejamento pode se dar somente no nível mental como também em forma de esboço escrito do que se quer escrever. O importante é ensinar o aluno que ele precisa planejar o que vai escrever e como irá escrever seu texto. Essa etapa consideramos a mais importante e difícil do ato de escrever pois é onde se define o rumo temático do texto. Nessa etapa, os alunos costumam fazer indagações como “professora, o que devo escrever?”, “professora, como devo escrever meu texto?”. Para essa etapa, é necessário paciência, reflexão acerca do tema e coleta de informações, e, surpreendentemente, o autor começa a encontrar a direção de seu tema.

Com relação à segunda etapa, a autora expressa

[...] esta segunda etapa, que diz respeito à conversão em língua escrita das ideias organizadas segundo o que foi aventado no planejamento, configura-se no texto provisório produzido até então que sofrerá, subsequentemente, uma revisão. (PASSARELLI, 2004, p. 93)

Nesse momento, que a autora denominou de tradução de ideias em palavras, é quando as ideias saem da cabeça e são postas no papel. Trata-se da primeira versão do texto que será aprimorado nas etapas subsequentes. A maioria de nossos alunos, quando chega a essa etapa, considera que seus textos já estejam prontos e

acabados para serem entregues ao professor. Pensam eles que todo texto, já na primeira versão, esteja “perfeito”, que não precisa mais de revisão - a próxima etapa do processo de escrita.

Discorrendo acerca da terceira etapa, denominada de revisão, Passarelli (2004, p. 95) postula que “A primeira versão de um texto está mais voltada à gênese das ideias; na fase de revisão, o intuito principal é constatar se as ideias foram expressas de modo organizado, claro e coerente. [...]”. Nessa etapa, o autor/aluno deve voltar-se para seu próprio texto com olhar de leitor crítico, a fim de verificar se suas ideias foram expressas de forma clara e coerente para o leitor compreender seu propósito. Além disso, as ideias precisam estar bem organizadas e distribuídas ao longo do texto, obedecendo ao gênero textual ao qual pertence. Essa etapa é a que mais causa antipatia nos alunos e muita resistência para a sua realização.

Por fim, a quarta etapa, denominada de editoração pela autora. Acerca dessa etapa, Passarelli (2004, p. 98) apresenta

[...] Muitas vezes, ao editar seu texto, o produtor revisa-o novamente. Daí ser uma boa estratégia conceber um intervalo maior de tempo entre a revisão e a editoração, a fim de que o produtor possa, ao reler o que já escreveu, ser mais crítico quando for dar a forma final a seu texto. [...]

Essa etapa consiste na produção da versão final do texto em que o autor irá reescrever seu texto fazendo as correções detectadas na etapa da revisão.

Com a apresentação dessas etapas, podemos concordar que o ato de escrever é um processo e isto deve ser ensinado aos alunos para que possam desenvolver uma escrita cada vez mais substancial e proficiente, consciente de que o texto nunca estará acabado, pois a cada nova leitura do próprio texto, perceberá que ainda pode torná-lo melhor. Na próxima seção, tratamos sobre alguns pressupostos da argumentação.

2.5 ARGUMENTAÇÃO EM TEXTOS ESCRITOS

Nesta seção apresentamos aspectos teóricos sobre a argumentação, operadores argumentativos, além de tratarmos de questões a respeito do ensino e a construção de textos argumentativos.

Desde crianças usamos argumentação para resolver conflitos de ideias, conseguir o que pretendemos e/ ou refutar algum ponto de vista que discordamos. Isso parece normal, mas quando começamos a ser inserido no mundo da argumentação escrita, tudo muda. Percebemos então que a argumentação exige algumas técnicas, além de argumentos convincentes. Desde a Grécia antiga, que existe a preocupação com a argumentação. Filósofos como Aristóteles já analisava essa área da linguagem com seus silogismos. Assim, a argumentação baseia-se no que é verossímil, não no que é verdade. Interessa mais o que pressupõe ser a verdade, ainda que não o seja, pois a argumentação estava vinculada à lógica, à retórica e à dialética.

A partir da virada do século XIX para o século XX, a argumentação ficou esquecida devido ao descrédito que a lógica e a retórica tiveram. A lógica por se tornar formal se definiu mais como ramo da matemática do que uma arte de pensar capaz de reger o bom discurso em língua natural. A retórica ficou invalidada como método. Mas a argumentação a partir dos anos 1970, com Ducrot que reintroduz e renova o conceito de argumentação capaz de organizar pesquisas em ciências da linguagem, passa a ter o lugar devido nos estudos da linguagem. Comentando acerca desse fenômeno e o que ocorreu nos anos 1950, após o fim da Segunda Guerra Mundial em que a argumentação foi reconstruída com um conceito de racionalidade do discurso, Plantin (2008, p. 22) diz que

A argumentação reemergiu na França não no campo do discurso político, como prática crítica, mas no campo do estruturalismo, da lógica linguística, do cognitivismo. A argumentação não é um método de regulação racional das diferenças de interesses, de apreciação; ela está na língua, não na fala em circulação. A abordagem é completamente distinta da que prevalecia nos anos 1950.

Assim, houve um novo direcionamento da argumentação, e nos anos 1980, a tendência dialogal ganhou mais força com a influência das pesquisas da linguagem em contexto, da conversação e do diálogo natural. Plantin (2008, p. 32) comentando sobre a posição de Ducrot quanto à argumentação “semântica” diz que “o estudo da argumentação é o estudo das capacidades projetivas dos enunciados, da expectativa criada por sua enunciação.”

Nada é feito por acaso quando enunciamos algo, na enunciação fazemos escolhas para atingirmos um objetivo determinado. “A linguagem não é nem

transparente em suas designações nem inerte em seus usos”. (PLANTIN, 2008, p. 44). Isso é a semantização do vínculo argumentativo.

Outros estudiosos da argumentação, Perelman & Olbrechts -Tyteca, afirmam que

Uma argumentação eficaz é aquela que consegue incrementar a intensidade de adesão, de modo a desencadear entre os ouvintes a ação visada (ação positiva ou abstenção), ou de modo a pelo menos criar, entre eles, uma disposição para a ação, que se manifeste no momento oportuno. (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 1958, p. 59, *apud* PLANTIN, 2008, p. 46)

Assim, levam em conta o auditório, os leitores, e o discurso é redefinido na perspectiva da retórica eloquente.

Examinaremos agora o modelo dialogal que foi desenvolvido a partir dos anos 1970. Nesse modelo, “a argumentação é definida como o tipo de atividade linguística desenvolvida em uma situação argumentativa”. (PLANTIN, 2008, p. 75) Vale lembrar que essa situação argumentativa não é uma guerra pessoal entre pessoas, mas sim uma “guerra” de opiniões, de oposição entre discursos. Para Plantin (*op. Cit.* p. 77),

Na concepção retórica da argumentação, o jogo argumentativo é inicialmente definido como uma interação entre o proponente, o orador, e um auditório que deve ser convencido, o público Terceiro reduzido ao silêncio. Oponente e contradiscurso não estão ausentes, mas banidos para segundo plano.

A argumentação assim é o modelo usado no meio jurídico em que o Terceiro é o juiz. No processo de convencimento num conflito discursivo, também há a refutação e contra-argumentação. Argumentar implica, assim, “pressupor que é possível tanto defender uma tese como contrapor-se a ela” (PERELMAN, 1987, p. 234). Na *refutação e contra-argumentação* – O oponente mostra que o discurso do proponente é insustentável, refutando, isto é, destruindo o discurso dele e, ao mesmo tempo contra-argumentando em favor de outra opinião.

A retórica clássica trabalha com a noção de *topoi* que é um modelo como muitos argumentos podem ser construídos e são encadeados pelos conectores. Esse *topoi* é o tópico ensinado por Aristóteles. Por isso, a importância do estudo dos conectores que realizam esse encadeamento dos enunciados promovendo a argumentação. Os sofistas foram quem desenvolveram a retórica e difundiram quatro noções discursivas: o princípio da antítonia que “é a colocação de dois discursos em

oposição, cada um produzido por um ponto de vista distinto” (FIORIN, 2017, p. 23); o estudo do paradoxo que mostra que a linguagem tem uma ordem própria, sua ordem não é igual ao do mundo, ao que todo mundo acredita; a noção do provável, para tanto não existe o verdadeiro e o falso, mas sim, o provável; e da interação discursiva que se dar na interação de discursos contraditórios a qual reflete a realidade em que se estabelecem as relações sociais. Assim, percebemos, como afirma Fiorin (2017, p. 29) que “todos os discursos são argumentativos, pois são uma reação responsiva a outro discurso”, visto que sempre cada discurso está buscando refutar, apoiar, contestar um determinado posicionamento.

No processo argumentativo, elaboramos uma tese sobre um ponto de vista e construímos argumentos para sustentar essa tese a fim de conseguir persuadir o outro. Sobre esse posicionamento, Fiorin (2017, p. 69) apresenta o seguinte

Um argumento são proposições destinadas a fazer admitir uma dada tese. Argumentar é, pois, construir um discurso que tem a finalidade de persuadir. Como qualquer discurso, o argumento é um enunciado, resultante, pois, de um processo de enunciação, que põe em jogo três elementos: o enunciador, o enunciatário e o discurso, ou, como foram chamados pelos retores, o orador, o auditório e a argumentação propriamente dita, o discurso. Esses três fatores concorrem para o ato persuasório. Como mostra Aristóteles, na *Retórica*, convergem para a persuasão o *éthos* do orador, o *páthos* do auditório e o *logos*, o discurso.

A ideia desse autor corrobora o que dissemos anteriormente que o argumento é o que fundamenta uma dada tese e que resulta de um processo enunciativo que envolve a imagem do orador ou enunciador, do auditório ou enunciatário e o próprio discurso. É importante notar como esses três fatores contribuem para a persuasão. Para o orador construir sua imagem que transmita confiança ao auditório sobre seus argumentos é necessário que ele argumente com honestidade e sinceridade e demonstrando que é amável e solidário com o auditório. Enquanto isso, o *páthos* que é a imagem que o enunciador tem do auditório, estabelece limites para o discurso, pois se o orador for falar para um grupo de senhoras religiosas terá de adequar seu discurso para esse auditório; e se for falar para um grupo de adolescentes, terá de adequar seu discurso para esse público enunciatário, como orienta Fiorin (2017, p. 74) “cada auditório é particular, porque cada um tem conhecimentos, crenças, valores e emoções diversos”. O último fator da argumentação diz respeito ao discurso que vai procurar obter a adesão ao que se diz como sendo verossímil. Para isso, irá depender

de opiniões prévias, de valores, normas que se consideram como válidas, dentre outras, numa dada comunidade.

Segundo Fiorin (2017, p. 116), discorrendo sobre os argumentos, assegura que estes “são razões contra determinada tese ou a favor dela, com vistas a persuadir o outro de que ela é justa ou injusta, moral ou imoral, benéfica ou prejudicial [...]”. Assim, um argumento sempre estará se referindo a uma determinada tese. Esse mesmo autor apresenta algumas técnicas argumentativas para a construção dos argumentos e, conseqüentemente, da argumentação. Não iremos apresentar todos os tipos estudados por Fiorin (2017), mas deter-nos-emos naqueles que julgamos mais comuns nos textos de nossos discentes. O primeiro é o argumento de autoridade cujo “objetivo é levar a plateia a aceitar um ponto de vista, baseando-se na autoridade de quem o enuncia, no seu conhecimento especializado, na sua credibilidade ou na sua integridade pessoal” (FIORIN, 2017, p. 176). Esse tipo apresentado se baseia na credibilidade do próprio orador, mas também, pode se basear no que outra pessoa, respeitada no assunto em questão, se pronunciou ou como ela se posiciona acerca do tema. O segundo tipo de técnica argumentativa, para esse autor (2017, p. 199) é o “erro linguístico”, pois a referida técnica compromete a imagem do enunciador como alguém que não domina a língua portuguesa e, por conseqüência, não tem domínio sobre o que está enunciando. O terceiro tipo é o recurso aos valores que “são balizas morais que uma dada sociedade numa determinada época considera como verdade” (FIORIN, 2017, p. 200). Dessa forma, se baseia na normalidade ou no bom senso como sendo algo que não pode ser contestado. O quarto tipo é a argumentação por implícitos que se baseia na ideia de que quando falamos ou escrevemos dizemos algumas coisas de forma clara, explícita, mas deixamos outras implícitas, em que o interlocutor precisará fazer inferências para compreender o sentido.

Desse modo, como ensina Fiorin (2017, p. 206),

implícito é o que se diz sem dizer, é aquilo que se apresenta como evidente por si mesmo. A inferência se dá por meio de duas operações: uma lógica, em que estabelecemos uma implicação: se ... então (se somente Chico ficou em recuperação, então os outros ...); uma pragmática, em que levamos em conta o contexto verbal e não verbal e os princípios que regem a comunicação.

De acordo com esse ensinamento, o nosso interlocutor faz inferências lógicas e pragmáticas, porque para entender o que se diz é preciso entender além do que foi dito explicitamente, mas também o que se deixou implícito. O quinto tipo são as perguntas capciosas que contêm um pressuposto que produz um comportamento indesejado daquele que é interrogado. O sexto tipo é composto pelo paradoxo, ironia e silêncio. O paradoxo é um enunciado que procura desestabilizar o adversário pois exprime algo que não é admitido como correto, verdadeiro. A ironia também é um recurso utilizado para desestabilizar o adversário fazendo o auditório rir em favor do orador. Enquanto isso, o silêncio é uma grande ferramenta argumentativa, principalmente quando esse silêncio vem acompanhado de um gesto desdenhoso o qual significa humilhar o oponente.

Face ao exposto, argumentatividade subjaz a toda interação social que se realiza por intermédio da língua, pois nós seres humanos estamos constantemente avaliando, julgando, criticando, formando juízos de valores porque somos seres racionais dotados de vontade. De igual modo, é através do discurso que influenciemos o comportamento do outro a fim de compartilhe das mesmas opiniões. Koch (2011, p. 17) afirma o seguinte acerca do ato de argumentar

[...] o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende 'neuro', ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade.

Com essa afirmação, evidenciamos que toda argumentação orienta para uma determinada conclusão e que não existe discurso neutro, pois quando um locutor elabora um discurso pretende com isso imprimir no interlocutor uma ideologia sua que é a conclusão orientada pela argumentatividade. Porém, notamos alguns gêneros textuais que se revestem dessa pseudoneutralidade discursiva como os discursos jornalísticos, mas que não conseguem deixar de incutir sua ideologia, opinião e, dessa forma, persuadir o outro. Isso ocorre porque todo discurso é argumentativo em sua origem. Argumentar, portanto, é humano como assegura Koch e Elias (2017), e tratando sobre argumentação, as autoras afirmam que

Argumentação, portanto, é o resultado textual de uma combinação entre diferentes componentes, que exige do sujeito que argumenta construir, de um ponto de vista racional, uma explicação, recorrendo a experiências individuais e sociais, num quadro espacial e temporal de uma situação com finalidade persuasiva. (KOCH e ELIAS, 2017, p. 24)

A argumentação geralmente tem a finalidade de persuadir e exige de quem se propõe a argumentar que faça uso de estratégias amparadas em experiências individuais e sociais aceitas como verdades. O ato de persuadir conforme pondera Koch (2011, p. 18), “procura atingir a vontade, o sentimento do(s) interlocutor(es), por meio de argumentos plausíveis ou verossímeis e tem caráter ideológico, subjetivo, temporal, dirigindo-se a um ‘auditório particular””. Assim, não busca certezas, mas conduz a inferências, não a verdades absolutas, com a finalidade de conquistar a adesão aos argumentos apresentados.

Além disso, existem as relações discursivas estabelecidas entre enunciado e enunciação chamadas de argumentativas e são realizadas em cada texto de acordo com a intencionalidade do locutor. Essas relações argumentativas que proporcionam o encadeamento de enunciados é o que dar origem ao texto da forma como concebemos. É o que sugere Koch (2011, p. 31) ao afirmar que

Encadeando-se uns sobre os outros, de acordo com as intenções do falante e, por consequência, com o sentido que se pretende dar ao discurso, os enunciados trazem em seu bojo relações de ordem pragmática, que se revelam, na maioria das vezes, através dos operadores do discurso – ou operadores argumentativos – os quais, por meio desse encadeamento, estruturam os enunciados em um texto verbal linear.

Os operadores argumentativos (ver item 2.6) são o que estrutura o texto, porque orientam as relações estabelecidas entre enunciados, dando uma progressão argumentativa conforme as intenções do locutor ou falante. Percebemos, assim, a importância desses elementos encadeadores do discurso e a necessidade de se trabalhar em sala de aula, motivando o aluno a perceber a sua funcionalidade no texto, como também perceber que o uso da linguagem é argumentativo por excelência. Nesse direcionamento, Koch e Elias (2017) se apoiam nos estudos de Charaudeau (2008) o qual preconiza que a argumentação é composta de asserção de partida, asserção de chegada e asserção de passagem.

A asserção de chegada é o dado ou premissa, ou seja, um fato do qual decorre uma consequência.

A asserção de chegada é a conclusão que representa o que deve ser aceito em decorrência da asserção de partida, logo diz respeito à legitimidade da proposta.

A asserção de passagem, que se encontra geralmente implícita, pode ser chamada de prova, inferência ou argumento com a função de justificar a relação entre asserção de partida e a asserção de chegada, ou seja, a conclusão. (CHARAUDEAU, 2008, apud KOCH e ELIAS, 2017, 31)

Para exemplificar esse posicionamento, apresenta o seguinte texto:

Quadro 01 – Exemplo de asserção de passagem

Dizem (Quem Me Dera)
O mundo está bem melhor
Do que há cem anos atrás, dizem
Morre muito menos gente
As pessoas vivem mais [...]

Fonte: ANTUNES, Arnaldo *et al*, apud KOCH e ELIAS (2017, p. 31.)

Demonstrando esse raciocínio, temos:

1- Um mundo melhor é aquele em que pessoas morrem menos e vivem mais (**premissa implícita ou pressuposto**)

2- No mundo, hoje, morre muito menos gente e as pessoas vivem mais (**premissa explícita**)

Então,

O mundo está bem melhor do que cem anos atrás (**conclusão**) (KOCH e ELIAS, 2017, p. 32)

Quanto à construção de textos argumentativos, Farias e Alencar (2011, p. 146) asseguram no tocante ao ensino desses textos que

O aluno deve ser capaz de elaborar textos coerentes, cujas ideias estejam organizadas de forma a permitir a manutenção e a progressão tópica, e a construir argumentos eficazes, sustentando, assim, as opiniões defendidas no gênero que produziu.

Dessa forma, o aluno precisa aprender a organizar suas ideias de forma coerente e progressiva, no texto, construindo argumentos eficazes, convincentes, a fim de sustentar suas opiniões no intuito de persuadir o leitor. A escola não pode furtar-

se a desenvolver essa competência nos discentes, a de serem capazes de desenvolver uma ideia e defendê-la com argumentos bem fundados.

Seguindo a perspectiva de que a argumentação tem um caráter mais persuasivo que de convencimento, Pinto (2010) analisa alguns gêneros considerados persuasivos como o outdoor político, o Editorial e a petição inicial e ressalta dois aspectos que os destacam dos demais gêneros textuais, quais sejam

[...] a importância do aspecto persuasivo associado à questão funcional que lhes caracteriza e a especificidade da argumentação nestes gêneros, uma vez que englobará tanto aspectos linguísticos verbais e/ou não-verbais, quanto retóricos, em constante interação. (PINTO, 2010, p. 199)

Diante disso, percebemos que a persuasão está associada à finalidade de persuadir de diversas formas, como fazer o interlocutor adotar uma posição referente a uma determinada questão, ou mudar uma opinião que o interlocutor já detinha. Quanto à argumentação, os gêneros persuasivos, como o Editorial, apresentam uma argumentação própria, específica e complexa, uma vez se utiliza tanto de aspectos verbais quanto não-verbais, e também retóricos, interagindo constantemente. A argumentação, dessa forma, está presente em todo texto, porque diz respeito a forma como realizamos as escolhas estilísticas quando produzimos um determinado gênero. Além disso, a argumentação não diz respeito somente a uma intenção. Como preceitua Pinto (2010, p. 202) acerca desse tema, a argumentação corresponde a um processo e a um produto. Vejamos:

[...] Como processo pode ser depreendida, no universo textual, através de mecanismos argumentativos explícitos que estão em constante interação entre si e com outros elementos situacionais. Como produto, se confunde com o termo persuasão porque leva em conta o efeito persuasivo ou a finalidade persuasiva dos gêneros com os quais trabalhamos.

Observamos que, para chegarmos a uma conclusão, se faz necessário compreender os implícitos sinalizados através das marcas linguísticas deixadas pelo autor no texto. Algumas dessas marcas são os operadores argumentativos explícitos. Dessa forma, notamos que a argumentação, enquanto processo, é depreendida através dos operadores argumentativos que são mecanismos argumentativos

explícitos. Por outro lado, enquanto produto, corresponde a finalidade que o produtor tem de persuadir o outro e, isso se alcança através de gêneros que são, em sua origem, argumentativos. Pinto (2010) ainda ressalta que a argumentação não se processa somente no nível linguístico ou somente no nível retórico, ela envolve aspectos de diversas ordens em função da construção do *ethos* (imagem do orador construída pelo seu discurso e do *pathos* (emoções visadas do auditório), por isso que a interação e a flexibilidade são características dos gêneros que fazem uso da persuasão. A autora trabalha com o termo engrenagens textuais que diz respeito aos componentes internos do texto como: organizacional (encadeamentos argumentativos através de unidades textuais verbais e não-verbais) estilístico (escolha dos recursos verbais e não-verbais que o produtor do texto faz em função do gênero textual) ou enunciativo (diz respeito à construção da imagem do locutor e do interlocutor feitas textualmente).

Partindo desse direcionamento, Pinto (2010, p. 220) ainda afirma que “pode haver uma espécie de articulação funcional, entre UTs¹ diversas, decorrentes de mecanismos cognitivos”. Essas articulações podem desempenhar as funções de exemplificação uma em relação à outra, comentários ou ainda de comentário crítico, função de fecho quando houver uma espécie de sumário das noções. Estas UTs podem estar dispostas no plano de texto de diversas formas dependendo do gênero persuasivo. No caso do Editorial, as UTs virão com uma introdução, um desenvolvimento e um fecho (conclusão). A autora também apresenta os mecanismos argumentativos que “dizem respeito aos recursos verbais e não-verbais, com algum cunho persuasivo, utilizados pelo agente produtor, nos diversos gêneros que circulam nas diferentes práticas sociais [...] como o uso de alguns conectores” (PINTO, 2010, p. 231). Mais adiante, ela esclarece o que entende por conector

Consideraremos o termo conector em dois sentidos. 1) Serão as partículas de transição traduzíveis por PT (portanto) e CT (contudo), responsáveis pela formação dos encadeamentos argumentativos [...] 2) Serão unidades de coordenação – com exceção do “mas” – e de subordinação que funcionam como organizadores textuais, atuando na planificação textual. (PINTO, 2010, p. 247)

¹ UTs são unidades textuais que no interior do texto apresenta sentido.

Dessa forma, entendemos que os conectores irão depender da função que exercem na organização do texto e que podem ser representadas por conjunções ou orações. Portanto, devemos ficar atentos a funcionalidade do conector na estrutura textual. A seguir, apresentamos algumas considerações sobre os operadores argumentativos.

2.6 OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA TESSITURA DO TEXTO

Para escrever um texto argumentativo e que consiga atingir o objetivo do autor que é o convencimento do leitor a aderir a sua ideia, é necessário construir esse texto com alguns elementos que indiquem para o leitor certo direcionamento da leitura. Conforme Koch e Elias (2017, p. 31)

As relações entre a informação explícita no texto e a informação inferível (aqueles conhecimentos que o produtor do texto pressupõe como compartilhados com seu interlocutor, acreditando, pois, que consiga acessá-los sem grande dificuldade) estabelecem-se mediante estratégias de sinalização textual. É por meio de pistas textuais que o autor, ao processar o texto, procura levar o leitor a ativar conhecimentos necessários à produção de inferências e de sentidos. (grifos das autoras)

Como podemos constatar, o autor do texto precisa utilizar das estratégias de sinalização textual para levar o leitor a fazer relações entre o que está dito explicitamente no texto com o que está implícito, porém, inferível, desde que o leitor consiga ativar conhecimentos necessários acerca dessas pistas textuais deixadas pelo autor do texto. Essa sinalização será fundamental para a orientação argumentativa como veremos mais adiante. Koch (2018, p. 14) trata desses elementos de sinalização promovendo a coesão textual e afirma que os recursos de coesão textual são “[...] elementos da língua que têm por função precípua estabelecer relações textuais”. Assim, esses elementos servem para construir o que essa autora denomina de “tessitura” do texto. Existe uma relação de dependência entre os elementos do texto para haver uma interpretação do sentido dele. Uma definição adequada de coesão textual encontramos em Koch (2018, p. 18): “coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual”. Dessa forma, percebemos que os recursos de coesão textual promovem a sequencialização textual.

Koch (2018) propõe a existência de duas grandes modalidades de coesão: a **coesão remissiva** ou **referencial** (referenciação, remissão) e a **coesão sequencial** (sequenciação). A autora chama de “*coesão referencial* aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual” (Koch, 2018, p. 31, grifos da autora). Dessa forma, pressupõe a existência de dois elementos. O primeiro é chamado *forma referencial* ou *remissiva* e o segundo, *elemento de referência* ou *referente textual*. Sobre a segunda modalidade de coesão textual, a autora afirma que

A coesão sequencial diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir. (KOCH, 2018, p. 53).

No nosso trabalho, iremos nos pautar no segundo tipo de modalidade de coesão textual, a coesão sequencial, por se tratar dos procedimentos linguísticos que estabelecem relações semânticas e/ou pragmáticas entre enunciados e partes de enunciados. Essa progressão textual a qual a coesão sequencial é responsável, ocorre através de sequenciação **frástica** e **parafrástica**. De acordo com os postulados de Koch (2018) a sequenciação parafrástica ocorre quando, na progressão do texto, utilizam-se procedimentos de recorrência, tais como as recorrências. Já a sequenciação frástica ocorre através de conectores de diversos tipos. A sequenciação frástica é o que será o foco de nossa abordagem nessa presente pesquisa.

Apresentamos a seguir os procedimentos de sequenciação frástica elencados por essa estudiosa da Linguística Textual. São eles: Procedimentos de manutenção temática, Progressão temática, e Encadeamento. Interessa-nos o procedimento de encadeamento o qual “permite estabelecer relações semânticas e/ou discursivas entre orações, enunciados ou sequências maiores do texto. Pode ser obtido por justaposição ou por conexão”. (KOCH, 2018, p. 66). Ainda, segundo essa mesma autora, a justaposição pode ocorrer com ou sem o uso de elementos sequenciadores, enquanto a conexão ocorre através dos conectores interfrásticos como é o caso das conjunções, advérbios sentenciais e outras palavras (expressões) de ligação que estabelecem relações semânticas e/ou pragmáticas entre orações, enunciados ou partes do texto. O encadeamento do tipo conexão estabelece no texto **relações lógico-semânticas** estabelecidas por meio de conectores ou juntores de tipo lógico e

relações discursivas ou argumentativas que ocorrem através do uso de operadores argumentativos. Iremos analisar, nesse trabalho, esse último tipo de relação. Koch (2018, p. 71-72) explica sobre as relações discursivas ou argumentativas que

Os encadeadores de tipo discursivo são responsáveis pela estruturação de enunciados em textos, por meio de encadeamentos sucessivos, sendo cada enunciado resultante de um ato de fala distinto. Neste caso, o que se assevera não é, como nas relações de tipo lógico, uma relação entre o conteúdo de duas orações, mas produzem-se dois (ou mais) enunciados distintos, encadeando-se o segundo sobre o primeiro, que é tomado como tema. [...] Assim, tais encadeamentos podem ocorrer entre orações de um mesmo período, entre dois ou mais períodos e, também, entre parágrafos de um texto: daí a denominação dada aos conectores por eles responsáveis de operadores ou encadeadores de discurso. Ademais, esses conectores, ao introduzirem um enunciado, determinam-lhe a orientação argumentativa e as relações que estabelecem, relações pragmáticas ou argumentativas.

Nessa perspectiva, é que nos baseamos para analisarmos as relações argumentativas estabelecidas por meio do emprego desses conectores discursivos chamados de operadores argumentativos dentro do texto. Consideramos de fundamental importância o conhecimento das relações que podem ser estabelecidas através desses operadores para o encadeamento discursivo determinando a orientação argumentativa, ou seja, para a construção de uma boa argumentação textual. Interessante ressaltar que esses encadeamentos se dão a partir de um primeiro enunciado tomado como tema. A partir desse, se dar o encadeamento sucessivo de outros enunciados distintos do primeiro, mas que mantém entre si relações argumentativas ou pragmáticas. Koch (2011, p. 101-102. Grifos da autora) discorrendo sobre os operadores argumentativos assevera que

É importante salientar que se trata, em alguns casos, de morfemas que a gramática tradicional considera como elementos meramente relacionais – **conectivos, como mas, porém, embora, já que, pois** e, em outros, justamente de vocábulos que, segundo a N.G.B., não se enquadram em nenhuma das dez classes gramaticais. [...] É a macrossintaxe do discurso – ou semântica argumentativa – que vai recuperar esses elementos, por serem justamente eles que determinam o valor argumentativo dos enunciados, constituindo-se, pois, em marcas linguísticas importantes da enunciação.

A respeito dos operadores argumentativos, como bem apresenta essa autora, até pouco tempo, não se tinham estudos sobre esses elementos, e ainda hoje, a

gramática tradicional não dar o devido crédito a eles. Mas, com o surgimento dos estudos da semântica argumentativa, esses elementos passaram a ter uma grande importância por serem justamente os responsáveis pelo encadeamento discursivo dos enunciados conduzindo os argumentos para uma conclusão. Por isso, são marcas linguísticas importantes da enunciação por terem esse caráter argumentativo, de organizadores da argumentação. Koch e Elias (2017) discorrendo sobre os estudos de Ducrot apresentam duas noções básicas com relação aos elementos existentes na língua que orientam para o sentido da força da argumentação pretendida: classe argumentativa e escala argumentativa. “A **classe argumentativa** designa o conjunto de elementos que apontam ou orientam para *uma mesma conclusão*.” (KOCH e ELIAS, 2017, p. 61, grifos das autoras.). Essa classe argumentativa se refere aos argumentos na sequência argumentativa. Já a escala argumentativa, segundo essas autoras, ocorre quando “[...] há enunciados de uma classe argumentativa que podem apresentar *uma gradação de força (crescente ou decrescente) no sentido de uma mesma conclusão*.” (op. Cit. 62). O argumento de força maior vem introduzido por expressões como *até, mesmo, ainda*. Nessa perspectiva, segundo as estudiosas:

Os **operadores** ou **marcadores argumentativos** são, pois, elementos linguísticos que permitem orientar nossos enunciados para determinadas conclusões. São, por isso mesmo, responsáveis pela **orientação argumentativa** dos enunciados que introduzem, o que vem a comprovar que a **argumentatividade** está inscrita na própria língua (KOCH e ELIAS, 2017, p. 64, grifos das autoras).

Assim, notamos que os operadores argumentativos são determinantes para orientar os enunciados quanto a conclusão que pretendemos enquanto autores de um texto, bem como comprovam que a argumentatividade está na língua, porque todos os elementos gramaticais que atuam como operadores estão presentes na língua, isto é, já existem lá com tal função. O que precisamos, enquanto usuários da língua, é nos apropriarmos desses elementos e usarmos adequadamente quando formos formular uma argumentação, quer seja para defender um ponto de vista sobre determinado tema ou para refutar opiniões contrárias as nossas.

Apresentamos, a seguir, os tipos de operadores argumentativos, conforme Koch e Elias (2017, p. 64-75):

Quadro 02: Tipologia de operadores argumentativos

TIPOS DE OPERADORES	OPERADORES	EXEMPLOS
1- Operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão	e, também, ainda, nem (e não), não só...mas também, tanto...como, além de, além disso etc	Mais do que nunca o país precisa de superação. E vai depender, mais uma vez, muito de seus jovens, honestos, desinibidos, sonhadores, preparados, inteligentes e competentes. (Fonte: STEINBRUCH, Benjamin. "Leca Meleca". Folha de S. Paulo. Mercado, 14 jul. 2015, A20)
2- (a) Operadores que indicam o argumento mais forte de uma escala a favor de uma determinada conclusão	até, até mesmo, inclusive	Para enfrentar a crise procure uma grande agência. Pode inclusive ser a nossa. (Fonte: Folha de S. Paulo. Poder, 13 jul. 2015, A9)
(b) Quando a escala é orientada para a negação	nem, nem mesmo	Um aluno nunca esquece um grande professor. Nem o que ele ensina. (Fonte: Veja São Paulo, n. 2435, jul. 2015)
(c) Operador <i>que acrescenta um argumento de maneira sub-reptícia</i> para dar o golpe final, coroando todos os demais argumentos	Aliás	"O estranhamento continuou ao constatar que nossos amigos, uma vez em casa, não se precipitaram para telefonar para o 190. Aliás , descobri na ocasião que ninguém sabia qual era o número certo: 190? 192? 193? Por que memorizar um número de emergência no qual ninguém confia?" (Fonte: CALLIGARIS, Contardo. "Fim de semana no Rio". Folha de S. Paulo. Ilustrada, 27 ago.2015, C10, <i>apud</i> KOCH e ELIAS, 2017, p. 67)
3- Operadores que deixam subentendida a existência de uma escala com outros argumentos mais fortes	ao menos, pelo menos, no mínimo	O jeitinho brasileiro foi promovido de vergonha nacional a centro da cultura estratégica brasileira. E com ensinamentos a serem divulgados mundo afora. Pelo menos ao levar em conta que o modo de agir peculiar foi tema de palestra a empresários ligados à Câmara de Comércio França-Brasil (CCFB) na segunda-feira (17), em São Paulo. (Fonte: OLIVEIRA, FILIPE. "Jeitinho brasileiro é promovido a estratégia no mundo dos negócios". Folha de S. Paulo. Mercado, 20 ago. 2015, A16.

4- Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias	mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto, embora, ainda que, posto que, apesar de (que).	Não existe dia ruim para comprar um BMW. Mas existe dia melhor.
5- Operadores que introduzem uma conclusão com relação a argumentos apresentados em enunciados anteriores	logo, portanto, pois, por isso, por conseguinte, em decorrência etc	Dias de calor intenso podem causar danos à saúde se não forem tomados os cuidados adequados. O organismo perde líquidos naturalmente ao longo do dia. Por isso hidrate-se neste carnaval! Corpo saudável, mente sã. (Fonte: Anúncio Abyara BrasilBrokers. Folha de S. Paulo. Mercado, 15 fev. 2015, A20)
6- Operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior	porque, porquanto, já que, pois, que, visto que, como etc.	Por que viajar para a Áustria? Porque é um país que combina, de forma impressionante, os opostos: rica herança imperial com uma espetacular arquitetura moderna, cidades românticas com aventuras incríveis, natureza com cultura erudita. (Fonte: “Por que viajar para a Áustria?”. Chegar: o jornal de férias da Áustria.)
7- Operadores que estabelecem relações de comparação entre elementos, visando a uma determinada conclusão	mais... (do) que, menos... (do) que, tão... quanto	Em 15 anos, capital paulista terá mais velhos do que jovens; atual geração de idosos é mais ativa do que anteriores. (Fonte: FAGUNDEZ, Ingrid. “Em 15 anos, SP terá mais idosos do que jovens, mas ainda está despreparada”. Revista Sãopaulo. São Paulo: Folha de S. Paulo, 16 a 22 ago. 2015.)
8- Operadores que introduzem argumentos alternativos que levem a conclusões diferentes ou opostas	ou... ou, quer... quer, seja... seja	Seja porque a vida de gente grande é uma pedreira, seja pela neotenia – o apego à forma jovem, a característica mais bela de nossa espécie -, o fato é que há homens que nunca deixam de ser meninos pela vida afora (assim como há aqueles que parecem nunca tê-lo sido). (Fonte: DAUDT, Francisco. “O menino no armário”. Folha de S. Paulo. Cotidiano, 19 ago. 2015, B2.)

9- Operadores que introduzem no enunciado conteúdos pressupostos	já, ainda, agora etc.	Sua vida já é digital. Está na hora de a sua conta também ser. (Fonte: Campanha da Vivo “Usar bem pega bem”. Veja. São Paulo, n. 2.438, 12 ago. 2015.)
10.1 - Operadores que funcionam numa escala orientada para a afirmação da totalidade	um pouco, quase	João estudou um pouco : tem possibilidade de passar no concurso.
10.2- Operadores que funcionam numa escala orientada para a negação da totalidade.	pouco, apenas	João estudou pouco : provavelmente não passará no concurso.

Fonte: KOCH e ELIAS, 2017, p. 64-75)

Koch e Elias (2017, p. 69, grifos das autoras) apresentam a metáfora da balança trazida de Ducrot (1980) para explicar o funcionamento do **mas**, considerado, por esse teórico da argumentação, como o operador argumentativo por excelência,

quem usa o **mas** coloca no prato **A** um argumento com o qual não se engaja, isto é, que pode ser atribuído a seu interlocutor, ou a terceiros ou ainda ao saber comum de determinada cultura.

A seguir, coloca no prato **B** um argumento contrário, ao qual adere, fazendo a balança inclinar-se nessa direção. Há, portanto, contraposição de argumentos orientados para conclusões contrárias, pois o argumento do prato **B** nega as expectativas criadas pelo argumento do prato **A**.

Dessa forma, notamos o quanto o emprego de um operador argumentativo ajuda a direcionar os argumentos no texto, de modo a atingir o objetivo do autor na arte do argumentar a fim de orientar para uma conclusão. No caso do emprego do **mas**, a orientação argumentativa será para conclusões contrárias.

A partir dessa apresentação dos tipos de operadores, constatamos que os operadores argumentativos estão presentes na língua, além do que, são responsáveis pelo encadeamento dos enunciados dentro do texto, de forma a determinar a orientação argumentativa. Quando ensinamos aos alunos a gramática da língua, ensinamos, muitas vezes, as conjunções, preposições, advérbios e outras classes gramaticais, mas não apresentamos a eles o funcionamento desses elementos no texto. Fiorin (2017, p. 86, grifos do autor), acerca dos marcadores argumentativos,

alerta para não nos prendermos à classificação clássica desses termos e esquecermos sua funcionalidade em cada enunciado:

Não podemos confiar no uso dos marcadores argumentativos, como **assim** ou **portanto**, para determinar se um argumento é logicamente adequado, pois nem sempre eles introduzem um ato de fala que expressa a conclusão de um argumento lógico. Em *Eu estava cansado. Assim, parei de trabalhar*, o marcador **assim** indica causa e não conclusão. [...] A linguagem natural tem sua própria lógica, o que leva a que, no seu uso cotidiano, nem sempre se possam aplicar as leis da Lógica.

Como vimos, cada elemento desses tem uma importância na organização e encadeamento dos enunciados no texto. Por isso, fica evidente a necessidade de se fazer um trabalho na escola com esses elementos de nossa língua, a fim de que nossos alunos compreendam a funcionalidade dos operadores na hora de produzirem textos argumentativos. Nesse trabalho, buscamos compreender o uso que os alunos fazem desses marcadores argumentativos ou operadores argumentativos em seus textos com o propósito de organizar e orientar o encadeamento dos argumentos a fim de persuadir.

2.7 EDITORIAL: CARACTERÍSTICAS E CONTEXTO DE PRODUÇÃO

O Editorial é um texto produzido pela equipe do jornal ou revista responsável pela publicação. No entanto, percebemos que ainda são necessários outros estudos teóricos práticos sobre o referido gênero textual, principalmente na sala de aula. É um gênero argumentativo que apresenta características próprias como não ser assinado por uma única pessoa para dar um caráter de impessoalidade, mas com isso não significa que seja neutro, pois sabemos que quem o produz, geralmente, é o editor chefe do jornal ou da revista.

De acordo com o dicionário “Editorial é um artigo que exprime a opinião do órgão, em geral escrito pelo redator-chefe, e publicado com destaque” (FERREIRA, 2009, p. 499).

Soares (2016, p. 10), sobre o Editorial, aponta que

Esse gênero tem como função apresentar a posição de cada jornal sobre assuntos que estão em voga no noticiário do momento, tendo por objetivo cooptar leitores para que criem naquelas posições

adotadas. O estudo do gênero editorial pode ser relevante, na medida em que a análise dos recursos empregados por editorialistas para persuadir o leitor, pode trazer para a sala de aula uma discussão mais crítica sobre os discursos veiculados pela mídia, servindo de ponto de referência para a produção e leitura mais eficientes de textos pelos alunos.

Dessa forma, a autora supracitada reforça nossa intenção nessa pesquisa de trabalhar em sala de aula com o Editorial e mostrar a importância desse ensino para o desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos, além de torná-los leitores mais críticos de textos jornalísticos. Soares (2016, p. 13) analisa o discurso dos Editoriais como sendo persuasivo/exortativo, pois “tenta conduzir a opinião a um destino de unanimidade, como se assuntos e opiniões bordados pudessem ser considerados irrefutáveis”.

Melo (1985) dedica um tópico específico em sua obra para tratar do gênero editorial. O autor inicia apresentando a seguinte definição:

Editorial é o gênero jornalístico que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento. Todavia, a sua natureza de porta voz da instituição jornalística precisa ser melhor compreendida e delimitada. (MELO, 1985 p. 79).

Compreendendo essa necessidade de melhor compreensão desse gênero, propomos estudá-lo em sala de aula. Outro trabalho muito relevante para nossos estudos é o de Souza (2006). A autora, em sua tese de doutorado, também apresenta uma definição e classificação dos diferentes “tipos de editoriais”, conforme a seguir:

O editorial opinativo ou padrão apresenta quatro atributos específicos: impessoalidade, topicalidade, condensalidade e plasticidade, ou seja, não é matéria assinada; trata de um tema bem delimitado e traz poucas ideias, dando mais ênfase às afirmações do que às demonstrações. O editorial padrão é gênero exclusivo dos jornais, e com o perfil que apresenta, tal gênero talvez seja mesmo exclusivo desse veículo. (...) Sousa (2004) chama a atenção para outros dois tipos. Os editoriais mistos, isto é, aqueles que podem incorporar várias características como ser preventivo, informativo e intelectual, por exemplo. Os editoriais de apresentação, que são aqueles que apresentam um determinado número de um jornal ou de uma revista, justificando a abordagem de determinados assuntos, ou quando apresentam um novo órgão de comunicação que surge no mercado. (SOUZA, 2006, p. 62)

Dessa forma, pretendemos compreender e estudar o Editorial de revistas. Sabemos que o Editorial é um gênero textual. De acordo com Soares (2016, p. 46), “[...] Um Gênero implica não somente um tipo particular de texto, mas também um processo particular de produção, distribuição e consumo desse texto [...]”, sendo o modo particular de produção do Editorial um ambiente jornalístico em que, geralmente, o editor chefe produz e assina o texto representando a empresa e visando o público-alvo, que são os leitores consumidores da revista, além de ter um espaço delimitado dentro da revista. Como estratégia para revigorar o Editorial nas revistas e continuar mantendo o espaço de opinião da empresa responsável, os jornalistas têm personalizado os Editoriais, chamando-os de “carta ao leitor” ou “carta do editor”, uma tentativa de aproximar-se mais do leitor como alguém familiar. No caso da revista Veja, o Editorial é chamado de carta ao leitor.

Acerca do fato de o Editorial conseguir se manter vivo em revistas e jornais, Tavares e Schwaab (2013, p. 191 e 192) apresentam a seguinte explicação

[...] neste início de século XXI, constatamos que ele resiste, e o faz em área nobre: nas páginas iniciais de jornais e revistas. Uma prova de que a imprensa deseja manter vivo o espaço cativo de sua opinião institucional, ainda que muitas vezes ocupe-o maquinalmente, com temas distantes e/ou argumentações tão ponderadas que se tornam insípidas. O editorial é uma espécie de reserva do poder opinativo dos veículos, podendo ser utilizado como arma poderosa em situações extraordinárias.

Diante disso, percebemos o grande interesse do jornalismo pelo Editorial, pois é uma estratégia argumentativa para persuadir o leitor diante de temas de seu interesse. No meio jornalístico, a intenção é vender seu produto, assim busca atrair o leitor e convencê-lo a comprar o jornal ou a revista. Dessa forma, o meio jornalístico busca ser imparcial, apresentando uma informação e, ao mesmo tempo, apresenta a opinião da instituição jornalística. Com isso, Melo (1994, *apud* SOARES, 2016, p. 51)

propõe a classificação do jornalismo brasileiro em dois âmbitos: o da informação e o da opinião. Como jornalismo informativo, são consideradas a nota, a notícia, a reportagem, a entrevista. Como jornalismo opinativo, toma-se, o editorial, o comentário, o artigo, a resenha, a coluna, a crônica, a caricatura, a carta.

Nessa perspectiva, o Editorial é um gênero textual argumentativo, pois é classificado no âmbito da opinião no jornalismo, justamente por expressar a opinião

de uma equipe de uma revista ou de um jornal. Nesse mesmo direcionamento referente ao papel do Editorial enquanto um gênero jornalístico que representa a opinião do grupo jornalístico responsável pelo jornal ou revista, Bazerman (2011), afirma

Quando invocamos um gênero, tal como um editorial de jornal, estamos invocando não apenas um modelo de um tema oportuno, palavras avaliativas e emocionais, e recomendações políticas. Estamos invocando o papel do jornalismo e do comentário na política contemporânea, o poder cívico e econômico de um determinado jornal, a reputação pública dos seus jornalistas e a influência de seus leitores. Estamos invocando eventos nos quais participam muitos jogadores, uma topologia que evolui com o tempo e um habilidoso senso de *timing* necessário para o sucesso de qualquer editorial. Estamos invocando os padrões de crítica e de bom gosto dentro de uma comunidade, as atitudes correntes com respeito a figuras políticas e os temas mais polêmicos do momento. É nesse ambiente complexo que o editorial tem que agir. (BAZERMAN, 2011, p. 30)

Dessa forma, quando um leitor de um determinado jornal ou revista procura o Editorial para analisar, está em busca da opinião daquela imprensa sobre determinado assunto polêmico. O Editorial pela forma como aparece nesses suportes, denuncia qual a filosofia que o jornal ou revista adota; a reputação pública de seus jornalistas, se merecem credibilidade quanto ao assunto abordado; o perfil de seus leitores, bem como o poder social e econômico que o jornal ou revista detém na sociedade, por isso, toda a equipe precisa ter a mesma visão e agir como uma time unido para o sucesso do Editorial. Daí a importância que os jornalistas dão na produção de um bom editorial por tratar-se do “cartão de visita” do jornal para os leitores.

Escrevendo acerca da revista enquanto veículo de comunicação, Scalzo (2016, p. 12) afirma “Uma revista é um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento [...]”. Assim, notamos que uma revista por ser mais que um veículo de comunicação, ser um negócio empresarial, envolve muito mais do que somente jornalismo, pois, dentro dela, há diversos gêneros textuais voltados para propagandas, entretenimento e outras áreas. Concordamos com essa autora quando ela assevera que “Ainda hoje, a palavra escrita é o meio mais eficaz para transmitir informações complexas [...]” (SCALZO, 2016, p. 13). A revista trabalha, justamente, com o poder que a palavra escrita tem na sociedade para transmitir informações complexas, como

é o caso do Editorial que trata de temas polêmicos da atualidade. Ainda discorrendo sobre o papel da revista na sociedade, essa mesma autora ainda afirma

Enquanto os jornais nascem com a marca explícita da política, do engajamento claramente definido, as revistas vieram para ajudar na complementação da educação, no aprofundamento de assuntos, na segmentação, no serviço utilitário que podem oferecer a seus leitores. Revista une e funde entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos [...]. (SCALZO, 2016, p. 14)

Nesse sentido, percebemos que a revista, diferentemente dos jornais, exerce um papel maior na sociedade, porque tem uma função mais formativa, educativa dos indivíduos além de oferecer um serviço utilitário aos seus leitores. A revista une em suas páginas uma série de áreas que interessam aos cidadãos como entretenimento, educação, jornalismo, serviços e opinião acerca dos acontecimentos atuais e históricos também. Assim, notamos o papel relevante que a revista assume na sociedade atual.

Nesse capítulo, buscamos apresentar teorias que dão suporte à nossa pesquisa, como também compreender melhor o uso e a função dos operadores argumentativos. Além disso, os autores aqui citados, deram-nos respaldo para a análise dos dados, bem como para nossa atuação enquanto professora em sala de aula. No próximo capítulo apresentamos os passos metodológicos utilizados para a realização desse trabalho e como se deu a coleta dos dados junto aos alunos.

3 METODOLOGIA

Com o intuito de buscar soluções para os problemas relacionados à produção textual dos alunos vivenciados constantemente, em sala de aula, optamos por realizar uma pesquisa-ação em nossas aulas de língua portuguesa. Buscando compreender e interpretar o uso dos operadores argumentativos pelos alunos, utilizamos a pesquisa qualitativa para análise dos dados. Após detectarmos o problema, foi possível a realização de uma intervenção mediante a aplicação de uma sequência didática.

3.1 TIPO DE PESQUISA

O nosso tipo de pesquisa se constitui numa pesquisa-ação, cuja abordagem é interpretativa/descritiva de base qualitativa porque está firmada num paradigma em que interpreta e descreve os dados. Segundo Moreira e Caleffe (2008, p. 62)

[...] o pesquisador interpretativista acredita que é capaz de interpretar e articular as experiências em relação ao mundo para si próprio e para os outros. Ele não está à parte da sociedade como um observador, mas constrói ativamente o mundo em que vive. [...] A realidade social não pode estar separada do significado que ele dá a ela e como ele interpreta essa realidade. [...]

Dessa forma, compreendemos a importância dessa abordagem em que busca compreender a realidade social e intervir para melhorá-la. O pesquisador necessita estar envolvido no meio em que realiza a pesquisa, por isso, o nosso interesse em utilizar esse modelo de pesquisa para alcançarmos nossos objetivos propostos na introdução desse trabalho.

Pensando em nossos objetivos, nessa pesquisa realizamos uma pesquisa-ação, pois utilizamos como laboratório nossa própria sala de aula, onde o pesquisador/professor e os alunos serão os participantes da investigação científica. Dentre as muitas definições de pesquisa-ação, respaldamo-nos na definição dada por Thiollent (2011, p. 20)

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Assim, é possível atender às exigências do PROFLETRAS que preconiza um estudo voltado para situações reais vivenciadas na sala de aula do professor/pesquisador com o intuito de realizar um trabalho de intervenção do problema encontrado junto aos alunos. Esclarecendo ainda mais essa noção, Thiollent (*op.cit*) assevera que

[...] uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação. Além disso, é preciso que a ação seja uma ação não trivial, o que quer dizer uma ação problemática merecendo investigação para ser elaborada e conduzida.

A pesquisa-ação é muito útil no fazer pedagógico no âmbito educacional, conforme Thiollent (2011, p. 85)

Com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em condições de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico. Tal orientação contribuiria para o esclarecimento das microssituações escolares e para a definição de objetivos de ação pedagógica e de transformações mais abrangentes.

Norteamo-nos por esse posicionamento para afirmarmos que muitos dos problemas encontrados durante o ensino de língua portuguesa na escola relacionados à dificuldade de aprendizagem dos alunos, seriam minimizados se o professor fosse um pesquisador em sua sala de aula, isto é, realizasse a pesquisa-ação para buscar esclarecimentos acerca de determinada situação de ensino-aprendizagem com a finalidade de propor uma ação pedagógica que venha transformar essa realidade.

Dessa forma, a ação que realizamos com a finalidade de amenizar os problemas de construção da argumentação, nos textos dos alunos, foi através da aplicação de uma Sequência Didática (SD).

3.2 AMBIENTE DA PESQUISA

O ambiente dessa pesquisa é constituído de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da rede estadual de ensino da cidade de Coronel Ezequiel/RN, composta por 26 alunos residentes tanto na zona rural quanto na zona

urbana. Desse número, 24 estão incluídos na faixa etária entre 14 e 15 anos e apenas 02 são repetentes.

Essa escola onde realizamos a pesquisa oferta o ensino fundamental e médio, sendo um ensino médio regular e um ensino médio profissionalizante, possui sete salas de aula, uma biblioteca, duas salas para no futuro abrigar um laboratório de ciências e outro de informática, um almoxarifado, um refeitório e uma quadra descoberta. Dispõe de um corpo docente permanente e que leciona nas disciplinas específicas de sua formação. Além disso, a escola possui dois secretários, dois professores pedagogos na biblioteca, dois coordenadores pedagógicos, um coordenador administrativo, uma professora para educação especial, merendeiras, Auxiliares de serviços gerais, o diretor e uma vice diretora. Porém não possui sala de leitura e os pedagogos que ficam na biblioteca não realizam nenhum trabalho ou projeto voltado para o desenvolvimento do gosto pela leitura e escrita entre os alunos.

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Como participantes da pesquisa, contamos com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Essa turma é composta por 26 alunos na faixa etária entre os 14 e 15 anos residentes, a grande maioria, na zona urbana, mas também tem alguns alunos da zona rural, e estudam nessa escola desde o início do EF.

São alunos que gostam de realizar as tarefas o que nos traz satisfação pela participação deles, fato esse que se confirmou com o interesse em participar das atividades da sequência didática. São amigos e companheiros uns dos outros, enfim, são muito unidos o que nos enche de alegria.

Além dos alunos enquanto participantes da pesquisa, atua também a professora/pesquisadora responsável pela disciplina de Língua Portuguesa da turma, que é licenciada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) com especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Materna pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e, atualmente. Atualmente é mestranda do PROFLETRAS pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A professora além de possuir diploma de Licenciatura Plena em Letras, também concluiu o bacharelado em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Escolhemos trabalhar com a argumentação em textos escritos focando no uso dos operadores argumentativos como organizadores discursivos e textuais porque os alunos do 9º ano do EF já pensam em fazer exames para estudarem no IFRN (Instituto Federal do Rio Grande do Norte) e, também, fazer o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) em breve, visto que no ano seguinte já irão iniciar os estudos no Ensino Médio o que lhes causa ansiedade e pressão pela responsabilidade em conseguir a aprovação no ENEM onde é cobrada uma prova de redação com um gênero argumentativo.

Desse modo, o *corpus* da pesquisa será, portanto, constituído das produções textuais realizadas pelos aprendizes bem como de outras atividades desenvolvidas ao longo da aplicação da SD, o que será analisado na parte da análise dos dados na produção da dissertação final do mestrado do PROFLETRAS. Assim, decidimos selecionar 13 textos tanto da produção inicial como da produção final o que corresponde a 50% (cinquenta por cento) do total de alunos.

3.4 INSTRUMENTAL DE COLETA DE DADOS

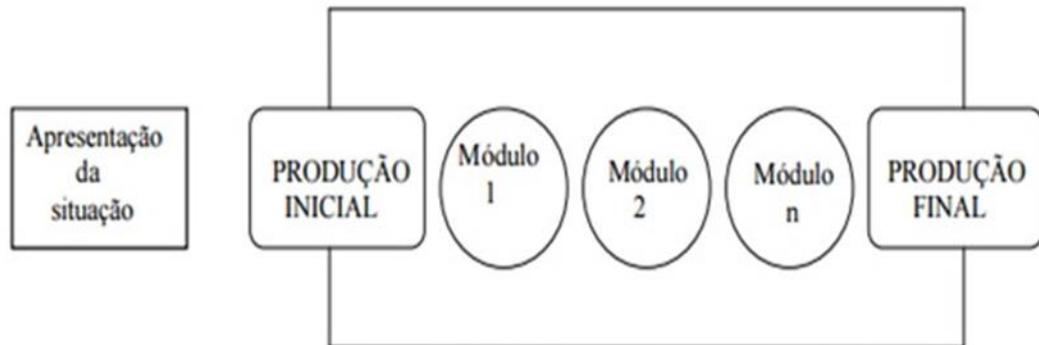
Os dados de nossa pesquisa foram gerados a partir de uma sequência didática (SD), que norteou uma proposta de intervenção pedagógica sobre a produção escrita do gênero textual Editorial em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental.

Esta sequência didática foi fundamentada nas orientações de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 82) que a definem como “Uma ‘sequência didática’ é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Dessa forma, dividimos o trabalho em três etapas: produção inicial, intervenção e a produção final. Essa sequência didática foi aplicada em 23 aulas de 45 minutos, porém tiveram dias em que o tempo destinado às aulas ficou comprometido, pois a escola, devido a problemas de falta de merenda escolar, teve que reduzir os horários para 30 minutos para que os alunos saíssem mais cedo. Além disso, prevíamos concluir o trabalho em meados de dezembro, mas o término das aulas foi antecipado para o dia 30 (trinta) de novembro devido à falta de transporte para os alunos da zona rural porque a prefeitura da cidade, que faz parceria com o Estado no tocante à divisão das despesas com o transporte escolar, para conter gastos, não ofereceu esse serviço no mês de dezembro. Assim, foi bem difícil no final

da sequência didática para realizarmos todas as tarefas que previa, mas conseguimos concluir.

Apresentamos agora o esquema da sequência didática baseada em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), que utilizamos para o trabalho com os alunos.

Quadro 03: Modelo de Sequência Didática



(Fonte: DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 98)

Conforme esse esquema de SD apresentada pelos autores, o trabalho sistematizado em sala de aula para alcançar determinado resultado deve partir da *apresentação da situação* em que o professor descreve para os alunos o que farão durante as aulas seguintes. Após esse esclarecimento do projeto de produção de um determinado gênero textual, o professor solicita a *primeira produção* para avaliar os conhecimentos que os alunos já detêm sobre o gênero textual abordado e as dificuldades apresentadas para poder elaborar atividades com o objetivo de sanar essas dificuldades. De posse dessa primeira produção, o professor então, elabora várias atividades organizadas em *módulos* para trabalhar de forma sistemática e aprofundada os problemas apresentados na primeira produção. Por fim, o professor após essas várias atividades trabalhadas, solicita uma *produção final* a fim de verificar como os alunos põem em prática os conhecimentos adquiridos e, assim, medir os avanços apresentados em relação à primeira produção.

Seguimos esse modelo de Sequência Didática por considerarmos ser esse um método de trabalho sistemático e eficaz com o gênero textual em sala de aula. Apresentamos agora como realizamos cada etapa dessa SD.

Passamos agora a apresentação do quadro da Sequência Didática.

Quadro 04: Sequência Didática

Ações didáticas propostas Gênero textual: Editorial	Carga horária
<p>1. Apresentação da situação</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a proposta de trabalho a qual será aplicada em sala de aula; • Entrar em contato com a argumentação e o editorial. • Detectar conhecimentos iniciais dos alunos a partir do questionário: <div style="border: 2px solid black; padding: 10px;"> <p>Escola Estadual José Joaquim – Coronel Ezequiel/RN</p> <p>Disciplina: Português Professora: Ruth Faustino</p> <p>Aluno(a): _____ 9º ano</p> <p style="text-align: center;">Questionário de pesquisa</p> <p>1- Idade: _____</p> <p>2- Onde você mora? () zona urbana () zona rural</p> <p>3- Você costuma ter acesso a revistas com frequência? () Sim () Não</p> <p>4- Qual a revista que lhe chamou mais a atenção para querer comprar e ler? () Veja () Minha Novela Por quê? _____</p> <p>5- Dos gêneros textuais publicados nas revistas que você leu na sala de aula, quais chamaram mais sua atenção? () Editorial () charge () notícias () horóscopo () anúncio publicitário () celebridades () sinopse de filmes () artigo de opinião</p> <p>6- Lendo e analisando o gênero textual Editorial, você o classificaria como sendo: () narrativo () descritivo () argumentativo</p> <p>7- Que tipo de assunto você imagina que é tratado em um editorial de uma revista? _____</p> </div> <p>Procedimentos metodológicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentar para os alunos a proposta de trabalho com o gênero textual Editorial. Distribuir entre os alunos alguns exemplares de revistas Veja 	12 aulas

e Minha Novela a fim de terem contato com esse suporte e o gênero Editorial. Após isso, aplicar um questionário de pesquisa.

- Levar para a sala dois editoriais: um da revista Veja e outro da revista Minha Novela para comparar os dois tipos.
- Levar para a sala de aula cópias da reportagem

Materiais Utilizados:

- Textos do gênero editorial publicados em revistas;
- Papel;
- Lápis;
- Retroprojeter
- Cópia do questionário.

Avaliação

- Participação nas aulas;
- Resolução das atividades.

Atividades

Atividade 1 Reportagem “A Rússia na encruzilhada” (04 de julho de 2018)

Com base na reportagem lida, responda:

- 1- Quando essa reportagem foi publicada? Em que veículo?
- 2- O que estava acontecendo no mundo nessa época?
- 3- Quem é o autor dessa reportagem?
- 4- Qual o tema dessa reportagem?
- 5- A reportagem aponta um dado que na Copa do Mundo de 2018 foi investido aproximadamente 10 bilhões de dólares, cerca de 38 bilhões de reais. O que você acha desses eventos que gastam tanto dinheiro? É realmente necessário tudo isso?

Atividade 2:

Com base nos editoriais lidos (Veja, 04 de julho; Minha Novela, 08 de junho de 2018), responda:

- 1- Qual o editorial que você mais gostou? Por quê?
- 2- O editorial de que revista tem a linguagem mais fácil de compreender? Por que você acha que esse editorial tem a linguagem dessa forma?
- 3- Qual o tema do editorial da revista Veja?
- 4- Qual o tema o editorial da revista Minha Novela?
- 5- Qual a data da publicação?
- 6- Levando em conta quando os editoriais foram publicados, esses temas abordados nos editoriais são relevantes? Por quê? Parece relacionado a alguma notícia ou reportagem do mesmo período?
- 7- Em que parte da revista foi publicada esses editoriais? Levante hipóteses sobre os motivos de ter sido publicado nessa parte?

- 8- Quem é o autor do editorial da revista Veja? Além do nome, há mais informações sobre ele?
- 9- Quem é o autor do editorial da revista Minha Novela? Além do nome, há mais informações sobre ele?
- 10- Para que tipo de leitor o editorial da Veja se dirige? Que importância essas informações podem ter para esse leitor?
- 11- Para que tipo de leitor o editorial da Minha Novela se dirige? Que importância essas informações podem ter para esse leitor?
- 10- Com que finalidade esse assunto é abordado? Comente sobre o assunto das duas revistas.
- 11- O editorial da revista Veja faz referência à reportagem “A Rússia na encruzilhada”? Como você consegue perceber isso?
- 12- Considerando que se trata de textos argumentativos, que ideia ou tese o autor parece defender? Quais os argumentos?

Após recolher as respostas dos alunos, mostrar-lhes algumas noções sobre argumentação e características dos editoriais:

- Costumam circular em veículos tipicamente jornalísticos e de grande penetração popular: jornais impressos e revistas.
- Geralmente são escritos por alguém que represente a empresa como o editor-chefe ou algum outro jornalista de fale em nome de toda a equipe.
- Abordam assuntos e/ou acontecimentos polêmicos atuais, recentemente noticiados e de interesse público. Geralmente tratam de assuntos abordados na mesma edição.
- Têm como objetivo defender uma opinião, a qual é apresentada com base em argumentos coerentes e consistentes.
- Costumam vir sem assinatura, para demonstrar que se trata de uma opinião não pessoal e sim de toda uma equipe de jornalistas.
- Portanto, o editorial é um gênero jornalístico argumentativo.

Atividade 3: Diferenciando gêneros textuais

Objetivos:

- Reconhecer o Gênero Editorial.
- Relacionar e diferenciar Charge de Editorial
- Refletir sobre a problemática do aborto.
- Desenvolver o espírito crítico em relação aos problemas sociais.

- Perceber os modos de argumentação entre gêneros textuais diferentes.

Procedimentos metodológicos:

- Levar para a sala uma charge e um editorial da revista Veja, ambos tratando sobre o aborto.
- Fazer perguntas sobre o conteúdo da charge e do editorial.
- Levar para a sala de aula cópias dos textos.

Recurso utilizado:

- Cópia dos textos.

Avaliação:

- Participação nas aulas respondendo as questões feitas;
- Realização da leitura dos textos.

Texto: Carta ao Leitor: A lei do aborto (Revista Veja)

Publicado em VEJA de 15 de agosto de 2018, edição nº 2595, publicado no site

<https://veja.abril.com.br/revista-veja/carta-ao-leitor-a-lei-do-aborto/> acesso em 30/08/2018 às 21h52min

Proporcionar uma discussão sobre o Editorial lido:

- 1- Qual é a questão polêmica que o artigo discute?
- 2- Quem é o autor? Vem assinado por ele o texto?
- 3- Onde o texto foi publicado?
- 4- Como o autor retoma a questão polêmica em seu texto?
- 5- Para que tipo de leitor ele se dirige? Que aspectos do texto remetem a esse leitor?
- 6- Que posição, ou tese, o autor defende?
- 7- O Editorial lido apresenta pontos de vista de pessoas que discordam dele?
- 8- Que argumentos são utilizados para defender e/ou fundamentar essa tese?

Atividade 4: Praticando a argumentação

Objetivos:

- Reconhecer e selecionar argumentos.
- Perceber o que é estratégia argumentativa.

<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a argumentação oral. <p>Procedimentos metodológicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realizar com os alunos um debate regrado sobre temas polêmicos relevantes da sociedade. • Dividir a turma em grupos para realizar os debates. Esses grupos serão compostos de igual número de participantes, sendo um grupo a favor e outro contra a temática discutida. • Analisar com os alunos como se faz a escolha de bons argumentos. • Definir os temas para o debate de acordo com a escolha dos alunos. • Apresentar aos alunos algumas noções sobre estratégia argumentativa e questão polêmica. 	
--	--

Ações didáticas propostas	Carga horária
<p>2. Produção Inicial: criminalização ou descriminalização do aborto no Brasil</p> <p>Objetivo: Produzir individualmente um Editorial</p> <p>Procedimento: Solicitar aos alunos para que produzam um editorial abordando a temática da criminalização ou descriminalização do aborto no Brasil. Para tanto, eles devem se posicionar a favor ou contra a questão abordada. O texto será publicado em um manual de editorial ou em uma revista que será organizada e produzida pelos próprios alunos e lançado para toda a escola.</p> <p>Recursos utilizados:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Papel; • Caneta. <p>Avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Verificação da autenticidade da letra; 	02 aulas

<ul style="list-style-type: none"> • Obediência ao tema e ao gênero solicitado. 	
--	--

Ações didáticas propostas	Carga horária
<p>Módulos</p> <p>1º módulo: Aprofundando o conhecimento do gênero textual Editorial</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Diferenciar Editorial de artigo de opinião. • Reconhecer as características de cada um desses gêneros textuais opinativos. <p>Procedimentos metodológicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Levar para a sala o editorial “A perda do consenso” e o Artigo de opinião “Eleitoreiras” ambos da revista Veja, 29/09/18. • Fazer a leitura oral junto com os alunos. • Propor uma discussão sobre os elementos constitutivos de cada gênero textual. • Fazer uma exposição oral acerca do editorial e do artigo de opinião ressaltando alguns elementos constitutivos diferenciadores de cada gênero textual. <p>Recursos utilizados:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cópia dos textos; • Caneta; <p>Avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Participação nas discussões; • Leitura dos textos; • Respostas dadas as perguntas. 	07 aulas
<p>1- Quem assina o texto do Editorial?</p> <p>2- Quem assina o texto do artigo de opinião?</p> <p>3- Qual o tema do editorial?</p> <p>4- Qual o tema do artigo de opinião?</p> <p>5- Quando foi publicado o editorial?</p> <p>6- Quando foi publicado o artigo de opinião?</p> <p>7- Qual a tese do editorial?</p> <p>8- Que argumentos o autor usa para defender a tese no editorial?</p> <p>9- Qual a tese do artigo de opinião?</p> <p>10- Que argumentos o autor usa para defender a tese no artigo de opinião?</p> <p>11- Os verbos e pronomes estão empregados em que pessoa no editorial?</p>	

12- Os verbos e pronomes estão empregados em que pessoa no artigo de opinião?

2º Módulo: Melhorando a estrutura textual.

Atividade

Objetivos:

- Conhecer e perceber a estrutura organizacional do gênero editorial;
- Perceber a progressão temática do texto.

Procedimentos metodológicos:

- Fazer a leitura novamente do último editorial analisado “A perda do consenso”, levando os alunos a notarem como se dar a estrutura dele e como progride o tema. Após isso explicar no quadro branco alguns pontos acerca da estrutura textual desse gênero.

Recursos utilizados:

- Papel;
- Caneta;
- Cópia dos textos.

Avaliação:

- Realização da atividade escrita;
- Participação nas discussões durante a aula.

3º Módulo: Percebendo articulações entre ideias a partir dos operadores argumentativos.

Atividade 1

Objetivos:

- Perceber articulações, ou seja, relações e/ou vínculos entre partes diferentes de um texto argumentativo.

Procedimentos metodológicos:

- Dividir o editorial “Sim, era ruim, mas era boa!” (Minha Novela, 29/06/18) em partes e levar para a sala de aula para que os alunos, através da leitura e da observação dos operadores argumentativos (coesão textual) consigam organizar a sequência original do texto.

Recursos utilizados:

- Cópia dos fragmentos;
- Papel;
- Caneta;
- Cópia do texto original.

Avaliação:

- Montagem correta do texto.

QUADRO 3 – Montagem de um texto a partir de fragmentos

Mas, para o público, não importa. A verdade é que a história foi muito envolvente na abordagem de uma das mais famosas e impactantes passagens bíblicas.

Foi bem interessante a forma como todas as religiões, inclusive as cristãs, foram criticadas pela forma frívola como são encaradas nos tempos atuais. Deus, hoje, está muito mais na boca dos fiéis do que em seus corações e *Apocalipse* mostrou a importância do exercício da fé.

Apocalipse acabou. Uma lástima! Pelo menos pra mim. Fiquei obcecado pela novela da Record TV e não perdi um só capítulo. Foi a típica relação: era ruim, mas era boa.

Até hoje não sei quem foi realmente a autora da trama: se Vívian de Oliveira ou a supervisora de texto, Cristiane Cardoso.

A novela foi bastante dinâmica, tendo ação e carga dramática nas medidas certas.

Mas confesso que foi difícil encarar a atuação caricata de Sergio Marone como o Anticristo sem cair na gargalhada. Esse foi o calcanhar de Aquiles da novela.

Não dava para levar a sério que o filho do demônio fosse uma figura tão frágil e sem virilidade. Fernando Pavão teria sido uma escolha mais

acertada, já que, além de um bom ator, tem a testosterona necessária para um personagem tão forte e cheio de nuances.

Mesmo assim, ele se deu bem como o policial César. Juliana Knust e Igor Rickli foram bons mocinhos e Flávio Galvão destilou maldade. Vou sentir saudade!

Fonte: autora da dissertação a partir do texto “Sim, era ruim, mas era boa” de Jorge Luiz Brasil, diretor de redação

Após a montagem dos textos, perguntar aos alunos:

1- Como vocês conseguiram juntar as partes do texto?

2- Que palavras dos fragmentos do texto editorial, estabelecem relações entre as ideias, correspondente aos seguintes valores?

- a) Adição
- b) Adversidade
- c) Alternância
- d) Explicação
- e) Concessão

Atividade 2

Objetivos:

- Utilizar os operadores argumentativos para articular ideias no texto escrito.

Procedimentos metodológicos:

- Pedir aos alunos que escolham um tema e, em seguida, elaborem dois parágrafos para o desenvolvimento de uma ideia que se pretenda defender. Mostrar aos alunos que precisam usar articuladores que a língua disponibiliza.
- Após a realização da atividade, apresentar para os alunos escrevendo no quadro branco uma lista de alguns operadores argumentativos que podem utilizar em seus textos.

Recursos utilizados:

- Papel;
- Caneta.

Avaliação:

<ul style="list-style-type: none"> • Realização da atividade escrita. <p>4º Módulo: aprofundando o conhecimento e uso dos operadores argumentativos para realização da argumentação.</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a estrutura argumentativa de um editorial. • Distinguir os valores dos usos dos diferentes operadores argumentativos no texto. • Ampliar o uso dos operadores argumentativos trocando por outros de mesmo valor. <p>Procedimentos metodológicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Solicitar aos alunos que identifiquem os operadores argumentativos empregados no editorial “A função do jornalismo”, assim como localizar a introdução e os argumentos usados. • Substituir esses operadores argumentativos por outros de mesmo sentido. <p>Recursos utilizados:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cópia do editorial; • Papel; • Caneta. <p>Avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realização da atividade e uso adequado dos operadores argumentativos. 	
Ações didáticas propostas	Carga horária
<p>Produção Final: criminalização ou descriminalização do aborto no Brasil</p> <p>Objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reescrever a primeira versão do Editorial feito na produção inicial. <p>Procedimento:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Solicitar aos alunos para que reescrevam o editorial produzido por eles na parte da produção inicial abordando a temática da 	02 aulas

<p>criminalização ou descriminalização do aborto no Brasil. Para tanto, eles devem se posicionar a favor ou contra a questão abordada. Devem atentar para a sequência argumentativa e o uso dos operadores argumentativos a fim de promover uma argumentação mais convincente. O texto será publicado em um manual de editorial que será organizado e produzido pelos próprios alunos e lançado para toda a escola.</p> <p>Recursos utilizados:</p> <ul style="list-style-type: none">• Papel;• Caneta. <p>Avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none">• Verificação da autenticidade da letra;• Uso dos operadores argumentativos;• Obediência ao tema e ao gênero solicitado;• Pertinência dos argumentos.	
---	--

Após a apresentação da sequência didática, utilizada em sala de aula, como forma de intervenção, para auxiliar no trabalho com a produção textual escrita do gênero textual argumentativo Editorial, objetivando sanar algumas dificuldades apresentadas pelos alunos durante as observações feitas pela professora/pesquisadora em sua própria sala de aula, passemos agora para a análise dos resultados dos dados obtidos com a aplicação desse instrumental de coleta de dados.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PRODUÇÃO ESCRITA DOS ALUNOS

No presente capítulo, nos detemos na análise e compreensão dos dados apresentados nas produções escrita dos alunos durante a realização de nossa proposta didática. Analisamos o uso e frequência em que cada tipo de operador argumentativo é empregado nos Editoriais produzidos pelo 9º ano do Ensino Fundamental. A turma, como já dissemos anteriormente, é composta de 26 alunos e escolhemos analisar as redações de 13 (treze) alunos, compreendendo um percentual de 50% do total de alunos na turma. Compõe o *corpus* desse trabalho, portanto, 13 (treze) textos da primeira produção no início do estudo com a Sequência Didática e 13 (treze) textos da produção final após os módulos da intervenção didática.

Como nosso trabalho consistia de uma sequência didática com várias atividades, a escola desses textos se deu em razão da participação em todas as atividades ao longo da realização de nossa proposta didática.

Assim, as considerações que tecemos estão pautadas nas análises da primeira produção escrita dos alunos, e nosso recorte analítico está no uso dos operadores argumentativos como elementos que promovem o encadeamento dos enunciados de forma a proporcionar a orientação argumentativa.

Dessa forma, identificamos o emprego de cada operador argumentativo, sua recorrência, como também, a ausência do uso dessas marcas linguísticas, e, por fim, tecemos nossas conclusões acerca desse uso.

No intuito de preservarmos a identidade de nossos alunos, não empregamos os nomes de cada produtor dos textos. Utilizamos a seguinte identificação para os textos: P1 (participante 1).

Os textos que compõem o *corpus* desse trabalho, encontram-se na forma original de escrita (manuscritas) produzida pelos alunos digitalizados na parte dos anexos dessa dissertação. Para melhor visualização e análise dos operadores argumentativos, decidimos digitar os textos mantendo sua ortografia original, concordância etc., da forma como aparecem nos textos manuscritos originais dos alunos.

Ressaltamos que toda a sequência didática e a análise das produções feitas pelos alunos estão pautadas nos estudos que realizamos de algumas teorias de estudiosos da Linguística Textual e da Linguística Aplicada que estão nos nossos referenciais teóricos e que nos serviram para compreender e direcionar todo nosso

trabalho em sala de aula enquanto professora/pesquisadora de Língua Portuguesa. Com esse trabalho, a partir de um Gênero textual pudemos notar como fica mais fácil para os alunos compreenderem o papel de um determinado gênero textual numa dada situação comunicativa e reconhecerem a função de alguns elementos de nossa língua, como foi o caso dos operadores argumentativos, como facilitadores da leitura e, também, como orientadores da intenção argumentativa de quem produziu o texto.

4.1 APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO INICIAL

Inicialmente, apresentamos aos alunos nossa proposta de trabalho com a aplicação de uma série de atividades chamada de sequência didática e os objetivos e perguntamos se eles aceitariam participar da pesquisa. A turma toda aceitou a proposta. Na aula seguinte, trouxemos um questionário com base nas duas revistas, *Veja* e *Minha Novela*, a serem apresentadas para que os alunos escolhessem os gêneros que mais lhes atraíssem. Notamos que para muitos alunos, quase a totalidade, nunca haviam lido uma revista. Com isso, constatamos o pouco acesso aos bens culturais da escrita. Talvez por serem de uma cidade interiorana onde não se tem banca de jornais e revistas a serem vendidos.

Posteriormente, falamos para a turma que pretendíamos trabalhar o gênero Editorial e perguntamos aos alunos que tema polêmico da nossa sociedade lhes interessava para escreverem um texto. Surgiram muitos temas e, então, decidimos fazer uma votação para escolherem o tema que a maioria desejava. O tema mais votado foi o aborto, e explicamos que iríamos orientá-los através de algumas atividades antes de escreverem os textos. Em seguida, entregamos dois editoriais, um da revista *Veja* e outro da revista *Minha Novela*, para que os alunos os lessem e comparassem a fim de perceberem as semelhanças e as diferenças dependendo do tipo de revista em que é publicado. Na aula seguinte, distribuímos com os alunos cópias de uma reportagem da revista *Veja*, os alunos leram e então responderam algumas questões de um exercício escrito sobre a reportagem analisada. Com essa atividade, pudemos perceber o que os alunos conheciam sobre esse gênero jornalístico para depois, então, reconhecerem as diferenças com o outro gênero jornalístico, o Editorial, que é o nosso foco.

Depois dessa atividade, entregamos outro exercício escrito acerca dos dois editoriais lidos anteriormente. Através desse mecanismo de verificação da

aprendizagem, notamos algumas dificuldades dos alunos com relação ao gênero argumentativo. Pretendíamos também que eles percebessem que o Editorial tem relação com algo publicado pela mesma revista. Após isso, apresentamos aos alunos algumas características do gênero Editorial para que eles conhecessem mais desse gênero antes de realizarem a primeira produção escrita. Na aula seguinte, realizamos com os alunos uma discussão sobre a argumentação.

Um momento muito interessante da nossa SD foi quando levamos para a sala de aula uma charge sobre o aborto, pois foi esse o tema escolhido pelos discentes para a produção do editorial deles. Os alunos analisaram a charge e apresentaram as opiniões sobre a temática abordada. Após essa análise da charge, entregamos a eles um editorial da revista *Veja* também sobre a temática do aborto a fim de que percebessem a diferença existente entre gêneros que usam a criticidade, mas que são diferentes, porque são justamente gêneros textuais diferentes, apesar de abordarem a mesma temática, o aborto.

Para trabalharmos mais com eles a argumentação com um outro gênero, decidimos realizar um debate regrado na sala de aula. Com base nos temas polêmicos apresentados na segunda aula da SD, e, também, em outros apresentados pela turma, os alunos escolheram três temas: a legalização da maconha, a pena de morte no Brasil e o armamento da população. A turma foi dividida em seis grupos, dois grupos para cada tema, sendo que um grupo seria a favor do tema e o outro grupo contra o tema. Para isso, os alunos foram orientados a pesquisarem sobre a temática a ser defendida ou refutada. No dia marcado para a realização do debate, houve a delimitação do tempo para cada fala e, dessa forma, os alunos aprenderam muito sobre a argumentação como também aprenderam algumas características de um gênero oral que é essencialmente argumentativo.

4.2 PRIMEIRA PRODUÇÃO ESCRITA

Após essas atividades iniciais sobre o gênero Editorial e a argumentação, solicitamos aos alunos a primeira produção escrita a fim de que pudéssemos saber qual o nível em que os alunos estavam quanto aos conhecimentos desse gênero e as dificuldades que apresentavam para podermos reorganizar as atividades dentro dos módulos, que constituem nossa intervenção, da nossa Sequência Didática ou

planejarmos outras atividades. Dedicamos duas aulas para a realização dessa produção textual.

4.3 ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO: OS MÓDULOS

De posse dessa primeira produção textual, iniciamos as atividades do primeiro módulo da nossa intervenção. Levamos para a sala de aula um editorial e um artigo de opinião, ambos da revista *Veja* e publicados na mesma edição. Após a leitura, realizamos uma discussão com a turma em que os alunos foram instigados a reconhecerem as diferenças e os elementos constitutivos de cada um desses gêneros argumentativos. Após essa discussão, fizemos uma exposição acerca desses dois gêneros textuais ressaltando alguns elementos diferenciadores de cada um deles.

No segundo módulo, nossa intenção era aprofundar os conhecimentos sobre a estrutura textual do Editorial. Para isso, solicitamos aos alunos que lessem novamente um dos editoriais lidos em uma das aulas anteriores e notassem como se dar a estrutura dele e como o autor faz para progredir o tema. Após isso explanamos no quadro branco alguns pontos acerca da estrutura textual desse gênero.

No terceiro módulo, dividimos o editorial “Sim, era ruim, mas era boa!” (Minha Novela, 29/06/18) em partes e levamos para a sala de aula para que os alunos, através da leitura e da observação dos operadores argumentativos (coesão textual) conseguissem organizar a sequência original do texto. Nossa intenção com essa atividade, era levar os alunos a perceberem o papel de alguns termos dentro de um texto, principalmente, dentro de um texto argumentativo como é o caso do Editorial. Os alunos levaram 01 (uma) aula para conseguirem montar o texto. Após a realização da atividade, mostramos o texto original a eles. Também, pedimos que identificassem no texto as expressões que indicavam algumas relações como: adição, concessão, etc. Essas expressões já haviam sido estudadas por eles quando estudaram as orações coordenadas e subordinadas antes da SD.

Na segunda atividade desse módulo, pedimos aos alunos que escolhessem um tema e, em seguida, elaborassem dois parágrafos para o desenvolvimento de uma ideia que pretendiam defender. Mostramos aos alunos que precisavam usar articuladores que a língua disponibiliza. Após a realização dessa atividade, apresentamos para os alunos escrevendo no quadro branco uma lista de alguns operadores argumentativos que podem utilizar em seus textos.

No quarto módulo, nossa intenção era a aprofundar o conhecimento sobre os operadores argumentativos e seu uso no texto escrito. Para atingirmos nosso objetivo, solicitamos aos alunos que identificassem os operadores argumentativos empregados no editorial “A função do jornalismo”, assim como localizassem a introdução e os argumentos usados. Por fim, substituíssem esses operadores argumentativos por outros de mesmo sentido. Com isso, queríamos que notassem os muitos recursos existentes na nossa língua portuguesa e que passassem a usar mais esses recursos e os diversificassem quando fossem produzir o texto final.

4.4 PRODUÇÃO FINAL

Na última parte da nossa sequência didática, solicitamos aos alunos para que reescrevessem o editorial produzido por eles na parte da produção inicial abordando a temática da criminalização ou descriminalização do aborto no Brasil. Para tanto, eles deviam se posicionar a favor ou contra a questão abordada. Orientamos que deviam atentar para a sequência argumentativa e o uso dos operadores argumentativos a fim de promover uma argumentação mais convincente. Também lembramos que o texto seria publicado em um manual de editorial organizado e produzido pelos próprios alunos e lançado para toda a escola. Com essa produção final, podemos notar se houve avanços em relação a primeira produção após a nossa intervenção didática.

4.5 OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA PRODUÇÃO ESCRITA INICIAL

Procedemos a uma análise qualitativa dos textos, pretendendo nosso objetivo de verificar se o uso dos operadores argumentativos atende ao propósito comunicativo do editorial, se o aluno se apropriou dessas marcas linguísticas fazendo o uso adequado para estabelecer relações textuais e se as relações discursivas estabelecidas contribuíram para uma melhor argumentatividade.

A seguir, apresentamos um trecho do P1 comprometido pelo emprego inadequado de operadores argumentativos.

Fragmento 1: TPI 1

1. Eu sou contra o aborto porque as maiorias das mulheres fazem um aborto
2. sem Pensa, a mulher tira uma vida de uma criança. O que essa criança pode
3. trazer Para ela amor, carinho é alegria.
4. uma criança Pode até muda algumas vida de alguma mulheres Que não se
5. emporta com a vida, uma criança e tudo pra nós, um aborto não e normal mais
6. Pra algumas mulheres e normal.
7. Para Fazer um aborto a mulher Pensa Porque Pode Prejudica ela e a criança
8. as vezes nem da certo o aborto Porque a criança Pode nascer doente Por isso
9. Que um aborto tem Que pensa.

O enunciado introduzido pelo operador “até” (sublinhado no fragmento), indica o argumento mais forte de uma escala a favor de uma determinada conclusão conforme Kock e Elias (2017) relativo ao enunciado anterior.

No entanto ocorre uma inadequação do emprego do operador “Porque” (1ª linha do 2º parágrafo) visto que não introduz uma explicação relativamente ao enunciado anterior: “Para Fazer um aborto a mulher Pensa”.

O emprego do operador “nem” também ocorre numa inadequação devido não introduzir um argumento de uma escala orientada para a negação, conforme Kock e Elias (2017), como também é inadequado por trazer um termo da oralidade para um texto que é formal. Nesse caso, seria adequado usar o advérbio “não”. Com relação às estratégias argumentativas utilizadas por P1 observamos que se baseia em valores aceitos pela sociedade como verdades conforme Fiorin (2017, p. 200) “são balizas morais que uma sociedade numa determinada época considera como verdade”. Assim, P1 não procurou pesquisar sobre o tema de forma científica, ficando atrelado somente a esses valores da sociedade.

Apresentamos a seguir um trecho de P2 em que também ocorre uma inadequação no emprego do operador argumentativo.

Fragmento 2: TPI 2

1. E porisso so a favor do aborto e a maioria são de baixa renda, pois as que
2. possuem melhor condições financeira realizam as intervenções em Clinicas que
3. possuem estrutura adequada

4. Porém legalizar a interrupção da gravidez não Pode ser uma hipótese
 5. eliminada simplesmente em Pretexto de mérito religioso, eu acho que deve sim
 6. ser legalizado o aborto e bem melhor interromper do que colocar uma criança no
 7. mundo Para tar sofrendo e muitas das vezes são abandonadas assim que
 8. nascem pelos pais.

O enunciado introduzido pelo operador argumentativo “Porém”, nesse trecho, não está contrapondo argumentos orientados para conclusões contrárias em relação ao enunciado anterior “[...] possuem estrutura adequada”, segundo a classificação dada por Koch e Elias (2017). Nesse caso, o uso desse operador tem a funcionalidade de iniciar uma conclusão, e como ensina Fiorin (2017) deve-se analisar a funcionalidade do operador em vez de se prender a classificações. Faltou nesse texto, uma melhor orientação argumentativa para a conclusão pretendida no texto.

Vejamos agora um trecho de P 5.

Fragmento 3: TPI 5

1. Hoje em dia ocorre muitas mortes de grávidas. Normalmente as mulheres
 2. que tem uma boa condição financeira conseguem fazer um aborto seguro com
 3. acompanhamento médico
 4. A legalização do aborto evitaria muitas mortes de muitas mulheres, uma
 5. mulher morre a cada dois dias por complicações de aborto, Por isso que acho
 6. que o aborto deve ser legalizado no Brasil.
 7. Sabemos que no Brasil o aborto so é legalizado em casos de gravidez de
 8. risco ou de estupro, por isso também sou a favor do aborto, Para mais segurança
 9. para as mulheres de baixa renda e para as meninas que não são preparada
 10. fisicamente para uma gravidez.

Percebemos nesse texto que P5 fez uso da estratégia argumentativa de pesquisa como fica evidente em “uma mulher morre a cada dois dias por complicações de aborto” nas linhas 4 e 5 como também em “aborto so é legalizado em casos de gravidez de risco ou de estupro” nas linhas 7 e 8. Também percebemos há muitas lacunas que dificultam a compreensão da leitura. Existem muitas frases truncadas justamente porque falta uma organização das ideias e dos enunciados no texto conforme evidenciamos no primeiro parágrafo causando dificuldades de sentido ao

texto. Outra dificuldade que há, é causada por ausência de operadores argumentativos conforme apresenta o trecho destacado em que caberia um operador que introduz uma justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior. O autor desse texto emprega somente como marcas linguísticas em seu texto “por isso” na linha 5 e 8 adequadamente pois empregou com o sentido de introduzir uma conclusão com relação a argumentos apresentados em enunciados anteriores, mas notamos ainda que no texto como um todo não se apropriou adequadamente do emprego desses recursos.

Analisamos a seguir o texto de P6.

Fragmento 4: TPI 6

1. Eu sou contra o aborto, porque a criança que talvez fosse nascer, não tem
2. culpa da irresponsabilidade dos pais, que poderia se previnie da gravidez tendo
3. vários métodos para evitar a gravidez.
4. E não é só no Brasil que existe o aborto, no mundo inteiro. E as vezes coisas
5. piores acontecem, como: a mãe pode morrer fazendo um aborto pode se
6. desgastar eles, se ela não procurar um médico de responsabilidade, e no futuro
7. não poderá ter filhos, o marido pode não gostar porque ela pode arrumar outro
8. que que não sabe é que tem filho e quer muitos ter ele pode não gostar e bater
9. na mulher tem uns que respeita mais nem todos, as vezes eles espancam até a
10. morte.
11. O estado proíbe o aborto, mais não garante que a criança tenha alimentação
12. educação, saúde, moradia, etc. Por isso que sou contra o aborto, pois tira a
13. vida de um inocente que não pediu pra isso pode causar sérios problemas.
14. A família pode influenciar a mulher fazer o aborto. porisso que sou contra
15. o aborto.

Nesse texto, notamos que P6 utilizou como estratégia argumentativa os valores aceitos na sociedade como sendo verdades absolutas conforme já comentamos como base no que ensina Fiorin (2017). Notamos ainda que não fez uso de pesquisas para aprofundar seu conhecimento sobre o tema. Além disso, apresentou grandes dificuldades quanto à escrita de textos como, por exemplo, falta de pontuação, e de clareza na exposição das ideias. O autor desse texto utiliza alguns operadores argumentativos, porém, isso não é suficiente para manter a coerência nem

a orientação argumentativa no texto. O emprego do operador “porque” na linha 1 foi empregado adequadamente com a função de explicação, mas o operador “Por isso” na linha 12, não introduz uma conclusão coerente com relação ao argumento apresentado no enunciado anterior “O estado proíbe o aborto, mais não garante que a criança tenha alimentação educação, saúde, moradia, etc.”. Enquanto o uso do operador “porisso” na linha 14 foi adequado pois introduz a conclusão do argumento anterior do enunciado.

Vejamos a seguir o texto de P10.

Fragmento 5: TPI 10

1. O aborto é a interrupção da gravidez, no Brasil a legislação só permite que o
2. aborto só possa acontecer em casos de estupro, ou risco a vida da mulher ou
3. anencefalia.
4. Apesar disso, o aborto ainda é muito discutido pela a sociedade. Considerado
5. um assunto polêmico que trás questões religiosas, éticas e morais. E isso é
6. tratado com intolerância pela a maioria da sociedade.
7. Com isso, mesmo não legalizado, muitas mulheres acabam realizando o
8. aborto de forma perigosa e isso resulta na morte de muitas mulheres. Assim, por
9. falta de informação, sem saber o risco para si mesma e os danos causados
10. também psicologicamente acabam cometendo esse erro.
11. É importante falar sobre o aborto, e está ciente que é uma vida que está
12. acabando antes mesmo de começar. Todos temos o direito de viver.

Nesse texto, notamos que o aluno não fez uso adequado do operador “com isso” para iniciar o enunciado. Nesse caso, ficaria mais adequado o emprego de um operador que contrapõe argumentos orientados para conclusões contrárias como, por exemplo, mas, porém, contudo, todavia, no entanto, embora, ainda que, posto que, apesar de (que). Também faltou empregar outros operadores ao longo do texto para fazer o encadeamento dos enunciados de forma a favorecer a argumentação. No tocante as estratégias argumentativas, percebemos que P10 realizou pesquisas sobre o tema para elaborar argumentos mais coerentes e consistentes como a consulta à legislação brasileira.

4.6 OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA PRODUÇÃO ESCRITA FINAL

Após a análise da produção textual inicial dos alunos, procedemos à análise qualitativa da produção escrita final dos mesmos com o intuito de constatar se houve avanços no uso dos operadores argumentativos. Buscamos saber se nessa produção final após a nossa intervenção didática, diversificaram o emprego dessas marcas linguísticas a fim de proporcionar uma boa argumentação.

Passemos agora a análise de alguns textos selecionados no *corpus* desse trabalho. Vejamos inicialmente o texto de P1.

Fragmento 6: TPF 1

1.	Nós somos contra o aborto Devemos Que o aborto não seja uma coisa
2.	normal Para as mulheres Que fazem o aborto sem Pensar o aborto e uma
3.	coisa Que a mulher não Pode fazer.
4.	O aborto pode leva a mulher <u>até</u> a morte e muito perigoso fazer um
5.	aborto, tem mulher que faz um aborto em casa <u>mas</u> não pode fazer em casa
6.	um aborto pode ser perigoso.
7.	Quando a mulher faz um aborto pode ser que ela está sem o marido <u>por</u>
8.	<u>isso</u> que ela faz o aborto para não cuida da criança só, ou então pode ter
9.	acontecido alguma coisa.
10.	O aborto e um crime <u>mas</u> a desição que a mulher. Que fazer, tira um
11.	bebê da barriga em fez de pensa antes de fazer o aborto as vezes <u>nem</u> da
12.	certo o aborto.
13.	Isso acontece mais no Brasil, o aborto, muitas mulheres fazem o aborto
14.	levando a vida dela em risco fazendo uma coisa que não deve fazer nunca o
15.	aborto.

Percebemos neste exemplo que P1 produziu um texto completamente diferente da versão inicial, provavelmente, na tentativa de melhorar a argumentatividade de seu texto. Porém, notamos que continua apresentando dificuldades relativas à coerência e coesão do texto, pois repete demais a mesma palavra, além de não conduzir a argumentação para uma conclusão. Permanece usando da estratégia dos valores aceitos pela sociedade como sendo verdades (FIORIN, 2017). Notamos ainda que esse aluno fez uso dos mesmos operadores

argumentativos da produção inicial como “até”, “mas”, “por isso” e “nem”. Na linha 4, usou “até” conforme Kock e Elias (2017) classificam de operador que indica o argumento mais forte de uma escala a favor de uma determinada conclusão. O erro desse autor é que deixa solto no final sem uma conclusão. Com relação ao uso do operador “mas” na linhas 5 e 10, está exprimindo um contraste na linha 5, porém na linha 10 não; houve um truncamento de ideias prejudicando a coerência do texto. Do mesmo modo, o uso do operador “nem” na linha 11 não está adequado a esse tipo de escrita formal pois é um termo da oralidade e não está orientando argumentos numa escala para a negação. Novamente, o mais adequado seria o emprego do advérbio **não**.

Vejamos a seguir o texto de P2

Fragmento 7: TPF 2

1.	Em razão da cultura histórica e <u>até</u> mesmo, religiosa, muitas vezes a
2.	mulheres se privam de seus direitos de decidir o que quer da vida é sobre
3.	atualização dos métodos anticoncepcionais que evitam uma gravidez
4.	indesejada, daí a importância da liberdade decisória.
5.	No Brasil <u>ainda</u> não foi liberado o aborto ainda tem que ser liberado
6.	<u>porque</u> nem todas as mães tem condições de sustentar mais de um filho que
7.	muitas delas são de baixa renda. As que tem condições para fazer aborto
8.	clandestino.
9.	E muitas mulheres são abusadas sexualmente e tem gravidez
10.	indesejada e muitas delas tem por causa da gravidez indesejada e <u>por</u> isso
11.	favor do aborto que muitas das vezes as crianças nascem e ficam sofrendo
12.	abandonadas pelos pais.
13.	E <u>por</u> isso a legalização da gravidez não pode ser uma hipótese
14.	eliminada simplesmente em pretexto de mérito religioso, eu acho que deve sim
15.	ser legalizado.

Percebemos semelhantemente ao anterior, que esse aluno também buscou alterar completamente seu texto da produção inicial, porém ainda permanece atrelado seus argumentos aos valores aceitos pela sociedade como verdade. Passou a utilizar uma quantidade maior de operadores argumentativos em seu texto, mas na questão de variedades, continua usando os mesmos operadores “até”, “ainda”, “porque”, “por

isso”, demonstrando ainda pouco conhecimento dessas marcas linguísticas e sua funcionalidade no texto. Na linha 1, utilizou adequadamente o operador “até” conforme orientação de Kock e Elias (2017) pois indica um argumento mais forte de uma escala a favor de uma determinada conclusão. Nos demais empregos dos outros operadores argumentativos também está em consonância com o que essas autoras classificam: “ainda” na linha 5 introduz no enunciado conteúdos pressupostos; “porque” na linha 6 introduz uma explicação e “por isso” nas linhas 10 e 13 introduzem uma conclusão do raciocínio do autor.

Apresentamos a seguir outro exemplo, desta vez um texto produzido por P5.

Fragmento 8: TPF 5

1.	Sabemos que hoje em dia ocorrem muitas mortes de grávidas por
2.	causa do aborto, normalmente as mulheres que tem uma boa condição
3.	financeira conseguem realizar um aborto seguro.
4.	A legalização do aborto evitaria muitas mortes entre mulheres, a
5.	cada dois dias mulheres morrem por complicações do aborto.
6.	Sabemos que no Brasil o aborto só é permitido em casos de gravidez
7.	de risco ou estupro. A legalização do aborto <u>também</u> seria mais seguro para
8.	as mulheres de baixa renda e as adolescentes que não são preparadas
9.	fisicamente para uma gravidez.
10.	<u>Por isso</u> aborto deve ser legalizado no Brasil para mais segurança e
11.	evitaria mortes entre muitas mulheres.

Notamos nessa produção final, comparando-a com a produção inicial, que o autor procurou aperfeiçoar seu texto conforme algumas orientações dadas durante os módulos da intervenção didática, tais como evitar repetições demasiadas dos mesmos termos e palavras ao longo do texto, porém permaneceu do mesmo modo sem ter tido um avanço no tocante ao uso e emprego dos operadores argumentativos. Ao longo do texto utilizou somente dois operadores: “também” na linha 7 com a função de somar argumentos a favor de uma mesma conclusão e “por isso” na linha 10 com a função de introduzir uma conclusão. Dessa forma, percebemos que os alunos conhecem os operadores argumentativos, mas não variam o uso desses operadores.

Passemos à análise do exemplar do texto de P6.

Fragmento 9: TPF 6

1.	O aborto no Brasil, porque a criança que talvez fosse nascer não
2.	tinha culpa das irresponsabilidades dos pais que podendo se prevenir da
3.	gravidez tendo vários métodos para evitar a gravidez.
4.	Observamos que <u>não é só</u> no Brasil que existe o aborto, <u>mas sim</u>
5.	no mundo inteiro. <u>Além disso</u> coisas piores podem acontecer, exemplos, a mãe
6.	pode morrer durante o aborto, se ela não procurar um médico que tenha
7.	responsabilidade, no futuro não terá mais filhos, o marido poderá não gostar
8.	do resultado ela pode arrumar algum marido que não sabe é o que ter filhos
9.	tem alguns que respeita <u>mas</u> tem outros que espancam <u>até</u> a morte.
10.	<u>Portanto</u> a família pode influenciar deixar a mulher confusa e ela
11.	pode acabar fazendo o aborto.
12.	<u>Apesar de</u> o estado proibir o aborto, <u>mas</u> não garante que a criança
13.	tenha alimentação, saúde, moradia entre outros. <u>Além disso</u> a criança não
14.	pediu para vir ao mundo.

Analisando o texto de P6, percebemos que ele alterou significativamente seu texto em relação à produção inicial deixando o texto mais coerente, além disso, passou a usar e empregar mais operadores argumentativos. Na primeira versão, havia utilizado apenas um tipo de operador “por isso”, porém nessa produção final, diversificou os tipos “não só...mas sim”, “além disso”, “mas”, “até”, “portanto”, “apesar de”, demonstrando que compreendeu a funcionalidade dessas marcas linguísticas, mesmo ainda cometendo alguns desvios de adequação no texto. Esse autor empregou adequadamente os operadores “além disso” e “não só...mas sim” nas linhas 4, 5 e 13 conforme preconiza Kock e Elias (2017, p. 64) com a função de somar argumentos a favor de uma mesma conclusão. Do mesmo modo, empregou adequadamente o operador “mas” na linha 9 com a função de contrapor argumentos contrários, no entanto, o emprego desse mesmo operador na linha 12 não foi adequado pois não está contrapondo argumentos contrários. Nesse caso, deveria ser retirado esse operador deixando o texto mais coerente e coeso. Ocorreu também uma inadequação no uso do operador “portanto” na linha 10 visto que nesse caso não está

introduzindo uma conclusão com relação a argumentos apresentados em enunciados anteriores. Outro operador empregado adequadamente foi “apesar de” na linha 12 com o sentido de contrapor argumentos orientados para conclusões contrárias.

Através dessa análise, notamos que esse aluno avançou no reconhecimento e uso dos operadores argumentativos em comparação à produção inicial antes de nossa intervenção. Quanto às estratégias argumentativas utilizadas, percebemos que ainda permanece atrelado a argumentos baseados no senso comum, aos valores aceitos pela sociedade como verdade conforme apresenta Fiorin (2017).

Analisamos a seguir o texto de P10.

Fragmento 10: TPF 10

1.	É evidente que o aborto vem sendo cada vez mais abordado na
2.	sociedade, acabando com dúvidas de muitas. Sendo que o aborto é a
3.	interrupção da gravidez é preciso estar ciente de que vai estar interrompendo
4.	uma vida.
5.	<u>Com isso</u> , atualmente a legislação do Brasil, não deixando de lado a
6.	vida da mulher em risco, permite que em casos de estupro, ou o bebê
7.	desenvolva anencefalia durante a gestação. <u>Ainda sim</u> muitas mulheres <u>ainda</u>
8.	acabam realizando o aborto de forma ilegal e perigosa, colocando em risco
9.	sua própria vida.
10.	<u>Mesmo</u> com o aborto sendo abordado pelas mulheres, a falta de
11.	informações sobre o assunto ainda é evidente, <u>pois</u> aborda questões
12.	religiosas, éticas e morais.
13.	<u>Contudo</u> é importante falar sobre o aborto, reforços o uso de
14.	preservativos em uma relação sexual, <u>tanto</u> para a mulher <u>como</u> para o
15.	homem, reforçar a segurança para que a mulher não sofra um estupro ou
16.	gravidez indesejada. Cuidando de sua saúde física e mental. Lembrando que
17.	todos merecem nascer.

Comparando essa produção final de P10 com a produção inicial, notamos que houve um avanço, pois o autor buscou reescrever seu texto deixando mais coerente, além de diversificar mais o uso dos operadores argumentativos trabalhados durante os módulos da intervenção da SD, porém ainda comete alguns desvios nos usos desses elementos. O autor ainda demonstra que pesquisou sobre o tema, não ficando

restrito apenas ao senso comum pois cita dois casos em que o aborto é permitido pela legislação brasileira. O emprego de “com isso” na linha 5 tem a função de concordância com o enunciado anterior. Mesmo não fazendo parte da classificação dada por Kock e Elias (2017), estamos analisando a funcionalidade dessa marca linguística no texto como nos ensina Fiorin (2017) quando afirma que não devemos ficar presos a classificações, mas sim, analisar a funcionalidade. Na linha 7, o uso do operador “ainda assim” está exercendo a função de contrapor argumentos orientados para conclusões contrárias e “ainda” introduz no enunciado conteúdo pressuposto, conforme classificação dada por Kock e Elias (2017) e com funcionalidade no texto como orienta Fiorin (2017). No caso do emprego de “mesmo” na linha 10, está na função de uma concessão em relação ao enunciado anterior. O autor também empregou adequadamente o operador argumentativo “pois” na linha 11 com a função de introduzir uma justificativa ou explicação em relação ao argumento anterior, como também usou “contudo” de forma adequada na linha 13 com o sentido de contrapor argumentos orientados para conclusões contrárias, bem como empregou o operador “tanto...como(quanto)” na linha 14 com a funcionalidade de estabelecer comparações entre elementos visando a uma determinada conclusão.

Com esses exemplos de análises, percebemos que o aluno consegue fazer uso adequado dos operadores argumentativos em seus textos a fim de favorecer o desenvolvimento da argumentação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No nosso trabalho, buscamos analisar o processo argumentativo na construção do gênero textual Editorial escrito por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Identificamos que os alunos procuraram desenvolver estratégias argumentativas relacionadas mais ao senso comum, na produção do gênero textual Editorial. Principalmente, quando eles demonstram argumentos contra a realização do aborto. Quando descrevemos alguns dos usos e funções dos operadores argumentativos que os discentes empregaram nos seus textos, observamos que eles não variam os operadores, mas variam quanto à função dessas marcas linguísticas. Após compararmos os textos da produção inicial e final, quanto aos aspectos organizacionais da sequência argumentativa, observamos que os estudantes elaboraram seus textos com introdução, desenvolvimento de argumentos favoráveis ou contrários e apresentaram conclusão.

Realizamos duas análises, uma da produção inicial dos alunos e outra da produção final que ocorreu após a nossa intervenção didática nos módulos da Sequência Didática apresentada no capítulo da metodologia dessa dissertação. Esse primeiro texto serviu-nos como diagnóstico das dificuldades dos alunos na produção escrita de textos, como também para orientar a preparação da atividade de intervenção. Com a segunda produção textual escrita, pudemos realizar uma análise comparativa entre os dois textos e verificar se os alunos avançaram quanto ao uso desses operadores e se melhoraram a argumentatividade em seus textos.

Na análise da primeira produção pudemos notar que os alunos apresentaram dificuldades no uso dos operadores, demonstrando pouco conhecimento dessas marcas linguísticas, repetindo os mesmos operadores várias vezes ao longo do texto. Notamos também que eles os empregavam inadequadamente comprometendo a argumentação do texto, pois muitas vezes não correspondiam ao sentido discursivo, nem ao valor semântico dessas expressões.

Para esse estudo, foi discutida, teoricamente, a argumentação como sendo algo intrínseco à língua, mas que necessita do emprego de alguns elementos que nossa língua dispõe para facilitar a compreensão do leitor e orientar quanto ao encadeamento discursivo conduzindo a uma conclusão. Esses elementos linguísticos são marcas linguísticas que proporcionam a orientação argumentativa e são

chamados de operadores argumentativos. Assim, através de uma Sequência Didática que possibilitou a produção do gênero textual Editorial, trabalhamos com esses elementos linguísticos, de forma que os alunos os percebessem no texto do outro e passassem a usá-los em seus próprios textos.

Após a sequência de atividades que elaboramos para esse estudo, percebemos que na produção final dos textos dos alunos que os mesmos passaram a diversificar os tipos de operadores empregados bem como sua funcionalidade, cometendo menos inadequações no uso desses recursos linguísticos. Vimos que todos os alunos procuraram na reescrita do texto aperfeiçoá-lo, modificando, muitas vezes, o texto completamente, demonstrando que compreenderam a importância da reescrita, como também passaram a empregar mais operadores argumentativos como foi o caso de P6 que na primeira produção utilizou apenas 2 (dois) tipos e na produção final utilizou 7 (sete) tipos, ainda que tenha cometido alguns desvios no uso, mas essa análise revela que os alunos avançaram no reconhecimento e uso dessas marcas linguísticas.

Evidenciamos com essa análise que os textos da reescrita ficaram mais coesos e coerentes, pois muitos problemas foram solucionados com a organização melhor dos enunciados e o uso mais adequado dos operadores argumentativos. Esse resultado comprova que as atividades desenvolvidas surtiram um efeito positivo, ainda que pequeno, pois aumentou o número de operadores utilizados pelos alunos.

Durante a análise realizada, percebemos que algumas inadequações no uso desses elementos ainda persistiram e que alguns alunos continuam apresentando dificuldades em utilizar os recursos que a língua dispõe para a construção de textos argumentativos, pois encontramos trechos merecedores de encadeamento discursivo como também a repetição dos operadores.

Somos sabedores que não conseguimos resolver todos os problemas apresentados nos textos dos alunos, mas tivemos a satisfação de notar que houve um progresso no conhecimento do gênero textual Editorial, bem como no conhecimento da organização textual e do uso dos operadores argumentativos como encadeadores discursivos.

Sabemos, ainda, que o trabalho com gênero textual argumentativo em sala de aula é complexo, mas contribui para o desenvolvimento da competência linguística dos alunos. Percebemos também, que um trabalho nesses *moldes*, fundamentado em teorias como as que apresentamos nos referenciais teóricos, pode contribuir para um

trabalho mais produtivo do professor, uma vez que orienta os alunos para a introdução do texto na sala de aula de Língua Portuguesa. Com essa pesquisa, constatamos a necessidade de aprofundarmos mais no estudo desses elementos na produção textual de alunos do Ensino Médio. Isso, para observarmos se essas dificuldades, quanto ao uso dos operadores argumentativos, persistem nesse outro nível de ensino da Educação Básica, especialmente, tendo em vista que é um nível mais avançado em direção à carreira acadêmica dos alunos e que eles deveriam ter se apropriado desses recursos durante o Ensino Fundamental.

Assim, concluímos que o trabalho didático com a produção textual argumentativa, no EF, necessita de mais atividades direcionadas ao uso e à compreensão dos elementos que entrelaçam os argumentos de persuasão, convencimento e de refutação. Portanto, essa pesquisa só foi possível por nos encontrarmos em um Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional (PROFLETRAS), fomentado pela CAPES, cujo projeto nos fez olhar, com mais propriedade, a nossa prática docente.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Arnaldo; MONTE, Marisa; CARVALHO, Dadi. “Dizem (Quem Me Dera)”. Disco. São Paulo: Rosa Celeste, 2013.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. Judith Chambliss Hoffnagel e Ângela Paiva Dionísio; Trad. e Adap. De Judith Chambliss Hoffnagel; ver. Téc. Ana Regina Vieira... [et all]. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental. Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- CRISTÓVÃO, Vera Lúcia e NASCIMENTO, Elvira Lopes. Gêneros textuais e ensino: contribuições do interacionismo sócio-discursivo. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karin Siebeneicher (orgs). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro]. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2009.
- FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2017.
- KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas (SP): Pontes, 2004.
- KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.
- KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2010.
- KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2017.
- KOCH, Ingedore G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2016.
- KOCH, Ingedore G. V. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 2011.
- KOCH, Ingedore G. V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2018.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MELO, M. J. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- PASSARELI, Lílian Ghiuro. **Ensinando a escrita: o processual e o lúdico**. São Paulo: Cortez, 2004.
- PERELMAN, Chaim. Argumentação. In: **Enciclopédia Einaudi**, v. 11. Lisboa: imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987.

- PINTO, Rosalice Botelho Wakim Souza. **Como argumentar e persuadir: Práticas: política, jurídica e jornalística**. Lisboa: Quid Juris sociedade editora, 2010.
- PLANTIN, Christian. **A argumentação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- RODRIGUES, Rosângela Hammes [et al.]. **Linguística textual**. Florianópolis: UFSC/LLV/ CCE, 2012.
- SOARES, Neiva Maria Machado. **Gêneros textuais em foco: argumentação em textos opinativos**. Curitiba: Appris, 2016.
- SOUZA, M. M. de. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. Recife, 2006. Tese (Doutorado em Linguística). UFPE.
- TAVARES, Frederico de Mello B. e SCHWAAB, Reges. (orgs) **A revista e seu jornalismo**. Porto alegre: Penso, 2013.
- THIOLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

APÊNDICES

Apêndice 01: Questionário de pesquisa

Escola Estadual José Joaquim – Coronel Ezequiel/RN

Disciplina: Português

Professora: Ruth Faustino

Aluno(a): _____ 9º ano

Questionário de pesquisa

1- Idade: _____

2- Onde você mora? () zona urbana () zona rural

3- Você costuma ter acesso a revistas com frequência? () Sim () Não

4- Qual a revista que lhe chamou mais a atenção para querer comprar e ler?

() Veja () Minha Novela Por quê? _____

5- Dos gêneros textuais publicados nas revistas que você leu na sala de aula, quais

chamaram mais sua atenção? () Editorial () charge () notícias (

) horóscopo () anúncio publicitário () celebridades (

) sinopse de filmes () artigo de opinião

6- Lendo e analisando o gênero textual Editorial, você o classificaria como sendo:

() narrativo () descritivo () argumentativo

7- Que tipo de assunto você imagina que é tratado em um editorial de uma revista?

Apêndice 02: Autorização do gestor escolar

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA
7ª DIRETORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA – 7ª DIREC
ESCOLA ESTADUAL JOSÉ JOAQUIM DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo a professora/pesquisadora, **Ruth Faustino** (aluna regular do curso de Mestrado Profissional-PROFLETRAS/UFRN), à prerrogativa de fazer uso do ambiente escolar para a obtenção de dados e informações produzidas pelos alunos além de imagens dos mesmos executando as atividades durante a pesquisa-ação nas aulas de Língua Portuguesa da turma do 9º ano desta referida escola. Os dados obtidos e produzidos pelos alunos serão analisados, exclusivamente, com objetivo científico. Neste sentido, será utilizado um código para identificação dos textos e alunos, sem que seja exposta a sua identidade. Enquanto isso, as imagens serão usadas na ilustração dos relatos a serem evidenciados também no trabalho citado.

Coronel Ezequiel/RN, 19 de setembro de 2018.

Assinatura do Gestor Escolar

Apêndice 03: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Estamos solicitando a você a autorização para que o menor pelo qual você é responsável participe da pesquisa: O TEXTO ARGUMENTATIVO EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO ATRAVÉS DE EDITORIAIS, que tem como pesquisador responsável o(a) Prof(a) **Ruth Faustino**.

Esta pesquisa pretende investigar o processo argumentativo na construção do gênero textual Editorial a partir da leitura e da escrita dos alunos do 9º ano do EF, através de revistas como a *Veja*, de repercussão nacional e *Minha Novela*. Esta pesquisa é um dos requisitos do Mestrado profissional em letras – PROFLETRAS/UFRN.

O motivo que nos leva a fazer este estudo é o fato dos alunos não gostarem de ler e, conseqüentemente, não produzirem textos argumentativos de forma a organizarem as ideias se utilizando dos operadores argumentativos. Diante disso, faz-se necessário um estudo voltado para o desenvolvimento do texto argumentativo.

Caso você decida autorizar, ele deverá produzir textos do gênero editorial bem como outros gêneros textuais solicitados durante a aplicação da sequência didática; responder a um questionário e responder questões de interpretação textual dos textos que serão lidos e analisados durante a pesquisa. Durante a realização, o aluno irá ler textos do gênero Editorial e produzir ao final um Editorial para compor um Manual de Editorial que será publicado para ficar na biblioteca da escola. O professor pesquisador também poderá utilizar imagens do aluno realizando as atividades propostas.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para Ruth Faustino, celular (84) 98871 6497.

Você tem o direito de recusar sua autorização, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você e para ele(a).

Os dados que ele(a) irá nos fornecer serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa identificá-lo(a).

Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos.

Se você tiver algum gasto pela participação dele(a) nessa pesquisa, ele será assumido pelo pesquisador e reembolsado para você.

Se ele(a) sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, ele(a) será indenizado.

Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa você deverá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, telefone 3215-3135.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável **Ruth Faustino**.

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____,
representante legal do menor _____,
autorizo sua participação na pesquisa O TEXTO ARGUMENTATIVO EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO ATRAVÉS DE EDITORIAIS.

Esta autorização foi concedida após os esclarecimentos que recebi sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados, por ter entendido os riscos, desconfortos e benefícios que essa pesquisa pode trazer para ele(a) e também por ter compreendido todos os direitos que ele(a) terá como participante e eu como seu representante legal.

Autorizo, ainda, a publicação das informações fornecidas por ele(a) em congressos e/ou publicações científicas, desde que os dados apresentados não possam identificá-lo(a).

Coronel Ezequiel/RN, _____ de _____ de 2018.

Assinatura do representante legal

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Como pesquisador responsável pelo estudo O TEXTO ARGUMENTATIVO EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO ATRAVÉS DE EDITORIAIS, declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido estarei infringindo as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Coronel Ezequiel/RN, _____ de _____ de 2018.

Assinatura do pesquisador responsável

ANEXOS

ANEXO 01: PRODUÇÃO INICIAL

~~Porque~~ Porque acabei de agor

P. 1

Eu sou contra o aborto porque as
maiorias das mulheres fazem um aborto
sem pensar, a mulher tira uma vida
de uma criança. O que seria criança
pode trazer para ela amor, carinho e alegria
uma criança pode até mudar algumas
vidas de algumas mulheres que não se
empolga com a vida dela, uma criança
é tudo pra mim, um aborto não é normal
mas pra algumas mulheres é normal.

Para fazer um aborto a mulher pensa
porque pode prejudicar ela e a criança
às vezes nem dá certo o aborto porque
a criança pode nascer doente por isso
que um aborto tem que pensar.

Tem umas mulheres que não tá nem
lá de fazer um aborto pra elas é normal.
Essas mulheres que fazem um aborto
é não tá nem aí pra vida dela e da
criança, por isso que ela faz o aborto.



A Mulher

P. 2

Em razão da cultura patriarcal e até mesmo religiosa, muitas vezes a mulher se vê obrigada a decidir sobre a utilização de métodos contraceptivos que muitas vezes são inadequados, daí a importância da liberdade decisória.

No Brasil, só é permitido o aborto em casos de gravidez de risco para a gestante ou para a mulher que foi abusada sexualmente devido à falta de legalização ampla não houve melhorias de mulheres no Brasil realizaram procedimentos clandestinos, e situações que geram inúmeras mortes de gestantes.

É preciso ter a saúde do aborto e a maioria são de baixa renda, pois as que possuem melhor condições econômicas realizam os abortos em clínicas que possuem estrutura adequada. Porém legalizar o aborto não pode ser uma medida simplista, um projeto de lei religioso, ou algo que não seja legalizado o aborto e sem melhor intervenção de saúde para o mundo para ter saúde e muitas das vezes são abandonadas, muitas que nascem pelas ruas.



E são muitas famílias de baixa renda que não têm condições para que elas não sejam respeitadas e vivem muitas vezes em frente das casas de pessoas que têm condições econômicas.

É preciso ter lugares para que possam ir para que possam ter acesso à saúde da mulher.

Aborto

P. 3

Eu sou contra o aborto porque o aborto tira uma vida, a criança não tem culpa de nada, as pessoas deveriam pensar mais antes de tomar essa decisão, pois no mundo tem tanta gente querendo ser mãe, que faria de tudo pra ser mãe, e outras quando consegue engravidar aborta e tira a vida de seu próprio filho, não fustaria nada tirar esse filho. quando ele nasce ele via amar sua mãe de todo jeito, não importava como ele foi gerado ele via amar sua mãe de mesmo jeito, então as pessoas deveriam pensar mais antes de tomar qualquer atitude.

A favor do aborto

P. 4

"Sou a favor da descriminalização do aborto sim, pois quando elas se decidem abortar, é por alguns motivos sempre tem. Às vezes porque está insegura, às vezes porque não está preparada ainda, ou até mesmo porque o pai não quer assumir algo do tipo. Pois homens também aborta neste caso."

"nós mulheres sabemos muito bem o que é um peso de uma responsabilidade de colocar uma criança no mundo. Por isso que quando uma gravidez é indesejada se instala e a primeira coisa que fazemos naquele momento"

"não acho que o aborto é considerado totalmente um crime, pois o aborto não deveria ser uma questão "50/50", e com de direitos, direitos à vida e a saúde das mulheres. Regular o aborto como um direito das mulheres em todos os casos, não apenas de casos de violência sexual, amnésia, e talvez à vida da mãe, antes que mesmo legislações ainda sejam com que muitas mulheres sofrem estresse e violências morais. Por exercerem seus direitos e suas escolhas, tudo isso é injusto."

"acho também mulheres de crianças abandonadas nos seus que foram na verdade um fruto de uma criança indesejada. Por isso que sou a favor, porque de que adianta ficar com uma criança na barriga, sabendo que quando ela nascer, vai abandonar, não vai cuidar, educar, e sabe que não vai ligar pra ela, não vai ter nem aí pra esta criança. Por isso que é bem melhor ter um do que esta nesta situação, sou a favor!"



Tou sou o fazer do aborto P. 5

Hoje em dia correm muitas mentes de quase dez. Normalmente são mulheres que tem uma boa condição financeira e não querem fazer um aborto seguro com acompanhamento médico.

A legalização do aborto espantaria muitas mentes de muitas mulheres, uma mulher morre a cada dez dias por complicações de aborto. Por isso que acho que o aborto deve ser legalizado no Brasil.

Sabemos que no Brasil o aborto só é legalizado em casos de gravidez de risco ou de estupro, por isso também sou a favor do aborto, pois muitas mulheres de baixa renda e para as meninas que não são preparadas financeiramente para uma gravidez.

Debate no Brasil

P. 6

Eu sou contra o aborto, porque a criança que há de ser feita, muitas vezes não tem culpa de ser abortada, e muitas vezes são abortadas por razões de gênero.

O não é de no Brasil que não se aborta, no entanto, muitas vezes as mulheres que abortam não sabem o que estão fazendo, e muitas vezes são abortadas por razões de gênero, e muitas vezes são abortadas por razões de gênero, e muitas vezes são abortadas por razões de gênero.

O aborto não é uma opção, muitas vezes as mulheres não sabem o que estão fazendo, e muitas vezes são abortadas por razões de gênero, e muitas vezes são abortadas por razões de gênero.

A favor do aborto, porque muitas vezes as mulheres não sabem o que estão fazendo, e muitas vezes são abortadas por razões de gênero, e muitas vezes são abortadas por razões de gênero.



Aborto

P. 7

Liberdade de escolha ou crime espontâneo ou induzido; por problema social ou financeiro. As vezes pelo estresse ou pela deficiência física do feto, não impõe, esta medida física para sempre no coração e no psicológico de cada mulher que fez ou não fazer. Uma asserção de poder ter feito algo para evitar o ocorrido.

Bom, eu sou contra o aborto, porque as crianças que, talvez fosse melhor não tem culpa das irresponsabilidades dos pais que, perdendo as privativas da gravidez tendo várias medidas contraceptivas, foi para evitar o aborto ou a gravidez.

As vezes estas pueras acontecem como a mulher perder o amor fazendo um aborto. O homem poderia não seguir de bem com a mulher e influenciá-la mais ainda a mulher para fazer o aborto. Então, para evitar, na minha opinião poderia tomar algum remédio, infecção etc. É que na gravidez se a criança não desajuda deve educação, comida, saúde e moralidade? Muitas são abandonadas, esquecidas, abusadas, em geral as que defendem o aborto são contra a pena de morte, e as contrárias ao aborto são a favor da pena de morte. Também contraditório. Por isso evitar a melhor avaliação do que tiver a vida de um inocente sem culpa.

O Aborto e Crime

P. 8

O aborto pode ser normal para algumas pessoas, mais não é claro, porque se você pensar assim o aborto é um crime porque você que é mulher está cometendo um atentado, quando se tem um bebê dentro de si, tem que ter cuidado, porque lá dentro tem uma coisa especial, o bebê, ele não para não fala, mais ele se sente amado.

No Brasil as mulheres vão as que fazem mais esse tipo de coisa, na minha opinião se as mulheres se preocuparem e elas podem ter uma gravidez e nem teriam feito esse atentado, ninguém nasce e morre, as crianças vão as mais inocentes, e aborta e tiram vida de pessoa que Deus lá colocou no mundo pra viver de Amor e Carinho.

As mulheres deveriam ter consciência, e pensar antes de agir porque toda ação tem uma reação, na casa vão as consequências, e que no futuro vão ter a consciência que erra e que não podemos agir por impulso, deveriam colocar em uma casa de oração de que tirar a vida de um filho(a).

"Pense antes de agir"

Totalmente contra o aborto - P. 9

Eu não sou a favor do aborto, porque eu acho isso muito errado, pois se trata de um ser humano.

É porque a pessoa que quer fazer o aborto, era pra te se preservida, pois existe muitos maneiras de se preservar. Eu acho que até as pessoas que foram violentada não é pra fazer aborto pois o governo era pra ficar, dando um benefício.

Eu acho que as pessoas que querem fazer o aborto, era pra is para alguma coisa de tratamento, pois eu acho que não dá pra confiar em uma pessoa, que você passou era fazer uma coisa muito grave - era pra ter pensado antes, na hora que estava fazendo o filho.

TODOS QUE SÃO A FAVOR DO ABORTO JÁ NASCERAM P. 10

O Aborto é a interrupção da gravidez, no Brasil a legislação só permite que o aborto só possa acontecer em casos de estupro, ou risco a vida da mulher ou anencefalia.

Apesar disso, o aborto ainda é muito discutido pela sociedade. Considerado um assunto polêmico que trás questões religiosas, éticas e morais. E isso é tratado com intelecância pela a maioria da sociedade.

Com isso, mesmo não legalizado, muitas mulheres acabam realizando o aborto de forma perigosa e isso resulta na morte de muitas mulheres. Assim, por falta de informação, sem saber o risco para si mesma e os danos causados também psicologicamente acabam cometendo esse erro.

É importante falar sobre o aborto, e está ciente que é a vida que está acabando antes mesmo de começar. Todos temos o direito de viver.



Aborto no Brasil

P. 11

Aborto é uma questão que está em discussão a mais de 50 anos no Brasil em 2008 o Projeto que visava sua descriminalização no País e foi rejeitado, na Câmara, seu avanço da legalização do aborto até as dez primeiras semanas.

Seguindo o exemplo de Cuba eu defendo essa prática, do aborto porque chateia ser uma escolha unicamente das mulheres em questão porque, se trata do corpo dela e se esse filho não, foi planejado ou até mesmo, da tuba, nefrude, um estupro no Brasil o aborto é praticado apenas com excisão de três meses quando a mãe e de morte da mãe, causada pela gravidez quando o resultado de um estupro e se o feto não tem cérebro.

Muitas vezes permite-se, um estupro com risco de morte e o feto e permite o aborto pelo Sistema único de saúde.

Na minha opinião, o Brasil deveria entender as lutas das mulheres, e colocar em votação na Câmara Federal e no Senado a questão de permitir o aborto até as dez primeiras semanas de gestação nos hospitais públicos e privados.

Natura

O aborto

P. 12

Eu pessoalmente sou contra o aborto, na minha opinião toda vida humana tem direito de existir. ~~mas~~ na minha opinião o aborto é algo de ruim, pois acaba com uma vida, mesmo assim sem antes considerar a vida que está dentro dele, porém sei que é assim para uma mulher a abortar é sempre ruim, seja a opinião das famílias, amigos ou o resto da sociedade ao redor.

As pessoas que são a favor disso usam argumentos como "mas nunca devia ter se envolvido com ele" "autonomia" "como se que não vai criar isso" na minha opinião se não existe no mundo a vida que acabou e não é mais nada. Mas infelizmente não tem tanta importância como deveria a do meu pensamento na maioria das coisas de aborto tanto no Brasil quanto no resto do mundo é uma coisa que eu acho que tem que parar.

Diga não ao Aborto P. 13

Eu sou contra o aborto assim como
várias pessoas também são.
mas porque ser contra o aborto?
devemos concordar que, o aborto
não favorece a ninguém.

É um prejuízo a vida de outro ser
humano, que poderia ter uma mente
brilhante para a nossa sociedade
a fim de melhorar.

As pessoas que pensam em abortar
uma vida deveria pensar duas vezes
antes de fazer qualquer coisa porque
no fim podem se arrepender.

É tem tanta gente que não pode ter
essa bênção de ser mãe, enquanto
outras mulheres não valorizam o que
tem dentro dos seus ventres.

"Então mãe faça, reflita"

Produção textual – Gênero Editorial

P.1

Pense antes de agir

1 Nos tempos contra o aborto devemos
 2 que o aborto não seja uma coisa
 3 normal para as mulheres que fazem
 4 o aborto sem pensar o aborto é uma
 5 coisa que a mulher não pode fazer
 6 o aborto pode levar a mulher até a
 7 morte e muito perigoso, fazer um
 8 aborto sem pensar que faz um aborto
 9 em casa mas não pode fazer em casa
 10 um aborto pode ser perigoso.
 11 quando a mulher faz um aborto
 12 deve ter que ir lá com o
 13 marido por isso que ela faz o aborto
 14 para não sofrer da gravidez, ou
 15 então pode ser acontecido alguma coisa.
 16 o aborto é um crime mas a decisão
 17 que a mulher que fazer, tira um pedaço
 18 da barriga em vez de pensar antes de
 19 fazer o aborto as vezes nem dá
 20 certo o aborto.
 21 isso acontece mais no Brasil, o aborto,
 22 muitas mulheres fazem o aborto
 23 assim a vida dela em risco
 24 fazendo uma coisa que não deve
 25 fazer nunca o aborto.

26

27

28

29

30

Produção textual – Gênero Editorial

P. 2

A Liberdade da mulher

1
 2
 3 Em razão da cultura hegemônica e até mesmo,
 4 relutância, muitas vezes a mulher não consegue
 5 seus direitos de cidadão e que viver de vida e
 6 sofrer atualizações dos métodos. Ante circunstâncias
 7 que vitam uma qualidade indefinida, daí a
 8 importância da liberdade da -discussão-
 9 No Brasil ainda não tem liberdade e aberto
 10 ainda tem que ser liberado porque nem todos os
 11 não tem liberdade de pensamento. Mas de um
 12 lado que muitos delas não de sexo sendo
 13 as que tendem a ser a ser aberto clandestino
 14 e muita mulher não aberta totalmente
 15 e sua qualidade indefinida e muita delas tem
 16 seu caráter de liberdade indefinida e porque tem
 17 a ideia da liberdade que muita das vezes as crianças
 18 nascem e se tornam totalmente abandonados pelos pais.
 19 E porque a legislação da qualidade não pode
 20 ter uma hipótese eliminada totalmente um
 21 projeto de muitos indivíduos em nome que não
 22 tem sua liberdade.

23
 24
 25
 26
 27
 28
 29
 30

Produção textual – Gênero Editorial

Alvorço

P.3

- 1 O Alvorço é um modo da
 2 grandeza tirar a vida da seu filho,
 3 a Guine não tem culpa de nada,
 4 Alvorço é uma decisão difícil por
 5 um homem não é por nada e um
 6 porque um homem não é um mulher
 7 uma mulher de mau ou não tem
 8 condições de tirar seu filho. O Alvorço
 9 pra muitos pessoas e Guine mas
 10 pra muitos é um modo de vingança
 11 então um homem deve tomar decisão
 12 muito mais antes de tomar essa
 13 decisão e Alvorço deveria ser tomar
 14 Guine porque mesmo assim essas
 15 pessoas estão tirando a prospera
 16 vida da seu filho.
- 17
 18
 19
 20
 21
 22
 --

- 1 O aborto no Brasil
 2 Hoje em dia no Brasil a legalidade é permitida em
 3 três casos, caso de risco de vida, gravidez resultadora
 4 de estupro e anencefalia fetal, e proibido em todas as
 5 demais casos.
 6 Muitas dizem que são as mulheres sem estrutura fami-
 7 liar que abortam mais vezes.acho que não tem por
 8 tal parte de mulheres que são atingidas. Por esta lei,
 9 muitas mulheres sofrem duradamente com a pobreza
 10 e pela obrigação de ser mulher, essas questões e tripla-
 11 mente mais difícil quando elas ficam grávidas. Pois e-
 12 las são obrigadas a serem responsáveis, já que na maioria das
 13 vezes não tem pai para se responsabilizar por seus atos
 14 elas acabam deixando a responsabilidade toda na
 15 mão da mulher.
 16 Por isso que o aborto deve ser uma escolha da
 17 mulher em questão a isto, pois se trata também do seu
 18 corpo, em muitos casos a gravidez não é planejada,
 19 mesmo sendo uma vida, nem sempre estamos prepara-
 20 das para sustentar que vivemos pela frente.
 21 Hoje em dia vemos que o número de aborto tá
 22 em aumentando bastante e junto com isso vem a duvi-
 23 da sobre ser ou não tornar legal o aborto no Brasil,
 24 acima de tudo, mesmo sabendo que é um fato, tem rei-
 25 da de todo feito, e um aborto para matar uma vida
 26 de tem ser que não tem culpa de nada
 27 _____
 28 _____
 29 _____

Produção textual – Gênero Editorial

P. 5

1
 2 Sabemos que hoje em dia
 3 ocorrem muitas mortes de grávidas
 4 por causas de aborto, normalmente
 5 as mulheres que tem uma boa
 6 condição financeira conseguem reali-
 7 zar um aborto seguro.
 8 A legalização do aborto evita
 9 muitas mortes entre mulheres, a cada
 10 dez, dez mulheres morrem por comp-
 11 licações do aborto.
 12 Sabemos que no Brasil o aborto só
 13 é permitido em casos de gravidez
 14 de risco, ou de estupro. A legalização do
 15 aborto também seria muito segura
 16 para as mulheres de baixa renda
 17 e as adolescentes que não são prepara-
 18 das fisicamente para uma gravidez.
 19 Por isso o aborto deve ser legalizado
 20 no Brasil para mais segurança e
 21 evitar mortes entre muitas mulheres.
 22
 23
 24
 25
 26
 27
 28
 ..

Produção textual – Gênero Editorial

P. 7

1 Aborto

2

3 Liberdade de escolha ou crime: espantões ou
 4 conduzido, por problema social ou financeiro. As
 5 vezes pelo estupro ou pela deficiência física do feto,
 6 mãe imposta, esta mulher ficará por sempre no
 7 intimo e no preconceito de cada mulher que fez
 8 ou não fazer o aborto. Uma consequência de poder ter
 9 feito algo para evitar o acontecido.

10 Notamos que o aborto tem várias consequências,
 11 na vida física, talvez física, ele tem problemas no
 12 espírito causado pelo o aborto mal sucedido. Ou
 13 até mesmo a mãe do bebê. Além disso, existem
 14 vários métodos contraceptivos para evitar a grav-
 15 idez e o aborto.

16 É claro que o homem e a mulher não tem
 17 maturoidade suficiente para lidar com tamanho
 18 responsabilidade, porque se a mulher não quiser
 19 o aborto a gravidez tem que ser uma coisa
 20 planejada e não fazer um filho, e quando se tem
 21 do médico, partir para o aborto.

22 É quem afirma que a criança indígena tem
 23 educação, comida, saúde e moradia? Crianças muitas
 24 vão abandonadas, esquecidas, abandonadas. O papel
 25 da família também é fundamental para evitar essas
 26 consequências.

27 Por fim, voltar a a mulher solução da que
 28 tem a vida de um inocente sem nenhuma
 29 culpa.

30

31

Produção textual – Gênero Editorial

O Aborto é ilegal

P. 8

- 1 O aborto padroniza dizer que ele é um crime, e que nem-
 2 uma pessoa pode tomar uma decisão dessa, a pessoa que lo-
 3 tá dentro da barriga, e tá lá se você abalutar e analisar
 4 ele vai está sempre anulado, mas o bebê não tem nem
 5 uma forma de se defender e não tem como alguém ajudar.
 6 No Brasil as mulheres são as que mais abusam coisas,
 7 as mulheres podem usar uma de umas formas simples,
 8 remédios e preservativos, mas coisa as duas o parceiro e a
 9 mulher tem que se pensar na hora que quer fazer o bebê
 10 e também existe pastilhas sobre assuntos flutuantes, e não
 11 tomar uma decisão errada que pode se arrepender depois.
 12 Isso é bem claro, que quando duas pessoas começam
 13 a ter relacionamentos sexuais pode tomar a decisão de terem
 14 um bebê, ou não usar os preservativos e remédios. Os
 15 preservativos também para proteger doenças e
 16 não passar um pro outro.
 17 Na vida as vezes mais são humanas fazemos
 18 coisas que depois se arrependemos e alguns dias
 19 depois que voltamos atrás. E quando for se arrepender
 20 já é tarde de mais, e muitas vezes que vem o arrepen-
 21 do, e depois não faz pessoas muito felizes e que não
 22 tem modo de voltar.
 23 Além de deixar pessoas, elas ficam loucas, e as pessoas
 24 começam a fazer coisas erradas, principalmente as
 25 adolescentes de hoje em dia, se inspiram muito que
 26 não foi planejado, e coloca na cabeça que não quer ter
 27 filhos ainda, e a única decisão que resta é o aborto.
 28 E isso está se tornando muito normal no Brasil, as
 29 pessoas continuam fazer a maioria das coisas sem pensar,
 30 isso faz se tomar qualquer coisa impensável e
 31 acaba acontecendo a chance de fazer coisas erradas
 32 pela o mundo. "PENSE ANTES DE AGIR"
 33
 34
 35

Produção textual - Gênero Editorial

P. 9

1 Aborto perigo para humanidade.
 2
 3 Concordamos que o aborto é um perigo para so-
 4 cidade, pois se trata de um ser humano, que está
 5 na barriga.
 6 Atualmente a pessoa que quer fazer o aborto
 7 é a maioria de pessoas, pois existem muitas mane-
 8 iras de se preservar usando preservativos.
 9 Além disso as pessoas que foram violentadas
 10 sexualmente usam para uma cura de tratamen-
 11 to.
 12 Por um lado quem deve ajudar as pessoas
 13 que foram violentadas é o governo, com um
 14 salário para ajudar até os 21 anos, concordamos
 15 com isso.
 16
 17
 18
 19
 20

Produção textual - Gênero Editorial

P. 10

1 2 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

Produção textual – Gênero Editorial

P. 11

1 Aborto: um direito ou uma Prática?
 2 Desde dia após dia vemos que o número
 3 de abortos tem aumentado e junto com isso, vem
 4 a dúvida deve-se ou não, ter uma legalização
 5 no Brasil
 6 No Brasil, aborto é uma questão, que está
 7 em discussão o mais de dez anos. O aborto
 8 deveria ser legalizado, na Polónia até ao dia 21
 9 muitas mulheres seguem, exemplo de outro
 10 em Polónia como cultura.
 11 O aborto deve ser uma escolha, da mulher
 12 em questão, pois se trata de seu corpo em
 13 suas mãos e decisões, não é planejada
 14 as circunstâncias, grávida, que não é abor-
 15 tação deve-se legalizar, muitas mulheres
 16 morrem, porque ainda não, tem seus con-
 17 tra físicos, tornando para uma gravidez
 18 no Brasil a legalidade é permitida em
 19 três casos, caso de risco de vida, gravi-
 20 dez, anencefalia de malformação e anencefalia fetal
 21 1. Prática em todas as demais Cores.
 22 Prática no Brasil o aborto é considerado
 23 crime com pena prevista em
 24 lei de 1 a 3 anos de detenção, para gestante
 25 e de 1 a 4 anos de reclusão, para o médico
 26 ou qualquer outra pessoa.
 27 Acima de tudo, isso inclui uma parcela
 28 das circunstâncias que não mostram que
 29 mulheres ainda, um feto de já tem vida, e u-
 30 m aborto não retira a vida de um ser
 31 que não tem culpa de nada.
 32
 33

Produção textual - Gênero Editorial

O Aborto

P. 12

- 1 O Aborto é um assunto bem polêmico da sociedade
 2 todo no Brasil, uma grande quantidade de pessoas
 3 concordam com ele até, porém outras grande em
 4 contra e totalmente contra, mas algo que todo ser
 5 humano deve pensar muito bem antes de fazer, é
 6 uma decisão muito difícil de ser tomada. Em
 7 todos os aspectos pessoais, muito vezes não tem relação
 8 com de quem está acabando com uma vida com um
 9 nome tem caráter de caráter, e não mesmo no comui
 10 utilidade com essa vida que está dentro d'ela.
 11 No Brasil o aborto é muito mais importante da
 12 relação como algo de humano, é realmente é algo
 13 desumano, mas está acabando com uma vida
 14 que ~~o~~ tem dentro de nós, existem algumas
 15 vezes sem que estar dentro disso, antes de pensar
 16 em fazer.
 17 _____
 18 _____
 19 _____
 20 _____
 .. _____

Diga não ao aborto!

1
2
3 devemos nos conscientizar de que o
4 aborto não torna ninguém melhor mas
5 nos tornamos insensíveis com nossas
6 escolhas, sem medo de errar de novo.
7 Queremos abortar, que podem perder
8 com essa decisão. Por exemplo: a oportu-
9 nidade de formar uma família de pai
10 mãe sabemos que não é um trabalho
11 fácil, mas vale a pena todo o esforço.
12 Já que queremos o melhor para nós,
13 também devemos pensar no melhor
14 para o bebê, e não ir logo para o
15 aborto, porque isso também não seria
16 bom para nós.
17 Contudo essa lei sobre legalizar o
18 aborto, ainda está sobre aprovação,
19 caso essa lei for aprovada será
20 uma grande perda para mais de
21 1000 mulheres morrem tentando o aborto.
22 Em razão de não procurarem ajuda
23 com alguém ou atendimento médico
24 essa fatalidade acontece com as
25 mulheres e os bebês.
26 Em resumo devemos afirmar que
27 não podemos legalizar o aborto,
28 porque parando pra pensar aborto é
29 crime.
30
31
32
33

ANEXO 03 – PRODUTO FINAL

ALUNOS DO 9º ANO

Ruth Faustino (ORGANIZADORA)

MANUAL DE EDITORIAL**Alunos:**

Ana Laura Lima

Carlos Antônio Santos Oliveira

David Alexandre

Debora Lydia da Silva

Eduarda Elaine Ferreira da Silva

Elaine Gabriele da Silva França

Emmily Estefâne Rodrigues Bezerra

Endilly Riane da Silva Pereira

Enzo Herbert da Silva

Gabriel Antunes da Silva

Gabriel Freire Araújo

Isadora Ferreira Amaral

Jamily Eloisa Santos Silva

Janaise Gomes de Oliveira

Jeniffer Caroliny

José Kauã da Silva Rocha

Josefa Gilmara Bezerra

Joyce Raisse da Silva Costa

Luis Augusto da Costa

Michel Kauã

Patrícia Pereira da Cruz

Ricardo Pereira de Farias

Wilson Rafael da Silva

CORONEL EZEQUIEL/RN**2018**

Podemos dizer que o prazer pela leitura nasce na primeira infância ao ouvirmos as histórias contadas ou lidas pelos adultos. Entretanto, o gosto pela compreensão do que nos falam os textos escritos deve ser intensificado na alfabetização, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, no Ensino Médio, ou seja: pela vida inteira. É através da leitura que adquirimos novos saberes, conhecemos o mundo que nos cerca e vislumbramos o futuro...

(MEDEIROS, M. A. S, 2017)

APRESENTAÇÃO

Sabemos que nos últimos anos, o ensino de Língua Portuguesa tem obtido algumas conquistas, a saber: a utilização dos gêneros textuais, abordagem da língua escrita e falada dentro de um contínuo tipológico, análise do discurso, dentre outras que resultam de muito esforço por parte dos estudiosos da língua, e da linguística. No entanto, ainda há muito que se estudar e pesquisar com o intuito de melhorar a prática de ensino, principalmente no Ensino Fundamental.

Diante disso, se faz necessário um trabalho maior na área de produção textual visto que os alunos apresentam muitas dificuldades de articulação de ideias e, essa dificuldade fica mais evidenciada nos gêneros textuais argumentativos onde percebemos pouca consistência dos argumentos para defender ou refutar um ponto de vista.

Assim, tendo em vista o problema dos alunos não gostarem de ler e, conseqüentemente, não produzirem textos argumentativos de forma a organizarem as ideias se utilizando dos operadores argumentativos, faz-se necessário um estudo voltado para o desenvolvimento do texto argumentativo.

Pelo exposto, a produção desse manual de editorial se justifica pela necessidade de se ter uma produção dos alunos disponível para outros leitores lerem, dessa forma, não ficando restrita a leitura dessa produção, somente ao professor de Língua portuguesa. Justificamos ainda esse trabalho voltado para a argumentação numa turma de 9º ano do Ensino Fundamental, por entender que é nesse período que o jovem começa a ter maturidade para expressar e defender um argumento acerca de um determinado assunto polêmico que o envolve na esfera social. Além disso, esse manual se torna relevante por não encontrarmos trabalhos voltados para o uso de editoriais enquanto produção oral e escrita na escola.

Como autores dos Editoriais contidos nesse manual, contamos com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual José Joaquim no município de Coronel Ezequiel, RN. Essa turma é composta por 26 alunos na faixa etária entre os 14 e 15 anos residentes, a grande maioria, na zona urbana, mas também tem alguns alunos da zona rural.

São alunos meio agitados como todo adolescente nessa idade, porém gostam de realizar as tarefas o que nos traz satisfação pela participação deles, fato esse que

se confirmou com o interesse em participar das atividades da sequência didática proposta como atividade de pesquisa do mestrado do PROFLETRAS. São amigos e companheiros uns dos outros, enfim, são muito unidos o que nos enche de alegria.

A temática a ser abordada nos Editoriais foi escolhida pelos alunos através de indicação de temas polêmicos da sociedade. Perguntamos aos alunos que tema polêmico da nossa sociedade lhes interessava para escreverem um texto. Surgiram muitos temas e, então, decidimos fazer uma votação para escolherem o tema que a maioria desejava. O tema mais votado foi o aborto, e explicamos que iríamos orientá-los através de algumas atividades antes de escreverem os textos.

Dessa forma, esse manual de Editorial é fruto de uma pesquisa realizada pela professora da turma durante o desenvolvimento da dissertação do mestrado do PROFLETRAS da UFRN no ano de 2018.

Ruth Faustino

Professora de Língua Portuguesa da turma

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	06
Indo direto ao ponto.....	08
Características dos Editoriais.....	08
O Editorial em sala de aula a partir de Sequência Didática (SD)	08
Referências	

1 EDITORIAL

O Editorial é um texto produzido pela equipe do jornal ou revista responsável pela publicação. Infelizmente, percebemos que ainda são poucos os estudos teóricos desse gênero textual, principalmente na escola. É um gênero argumentativo que apresenta características próprias como não ser assinado por uma única pessoa para dar um caráter de impessoalidade, mas com isso não significa que seja neutro, pois sabemos que quem o produz, geralmente, é o editor chefe do jornal ou da revista.

De acordo com o dicionário “Editorial é um artigo que exprime a opinião de um órgão da imprensa, em geral escrito pelo redator-chefe”. (Novo dicionário Aurélio, 1975, p. 499)

Soares (2016, p. 10), sobre o Editorial, aponta que

Esse gênero tem como função apresentar a posição de cada jornal sobre assuntos que estão em voga no noticiário do momento, tendo por objetivo cooptar leitores para que criem naquelas posições adotadas. O estudo do gênero editorial pode ser relevante, na medida em que a análise dos recursos empregados por editorialistas para persuadir o leitor, pode trazer para a sala de aula uma discussão mais crítica sobre os discursos veiculados pela mídia, servindo de ponto de referência para a produção e leitura mais eficientes de textos pelos alunos.

Dessa forma, a autora supracitada, reforça nossa intenção nessa pesquisa de trabalhar em sala de aula o Editorial e mostra a importância desse ensino para o desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos, além de torná-los leitores mais críticos de textos jornalísticos. Soares (2016, p. 13) analisa o discurso dos Editoriais como sendo persuasivo/exortativo, pois “tenta conduzir a opinião a um destino de unanimidade, como se assuntos e opiniões bordados pudessem ser considerados irrefutáveis”.

A autora se utiliza dos elementos do contexto de situação (campo, relação e modo) propostos por Hallyday (1985, *apud*, SOARES, 2016) relacionando-os a uma das metafunções da linguagem.

Melo (1985), dedica um tópico específico em sua obra para tratar do gênero editorial. O autor inicia apresentando a seguinte definição:

Editorial é o gênero jornalístico que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento. Todavia, a sua natureza de porta voz da instituição jornalística precisa ser melhor compreendida e delimitada. (MELO, 1985 p. 79).

Compreendendo essa necessidade de melhor compreensão desse gênero, propomos estudá-lo em sala de aula. Outro trabalho muito relevante para nossos estudos é o de Souza (2006). A autora, em sua tese de doutorado, também apresenta uma definição e classificação dos diferentes “tipos de editoriais”, conforme a seguir:

O editorial opinativo ou padrão apresenta quatro atributos específicos: impessoalidade, topicalidade, condensalidade e plasticidade, ou seja, não é matéria assinada; trata de um tema bem delimitado e traz poucas ideias, dando mais ênfase às afirmações do que às demonstrações⁴⁸. O editorial padrão é gênero exclusivo dos jornais, e com o perfil que apresenta, tal gênero talvez seja mesmo exclusivo desse veículo. (...) Sousa (2004) chama a atenção para outros dois tipos. Os editoriais mistos, isto é, aqueles que podem incorporar várias características como ser preventivo, informativo e intelectual, por exemplo. Os editoriais de apresentação, que são aqueles que apresentam um determinado número de um jornal ou de uma revista, justificando a abordagem de determinados assuntos, ou quando apresentam um novo órgão de comunicação que surge no mercado. (SOUZA, 2006, p. 62)

Dessa forma pretendemos compreender e estudar o Editorial de revistas. Sabemos que o Editorial é um gênero textual, Soares (2016, p. 46) escreve sobre gêneros “[...] Um Gênero implica não somente um tipo particular de texto, mas também um processo particular de produção, distribuição e consumo desse texto [...]”. No meio jornalístico, a intenção é vender seu produto, assim busca atrair o leitor e convencê-lo a comprar o jornal ou a revista. Dessa forma, o meio jornalístico busca ser imparcial apresentando uma informação, e, ao mesmo tempo apresenta a opinião da instituição jornalística. Com isso, Melo (1994, *apud* SOARES, 2016, p. 51)

propõe a classificação do jornalismo brasileiro em dois âmbitos: o da informação e o da opinião. Como jornalismo informativo, são consideradas a nota, a notícia, a reportagem, a entrevista. Como jornalismo opinativo, toma-se, o editorial, o comentário, o artigo, a resenha, a coluna, a crônica, a caricatura, a carta.

Nessa perspectiva, o Editorial é um gênero textual argumentativo, pois é classificado no âmbito da opinião no jornalismo, justamente por expressar a opinião de uma equipe de uma revista ou de um jornal.

2 Indo direto ao ponto

Características dos Editoriais:

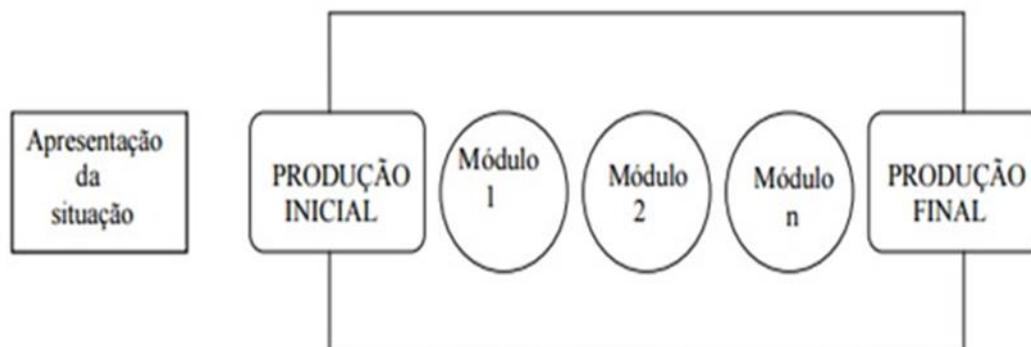
- Costumam circular em veículos tipicamente jornalísticos e de grande penetração popular: jornais impressos e revistas.
- Geralmente são escritos por alguém que represente a empresa como o editor-chefe ou algum outro jornalista de fale em nome de toda a equipe.
- Abordam assuntos e/ou acontecimentos polêmicos atuais, recentemente noticiados e de interesse público. Geralmente são assuntos abordados na mesma edição.
- Têm como objetivo defender uma opinião, a qual é apresentada com base em argumentos coerentes e consistentes.
- Costumam vir sem assinatura, para demonstrar que se trata de uma opinião não pessoal e sim de toda uma equipe de jornalistas.
- Portanto, o editorial é um gênero jornalístico argumentativo.

3 O Editorial em sala de aula a partir de Sequência Didática (SD)

Nossa trabalho partiu da aplicação de uma sequência didática (SD) conforme preconiza Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 82): “Uma ‘sequência didática’ é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Dessa forma, dividimos o trabalho em três etapas: produção inicial, intervenção e a produção final. Essa sequência didática foi aplicada em 23 aulas de 45 minutos, porém tiveram dias em que o tempo destinado às aulas ficou comprometido, pois a escola, devido a problemas de falta de merenda escolar, teve que reduzir os horários para 30 minutos para que os alunos saíssem mais cedo. Além disso, prevíamos concluir o trabalho em meados de dezembro, mas o término das aulas foi antecipado para o dia 30 (trinta) de novembro devido à falta de transporte para os alunos da zona rural porque a prefeitura da cidade, que faz parceria com o Estado no tocante à divisão das despesas com o transporte escolar, para conter

gastos, não ofereceu esse serviço no mês de dezembro. Assim, foi bem difícil no final da sequência didática para realizarmos todas as tarefas que previa, mas conseguimos concluir.

Apresentamos agora o esquema da sequência didática baseada em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), que utilizamos para o trabalho com os alunos.



(Fonte: DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 98)

Conforme esse esquema de SD apresentada pelos autores, o trabalho sistematizado em sala de aula para alcançar determinado resultado deve partir da *apresentação da situação* em que o professor descreve para os alunos o que farão durante as aulas seguintes. Após esse esclarecimento do projeto de produção de um determinado gênero textual, o professor solicita a *primeira produção* para avaliar os conhecimentos que os alunos já detêm sobre o gênero textual abordado e as dificuldades apresentadas para poder elaborar atividades com o objetivo de sanar essas dificuldades. De posse dessa primeira produção, o professor então, elabora várias atividades organizadas em *módulos* para trabalhar de forma sistemática e aprofundada os problemas apresentados na primeira produção. Por fim, o professor após essas várias atividades trabalhadas, solicita uma *produção final* a fim de verificar como os alunos põem em prática os conhecimentos adquiridos e, assim, medir os avanços apresentados em relação à primeira produção.

Passamos agora a apresentação do resumo do quadro da Sequência Didática aplicada.

Ações didáticas propostas Gênero textual: Editorial	Carga horária
<p>1. Apresentação da situação</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a proposta de trabalho a qual será aplicada em sala de aula; • Entrar em contato com a argumentação e o editorial. • Detectar conhecimentos iniciais dos alunos a partir do questionário: <div style="border: 2px solid black; padding: 10px;"> <p>Escola Estadual José Joaquim – Coronel Ezequiel/RN</p> <p>Disciplina: Português Professora: Ruth Faustino</p> <p>Aluno(a): _____ 9º ano</p> <p style="text-align: center;">Questionário de pesquisa</p> <p>1- Idade: _____</p> <p>2- Onde você mora? () zona urbana () zona rural</p> <p>3- Você costuma ter acesso a revistas com frequência? () Sim () Não</p> <p>4- Qual a revista que lhe chamou mais a atenção para querer comprar e ler? () Veja () Minha Novela Por quê? _____</p> <p>5- Dos gêneros textuais publicados nas revistas que você leu na sala de aula, quais chamaram mais sua atenção? () Editorial () charge () notícias () horóscopo () anúncio publicitário () celebridades () sinopse de filmes () artigo de opinião</p> <p>6- Lendo e analisando o gênero textual Editorial, você o classificaria como sendo: () narrativo () descritivo () argumentativo</p> <p>7- Que tipo de assunto você imagina que é tratado em um editorial de uma revista? _____ _____</p> </div> <p>Procedimentos metodológicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentar para os alunos a proposta de trabalho com o gênero textual Editorial. Distribuir entre os alunos alguns exemplares de 	12 aulas

revistas Veja e Minha Novela a fim de terem contato com esse suporte e o gênero Editorial. Após isso, aplicar um questionário de pesquisa.

- Levar para a sala dois editoriais: um da revista Veja e outro da revista Minha Novela para comparar os dois tipos.
- Levar para a sala de aula cópias da reportagem

Materiais Utilizados:

- Textos do gênero editorial publicados em revistas;
- Papel;
- Lápis;
- Retroprojeter
- Cópia do questionário.

Avaliação

- Participação nas aulas;
- Resolução das atividades.

Atividades

Atividade 1 Reportagem “A Rússia na encruzilhada” (04 de julho de 2018)

Com base na reportagem lida, responda:

- 1- Quando essa reportagem foi publicada? Em que veículo?
- 2- O que estava acontecendo no mundo nessa época?
- 3- Quem é o autor dessa reportagem?
- 4- Qual o tema dessa reportagem?
- 5- A reportagem aponta um dado que na Copa do Mundo de 2018 foi investido aproximadamente 10 bilhões de dólares, cerca de 38 bilhões de reais. O que você acha desses eventos que gastam tanto dinheiro? É realmente necessário tudo isso?

Atividade 2:

Com base nos editoriais lidos (Veja, 04 de julho; Minha Novela, 08 de junho de 2018), responda:

- 1- Qual o editorial que você mais gostou? Por quê?
- 2- O editorial de que revista tem a linguagem mais fácil de compreender? Por que você acha que esse editorial tem a linguagem dessa forma?
- 3- Qual o tema do editorial da revista Veja?
- 4- Qual o tema o editorial da revista Minha Novela?
- 5- Qual a data da publicação?
- 6- Levando em conta quando os editoriais foram publicados, esses temas abordados nos editoriais são relevantes? Por quê? Parece relacionado a alguma notícia ou reportagem do mesmo período?
- 7- Em que parte da revista foi publicada esses editoriais? Levante hipóteses sobre os motivos de ter sido publicado nessa parte?

- 8- Quem é o autor do editorial da revista Veja? Além do nome, há mais informações sobre ele?
- 9- Quem é o autor do editorial da revista Minha Novela? Além do nome, há mais informações sobre ele?
- 10- Para que tipo de leitor o editorial da Veja se dirige? Que importância essas informações podem ter para esse leitor?
- 11- Para que tipo de leitor o editorial da Minha Novela se dirige? Que importância essas informações podem ter para esse leitor?
- 10- Com que finalidade esse assunto é abordado? Comente sobre o assunto das duas revistas.
- 11- O editorial da revista Veja faz referência à reportagem “A Rússia na encruzilhada”? Como você consegue perceber isso?
- 12- Considerando que se trata de textos argumentativos, que ideia ou tese o autor parece defender? Quais os argumentos?

Após recolher as respostas dos alunos, mostrar-lhes algumas noções sobre argumentação e características dos editoriais:

- Costumam circular em veículos tipicamente jornalísticos e de grande penetração popular: jornais impressos e revistas.
- Geralmente são escritos por alguém que represente a empresa como o editor-chefe ou algum outro jornalista de fale em nome de toda a equipe.
- Abordam assuntos e/ou acontecimentos polêmicos atuais, recentemente noticiados e de interesse público. Geralmente tratam de assuntos abordados na mesma edição.
- Têm como objetivo defender uma opinião, a qual é apresentada com base em argumentos coerentes e consistentes.
- Costumam vir sem assinatura, para demonstrar que se trata de uma opinião não pessoal e sim de toda uma equipe de jornalistas.
- Portanto, o editorial é um gênero jornalístico argumentativo.

Atividade 3: Diferenciando gêneros textuais

Objetivos:

- Reconhecer o Gênero Editorial.
- Relacionar e diferenciar Charge de Editorial
- Refletir sobre a problemática do aborto.
- Desenvolver o espírito crítico em relação aos problemas sociais.

- Perceber os modos de argumentação entre gêneros textuais diferentes.

Procedimentos metodológicos:

- Levar para a sala uma charge e um editorial da revista Veja, ambos tratando sobre o aborto.
- Fazer perguntas sobre o conteúdo da charge e do editorial.
- Levar para a sala de aula cópias dos textos.

Recurso utilizado:

- Cópia dos textos.

Avaliação:

- Participação nas aulas respondendo as questões feitas;
- Realização da leitura dos textos.

Texto: Carta ao Leitor: A lei do aborto (Revista Veja)

Publicado em VEJA de 15 de agosto de 2018, edição nº 2595, publicado no site

<https://veja.abril.com.br/revista-veja/carta-ao-leitor-a-lei-do-aborto/> acesso em 30/08/2018 às 21h52min

Proporcionar uma discussão sobre o Editorial lido:

- 1- Qual é a questão polêmica que o artigo discute?
- 2- Quem é o autor? Vem assinado por ele o texto?
- 3- Onde o texto foi publicado?
- 4- Como o autor retoma a questão polêmica em seu texto?
- 5- Para que tipo de leitor ele se dirige? Que aspectos do texto remetem a esse leitor?
- 6- Que posição, ou tese, o autor defende?
- 7- O Editorial lido apresenta pontos de vista de pessoas que discordam dele?
- 8- Que argumentos são utilizados para defender e/ou fundamentar essa tese?

Atividade 4: Praticando a argumentação

Objetivos:

- Reconhecer e selecionar argumentos.

- Perceber o que é estratégia argumentativa.
- Desenvolver a argumentação oral.

Procedimentos metodológicos:

- Realizar com os alunos um debate regrado sobre temas polêmicos relevantes da sociedade.
- Dividir a turma em grupos para realizar os debates. Esses grupos serão compostos de igual número de participantes, sendo um grupo a favor e outro contra a temática discutida.
- Analisar com os alunos como se faz a escolha de bons argumentos.
- Definir os temas para o debate de acordo com a escolha dos alunos.
- Apresentar aos alunos algumas noções sobre estratégia argumentativa e questão polêmica.

REFERÊNCIAS

- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro]. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- MELO, M. J. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- SOARES, Neiva Maria Machado. **Gêneros textuais em foco: argumentação em textos opinativos**. Curitiba: Appris, 2016.
- SOUZA, M. M. de. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. Recife, 2006. Tese (Doutorado em Linguística). UFPE.

Pense antes de agir

- 1 Nós vamos contra o aborto devido
 2 que o aborto não seja uma coisa
 3 moral para as mulheres que fazem
 4 o aborto sem pensar o aborto é uma
 5 coisa que a mulher não pode fazer
 6 o aborto pode levar a mulher até a
 7 morte e muito perigoso, fazer um
 8 aborto sem mulher que faz um aborto
 9 em casa mas não pode fazer em casa
 10 um aborto pode ser perigoso.
 11 Quanto a mulher faz um aborto
 12 por ser que ela não tem o
 13 aborto por isso que ela faz o aborto
 14 mas não sabe da criança se, ou
 15 então pode ser acontecido alguma coisa.
 16 O aborto é um crime mas a decisão
 17 de a mulher que fazer, tem um jeito
 18 de pensar em fazer de pensar antes de
 19 fazer o aborto as vezes nem da
 20 vida o aborto.
 21 Ita acontece mais no Brasil, o aborto,
 22 muitas mulheres fazem o aborto
 23 fazendo a vida dela em risco
 24 fazendo uma coisa que não deve
 25 fazer nunca o aborto.
 26
 27
 28
 29
 30

A Liberdade da mulher

Em razão da cultura hegemônica e até mesmo, repressiva, muitas vezes a mulher tem que lutar por seus direitos de cidadão e que quer do lado de dentro a atualização dos direitos. Ante a importância que se tem uma igualdade indefinida, dá a importância da liberdade de expressão.

No Brasil ainda não tem liberdade e ainda tem que lutar porque não ajuda as mães tem rendimentos de impostos mais de um filho que muitas delas não de baixa renda.

As que trabalham para fazer aborto clandestino e muitas mulheres são ajudadas financeiramente e tem igualdade indefinida e muita delas tem que lutar da liberdade que muita delas vezes as crianças nascem e são abandonadas pelos pais.

O Brasil a legalização da igualdade não pode ter uma hipoteca eliminada completamente um direito de muitos indivíduos em nome que não tem uma legalidade.

23
 24
 25
 26
 27
 28
 29
 30

Produção textual – Gênero Editorial

Alvorço

P.3

- 1 O Alvorço é um modo da
 2 grandeza tirar a vida do seu filho,
 3 a Guine não tem culpa de nada,
 4 Alvorço é uma decisão difícil por
 5 um homem não é por nada e um
 6 porque um homem não é um homem
 7 uma mulher de mau ou não tem
 8 condições de tirar seu filho. O Alvorço
 9 para muitos pessoas e Guine mas
 10 para muitos é um modo de vingança
 11 então um homem deve pensar
 12 muito mais antes de tomar essa
 13 decisão e Alvorço deveria ser tomar
 14 Guine porque mesmo assim essas
 15 pessoas estão tirando a prospera
 16 vida do seu filho.
- 17
 18
 19
 20
 21
 22
 --

- 1 O aborto no Brasil
 2 Hoje em dia no Brasil a legalidade é permitida em
 3 três casos, caso de risco de vida, gravidez resultadora
 4 de estupro e anencefalia fetal, e proibido em todas as
 5 demais casos.
 6 Muitas dizem que são as mulheres sem estrutura fami-
 7 liar que abortam mais vezes.acho que não tem por
 8 tal parte de mulheres que são atingidas. Por esta lei,
 9 muitas mulheres sofrem drasticamente com a pobreza
 10 e pela obrigação de ser mulher, essas questões e tripla-
 11 mente mais difícil quando elas ficam grávidas. Pois e-
 12 las são obrigadas a serem responsáveis, já que na maioria das
 13 vezes não tem pai para se responsabilizar por seus atos
 14 elas acabam deixando a responsabilidade toda na
 15 mão da mulher.
 16 Por isso que o aborto deve ser uma escolha da
 17 mulher em questão a isto, pois se trata também do seu
 18 corpo, em muitos casos a gravidez não é planejada,
 19 mesmo sendo uma vida, nem sempre estamos prepara-
 20 das para sustentar que vivas pela frente.
 21 Hoje em dia vemos que o número de aborto tá
 22 em aumentando bastante e junto com isso vem a duvi-
 23 da sobre ser ou não tornar legal o aborto no Brasil,
 24 acima de tudo, mesmo sabendo que é um fato, tem rei-
 25 da de todo feito, e um aborto para matar uma vida
 26 de tem ser que não tem culpa de nada
 27 _____
 28 _____
 29 _____

Produção textual – Gênero Editorial

P. 7

1 Aborto

2

3 Liberdade de escolha ou crime: espantões ou
 4 conduzido, por problema social ou financeiro. As
 5 vezes pelo estupro ou pela deficiência física do feto,
 6 mãe imposta, esta mulher ficará por sempre no
 7 intimo e no preconceito de cada mulher que fez
 8 ou não fazer o aborto. Uma consequência de poder ter
 9 feito algo para evitar o acontecido.

10 Notamos que o aborto tem várias consequências,
 11 na vida física, talvez física, ele tem problemas na
 12 saúde quando pelo o aborto mal sucedido. Ou
 13 até mesmo a mãe do bebê. Além disso, existem
 14 vários métodos contraceptivos para evitar a grav-
 15 idez e o aborto.

16 É claro que o homem e a mulher não tem
 17 maturoidade suficiente para lidar com tamanho
 18 responsabilidade, porque se tivesse não choraria
 19 o aborto. A gravidez tem que ser uma coisa
 20 planejada e não fazer um filho, e quando se tem
 21 do médico, partir para o aborto.

22 É quem afirma que a criança indígena tem
 23 educação, comida, saúde e moradia? Crianças muitas
 24 vão abandonadas, esquecidas, abandonadas. O papel
 25 da família também é fundamental para evitar essas
 26 consequências.

27 Por fim, evitar a melhor solução da que
 28 temos a vida de um inocente sem nenhuma
 29 culpa.

30

31

Produção textual – Gênero Editorial

O Aborto é ilegal

P. 8

- 1 O aborto padroniza dizer que ele é um crime, e que nemh-
- 2 uma pessoa pode tomar uma decisão dessa, a pessoa que lo-
- 3 tá dentro da barriga, e tá lá se você abalou e paralisou
- 4 ele vai está sempre anestesiado, mas o bebê não tem nemh-
- 5 uma forma de se defender e não tem como alguém ajudar.
- 6 No Brasil as mulheres são as que mais abusam coisas,
- 7 as mulheres podem usar uma de umas formas simples,
- 8 remédios e preservativos, mas coisa as duas o parceiro e a
- 9 mulher tem que se prevenir na hora que for fazer o sexo
- 10 e também existe pastilhas sobre assuntos desse tipo, e não
- 11 tomar uma decisão errada que pode se arrepender depois.
- 12 Isso é bem claro, que quando duas pessoas começam
- 13 a ter relacionamentos sexuais pode tomar a rua de terem
- 14 um bebê, as não usam os preservativos e remédios. Os
- 15 preservativos servem também para proteger doenças e
- 16 não parar um pro outro.
- 17 Na vida as vezes mais são humanas fazemos
- 18 coisas que depois se arrependemos e algumas das
- 19 coisas que voltam atrás. E quando for se arrepender
- 20 já é tarde de mais, e muitas horas que vem o arrepe-
- 21 do, e eles se dão por culpa de muito nervoso e que no
- 22 fim não se faz nada.
- 23 Além de deixar nervosos, elas ficam loucas, e as pessoas
- 24 começam a fazer coisas erradas, principalmente as
- 25 adolescentes de hoje em dia, se inspiram coisas que
- 26 não foi planejado, e coloca na cabeça que não quer ter
- 27 filhos agora, e a única decisão que resta é o aborto.
- 28 E isso está se tornando muito normal no Brasil as
- 29 pessoas continuam fazer a maioria das coisas sem pensar,
- 30 isso faz se tomar qualquer coisa importante e
- 31 acaba eliminando a chance de fazer coisas erradas
- 32 pela o mundo. "PENSE ANTES DE AGIR"
- 33
- 34
- 35

Produção textual - Gênero Editorial

P. 9

- 1 Aberto perigo para humanidade.
 2 _____
 3 Concordamos que o aberto é um perigo para so-
 4 cidade, pois se trata de um ser humano que está
 5 na barriga.
 6 Atualmente a pessoa que quer fazer o aberto
 7 é a pra ter os parâmetros, pois existem muitas mane-
 8 iras de se preserir usando parâmetros.
 9 Além disso as pessoas que foram submetidas
 10 sexualmente usam para uma cura de tratamen-
 11 to.
 12 Por um lado quem deve ajudar as pessoas
 13 que foram submetidas é a governança, como um
 14 salário para ajudar até as 24 horas, concordamos
 15 com isso.
 16 _____
 17 _____
 18 _____
 19 _____
 ~

TODOS QUE SÃO AFAVOR DO ABORTO JÁ NASCERAM.

- 1 É evidente que o aborto vem sendo cada vez
 2 mais popular na sociedade, abalando
 3 com direitos de muitas mulheres. Sendo que
 4 o aborto é a interrupção da gravidez e
 5 preciso estar ciente de que vai estar interrom-
 6 pindo uma vida.
 7 Com isso, atualmente a legislação de Brasil,
 8 não deixando de lado a vida da mulher em
 9 risco, permite que em casos de estupro, ou
 10 o bebê desenvolva anencefalia durante a
 11 gestação. Ainda assim muitas mulheres ainda
 12 estão realizando o aborto de forma
 13 irregular e perigosa, colocando em risco sua
 14 própria vida.
 15 Mesmo com o aborto sendo legalizado
 16 pelas mulheres, a falta de informação
 17 sobre o assunto ainda é evidente, pois
 18 aborda questões religiosas, éticas e morais.
 19 Contudo é importante falar sobre o aborto,
 20 reforçar o uso de preservativos em uma relação
 21 sexual, tanto para a mulher como para o
 22 homem, reforçar a segurança para que a
 23 mulher não seja um estupro ou gravidez
 24 indesejada. Cuidando de sua saúde física
 25 e mental, lembrando que todos merecem
 26 nascer.
 27 _____
 28 _____
 29 _____
 30 _____

1 Aborte um direito ou uma Prática?
 2 Aborte dia após dia, sempre que o número
 3 de abortos tem aumentado e junto com isso, vem
 4 a dúvida deve-se ou não, fazer legal o abor-
 5 to no Brasil
 6 No Brasil, aborto é uma questão, que está
 7 em discussão a mais de dez anos. O aborto
 8 durante um período, no País até os dez pri-
 9 meiros anos, segundo, exemplo de Cuba,
 10 no País, como cultura.
 11 O aborto deve ser uma escolha, da mulher
 12 em questão, pois se trata de seu corpo em
 13 suas mãos, a decisão, não é planejada
 14 as circunstâncias, porém, que não é abor-
 15 to deve-se legalizar, muitas mulheres
 16 maneja, porque ainda não, tem seu cor-
 17 po fisicamente preparado para uma gravidez
 18 no Brasil a legalidade é permitida em
 19 três casos: caso de risco de vida, gravi-
 20 dez ou desenvolvimento de estupro e anencefalia fetal
 21 é a Prática em todas as demais casos.
 22 Prática no Brasil o aborto é considerado
 23 durante um crime com pena prevista em
 24 lei de 1 a 3 anos de detenção, para gestante
 25 e de 1 a 4 anos de reclusão, para o médico
 26 ou qualquer outra pessoa.
 27 Acima de tudo, isso vive uma parcela
 28 das circunstâncias que não mantêm seu
 29 marido e ainda, um filho já tem vida, e
 30 o aborto seria retirar a vida de um ser
 31 que não tem culpa de nada.
 32
 33

Produção textual - Gênero Editorial

O Aborto

P. 12

- 1 O Aborto é um assunto bem polêmico da sociedade
 2 todo no Brasil, uma grande quantidade de pessoas
 3 concordam com ele até, porém outras grande em
 4 contra e totalmente contra, mas algo que todo ser
 5 humano deve pensar muito bem antes de fazer, é
 6 uma decisão muito difícil de ser tomada. Em
 7 todos os aspectos pessoais, muito vezes não tem ninguém
 8 na de quem está acabando com uma vida sem um
 9 nome ter caráter de caráter, e não pensar na comu
 10 nidade com essa vida que está dentro delas.
 11 No Brasil o aborto é muito mais importante da de
 12 outras como algo de umano, é realmente é algo
 13 desumano, mas está acabando com uma vida
 14 que ~~o~~ tem dentro de nós, existem algumas
 15 vezes sem que estar dentro disso, antes de pensar
 16 em fazer.
 17 _____
 18 _____
 19 _____
 20 _____
 .. _____

Diga não ao aborto!

1
2
3 devemos nos conscientizar de que o
4 aborto não torna ninguém melhor mas
5 nos tornamos insensíveis com nossas
6 escolhas, sem medo de errar de novo.
7 Queremos abortar, que podem perder
8 com essa decisão. Por exemplo: a oportu-
9 nidade de formar uma família de pai
10 mãe sabemos que não é um trabalho
11 fácil, mas vale a pena todo o esforço.
12 Já que queremos o melhor para nós,
13 também devemos pensar no melhor
14 para o bebê, e não ir logo para o
15 aborto, porque isso também não seria
16 bom para nós.
17 Contudo essa lei sobre legalizar o
18 aborto, ainda está sobre aprovação,
19 caso essa lei for aprovada seria
20 uma grande perda para nós mais de
21 1000 mulheres morrem tentando o aborto.
22 Em razão de não procurarem ajuda
23 com alguém ou atendimento médico
24 essa fatalidade acontece com as
25 mulheres e os bebês.
26 Em resumo devemos afirmar que
27 não podemos legalizar o aborto,
28 porque parando pra pensar aborto é
29 crime.
30
31
32
33

